Arthur Miller

A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE

Arthur Miller

A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE

ABRIL CULTURAL

Arthur Miller

Death of a Salesman

A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE

Tradução de Flávio Rangel

ABRIL CULTURAL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Sílvio Faria. Richard Civita. Roberto Civita

1980

DIVISÃO DE FASCÍCULOS E LIVROS
Diretor-Gerente: Roger Karman
Diretor do Grupo de Publicações: Roberto Martins Silveira

CONSELHO EDITORIAL
Diretor: José Américo Motta Pessanha
Editor-Chefe: Paschoal Miguel Forte
Secretário Editorial: Remberto Francisco Kuhnen
Serviços Editoriais Auxiliares: Marlene de Fátima Alves Merajo
Diretor de Arte: Eduardo Barreto Filho
Chefe de Arte: Gerson Reis Jr.
Assistentes de Arte: Rosângela Lopes Lourenço e Satikc Arikita

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Gerente de Produto: José Ricardo Calil
Assistentes: Denise Maria Mozol. Henrique Miguel DAngelo Rossi

ILUSTRAÇÃO DAS GUARDAS:
Cenas das primeiras montagens de A Morte do Caixeiro-Viajante (1949). dirigida por Elia Kazan.

CIP Brasil. Catalogação-na-Fonte Câmara Brasileira do Livro, SP

A morte do caixeiro-viajante / Arthur Miller; tradução de Flávio Rangel. São Paulo

: Abril Cultural, 1980.

1. Teatro estadunidense I. Pedreira. Brutus, 1904-1964. II.

Miller, Arthur, 1915 III. Rangel. Flávio, 1934- IV. Título: A morte do caixeiro-viajante.

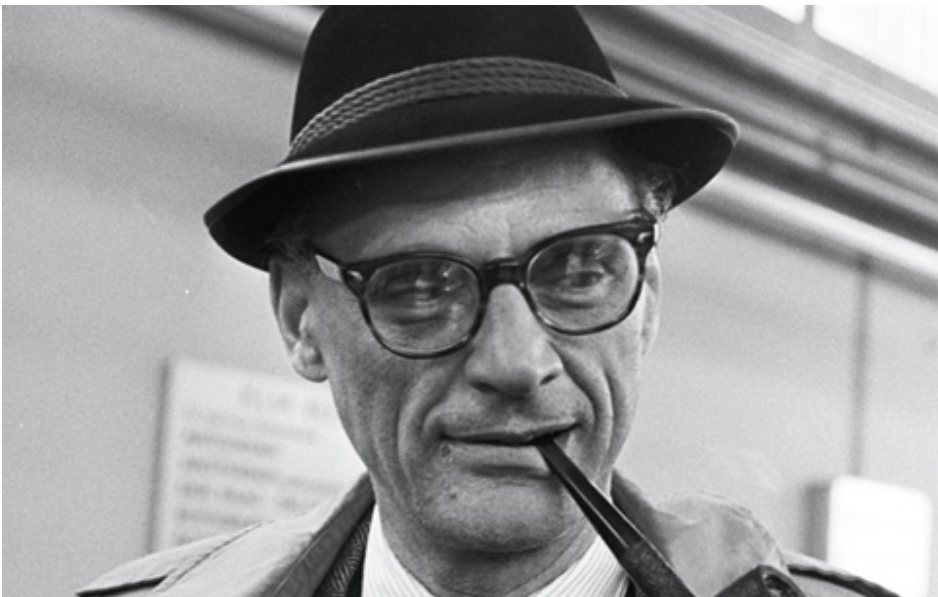
78-0912 CDD-812.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Século 20 ; Teatro ; Literatura estadunidense 812.5

2. Teatro : Século 20 : Literatura estadunidense 812.5

Composto e impresso nas oficinas da Abril S.A. Cultural e Industrial,
caixa postal 2372. São Paulo

ARTHUR MILLER *(1915- 2005)*

VIDA E OBRA

(Introdução a A Morte do Caixeiro-Viajante)

Não era sonho. Pela terceira vez seu nome cintilava no luminoso de um teatro da Broadway; a atraente, a implacável, a antropofágica Broadway — meta de todos os autores americanos de sua geração. Arthur Miller, o menino de Harlem, o jovem da Universidade de Michigan, o magro, o tímido, o desajeitado Miller ia estrear mais uma vez.

O Teatro Morosco estava repleto naquela noite fria de 10 de fevereiro de 1949. Arthur Miller, muito tenso, recebia cumprimentos, abraços, acenos, sorrisos. Daria tudo certo, asseguravam-lhe. Tudo saíra muito bem na pré-estréia, realizada em Filadélfia. Diante da temível Broadway, porém, Miller não estava certo de coisa alguma, a não ser de que gostava do título de sua peça — A Morte do Caixeiro-Viajante —, apesar de tantos o considerarem absurdo.

Havia motivos para tanta apreensão. O espetáculo teria que agradar à toda-poderosa crítica nova-iorquina ou estaria condenado, em poucos dias, a uma retirada vergonhosa. Passeando os olhos pela platéia, o dramaturgo pensava na importância que teria para aquela multidão, vivendo no clima de

prosperidade do após-guerra, a vida e a morte de um homem tão simples e insignificante como um caixeiro-viajante.

O clima nos bastidores também era de preocupação. Elia Kazan, diretor do espetáculo, dava ordens impacientes ao pessoal das coxias. Do iluminador ao cenógrafo, do contra-regra ao figurinista, todos participavam da mesma expectativa.

Ao terceiro sinal, os atores já estavam no palco. Miller viu Arthur Kennedy, Cameron Mitchell, Mildred Dunnock, apagados atrás das personagens de Biff, Happy e Linda.

Fingindo que não estavam sendo vistos, os membros da família Loman existiam e estavam prontos a viver suas vidas na casa montada em cena. Quando a cortina se abriu e o caixeiro-viajante entrou em cena carregando duas pesadas malas, não foi o ator Lee J. Cobb que Miller viu, mas o próprio Willy Loman, que chegava de mais uma viagem, desesperançado e perdido.

No momento em que o pano de boca se fechou, a Broadway ouviu um dos mais longos e entusiásticos aplausos de sua história. Os críticos saudaram A Morte do Caixeiro-Viajante como a "melhor e mais importante peça contemporânea americana".

"UM AUTOR ESCREVE COM OS OUVIDOS"

Arthur Miller descobriu muito cedo que, por mais restrito que fosse o espaço de um homem em Nova York, ele não poderia se furtar ao contato com mundos diferentes do seu. Nova York é um grande arquipélago de raças e culturas, pequenas ilhas particulares de contornos definidos, que vivem praticamente à margem da cultura americana. Entre o Harlem e o Brooklín, onde viveu os primeiros dezenove anos de sua vida, Arthur Miller percebeu que havia, em cada uma daquelas numerosas ilhas de imigrados, diferentes hábitos, feições, sons e odores.

A cidade ensinou-lhe muitas coisas, mas, principalmente, aguçou-lhe a audição. E como "um autor escreve com os ouvidos", segundo suas próprias palavras, aqueles anos vividos nos bairros pobres da cidade teriam enorme importância na construção de sua obra literária.

Miller também fazia parte de uma daquelas ilhas espalhadas ao longo do Harlem, Brooklin e Bronx. Sua família era judia.

Isadore Miller, seu pai, foi um daqueles pequenos industriais arruinados pela crise econômica de 1929. Com a falência, a família viu-se obrigada a mudar da casa confortável no East Side Manhattan, onde Arthur nascera a 17 de outubro de 1915, para uma zona mais modesta, no Harlem.

Quando Arthur terminou o curso secundário, em 1932, todos os sonhos acalentados pelo velho Isadore em relação ao filho tinham desmoronado: a família não tinha condições de sustentá-lo numa Universidade.

Com o país mergulhado na grande depressão, Arthur Miller juntou-se aos milhares de desempregados à espera de uma possibilidade de colocação. Com alguma sorte, conseguiu seu primeiro emprego: chofer de caminhão. Depois tornou-se, consecutivamente, garçom, marinheiro e, finalmente, empacotador numa fábrica de autopeças.

Em 1934, com a ajuda da *National Youth Association* (Associação Nacional da Juventude) e um emprego de redator no *Michigan Daily*, ingressa na Universidade de Michigan, para concretizar um velho sonho: um curso de dramaturgia.

Nos quatro anos de escola, Arthur Miller consegue firmar junto aos professores e colegas a imagem de um dramaturgo promissor. Escreve algumas peças, ganha dois prêmios de quinhentos dólares e é convidado, no final de seu curso, para participar do *Federal Theatre Project* (Projeto Federal de Teatro).

Não havia quem não se alegrasse com a companhia do bem-humorado Willy. Ele tinha tudo: bons amigos, uma mulher sensível e filhos que eram um sucesso na comunidade.

A estabilidade oferecida por esse emprego deu-lhe condições para se casar, em 1940, com sua namorada da época da Universidade, Mary Slattery. Mas a tranqüilidade que desfruta nessa época é logo desfeita. Miller contrai uma doença pulmonar que o obriga a demitir-se do Projeto Federal de Teatro e a afastar-se, durante algum tempo, dos problemas do teatro americano. Os tempos eram difíceis: Mary trabalhava enquanto ele convalescia, sem ânimo para nada.

Sem recursos para continuar o tratamento, segue para Nova York, onde imagina não ser difícil para um homem, mesmo doente, conseguir trabalho. O país acha-se empenhado no grande esforço de guerra e Miller acaba por dar a sua contribuição, em-pregando-se como ajustador no Arsenal da Marinha.

Sentindo uma vontade irresistível de escrever, registrou esse tempo de guerra num roteiro para o cinema, *Normal Situation* (Situação Normal), publicado em 1944. O teatro também volta a entusiasmá-lo. Escreve um nova peça, O Homem que Teve Toda a Sorte (*The Man Who Had Ali the Luck*), porém sem muitas esperanças de vê-la montada. Mas criou coragem e procurou o diretor Joseph Fields. Para sua surpresa, Fields aceita o desafio e monta a peça no Forest Theatre da Broadway. A crítica considerou-a "inexperiente" e "didática".

Quatro récitas depois, o espetáculo era retirado de cartaz.

Miller não tinha muito tempo para se abater com o fracasso. Os jornais e o rádio informavam a cada momento sobre a guerra.

Como qualquer homem, ele sentia o peso de sua impotência diante da sorte de milhares de pessoas condenadas à morte. E, como sua única arma era a literatura, começou a escrever um romance de denúncia contra o anti-semitismo, Focus, publicado no final da guerra, em 1945.

O COMPROMISSO

Maio de 1945. Discursos, bandas, desfiles em carros abertos, toneladas de papel picado são lançados do alto dos edifícios para comemorar o fim da guerra. A América é a grande vencedora. Mas — e os mortos? Arthur Miller pergunta-se, diante dos soldados sobreviventes, quanta gente a guerra não teria enriquecido às custas do sacrifício de vidas humanas.

Cena de As Feiticeiras de Salém, uma alegoria sobre o abuso do poder e suas conseqüências na política cultural norte-americana.

Com base nessa idéia, nasceu Todos Eram Meus Filhos (*All My Sons*, 1947), onde o autor denuncia a ação criminosa de um fornecedor de material bélico defeituoso, responsável pela morte de vários pilotos.

A peça estreou em 1947, no Coronet Theatre da Broadway, sob a direção de Elia Kazan. É o seu primeiro grande sucesso, e a crítica passou a apontá-lo como a mais recente esperança do teatro americano, concedendo-lhe um prêmio importante — o do Círculo dos Críticos Teatrais de Nova York.

Mas o jovem e promissor dramaturgo ganhou também, com Todos Eram Meus Filhos, o desconfortável rótulo de esquerdista. A peça é proibida na Europa — nas regiões ocupadas pelo Exército americano — e, dentro dos Estados Unidos, levanta-se uma campanha no sentido de dificultar sua encenação.

Miller aceita a acusação. Prefere ser um autor incômodo, como Ibsen — seu modelo — o fora no século passado. "Nunca escreverei uma peça a que não goste de assistir" — declara aos jornalistas. E, para ele, escrever naquela época do após-guerra era, na verdade, desmistificar um pouco os sonhos da América.

Discreto e convincente como Ibsen, Miller envereda com segurança pelo drama social, colocando no centro da ação o conflito do indivíduo face à coletividade. O grande público e a crítica parecem aceitar o desafio.

O sucesso alcançado por A Morte do Caixeiro- Viajante *(Death of a Salesman*) é uma prova disso. A peça permanece durante meses em cartaz,

concedendo ao seu autor os maiores prêmios do teatro americano: o do Círculo dos Críticos, o Antoinette Perry e o cobiçado Pulitzer. E um fato curioso: é a primeira peça a ser incluída na relação dos livros editados pelo popular Clube do Livro. Hollywood compra os direitos da filmagem e elencos do mundo inteiro disputam a encenação do texto.

No mesmo ano, em 1949, A Morte do Caixeiro-Viajante estréia em Nova York e em Londres. Na versão inglesa, Paul Muni, veterano ator de cinema e teatro, interpreta o papel de Willy Loman. Dois anos depois, a peça é apresentada no Teatro Glória, no Rio de Janeiro, com Jaime Costa no papel principal.

As montagens se multiplicam. Em 1952, a peça é encenada em Paris e no Teatro Nacional da Bélgica. O papel de Willy Loman é interpretado na França por atores importantes como Claude Dauphin e Jean Louis Barrault. A crítica do mundo inteiro considera A Morte do Caixeiro- Viajante uma obra-prima.

O sucesso estava ao lado de Arthur Miller. Por quanto tempo?

A América entrava na década de cinqüenta sob o signo do medo. O comitê de atividades antiamericanas do senador McCarthy estava disposto a deter todos que estivessem direta ou indiretamente envolvidos com atividades consideradas esquerdistas. Arthur Miller era um dos intelectuais situados na mira da comissão de investigações.

Miller parecia ignorar as ameaças. Trabalhava na pesquisa para uma nova peça que terminaria em 1953, As Feiticeiras de Salém (*The Crucible*). Tratava se de um processo verídico contra alguns implicados em práticas demoníacas, ocorrido em 1692. A história deixava claro que, em qualquer tempo, a caça às feiticeiras permitia um tal abuso de poder por parte de quem o detinha, que os implicados viam-se privados das mais ínfimas condições de defesa.

Apesar de muito remota no tempo, a alusão é clara e depressa percebida pela extrema direita. O cerco se fecha cada vez mais em torno do dramaturgo. Era só uma questão de tempo.

Willy Loman entra em cena: carrega suas malas e 34 anos de viagens sucessivas nos ombros. (Na foto, Jaime Costa.)

Enquanto aguardava, Miller trabalhava em duas peças em um ato, Panorama Visto da Ponte *(A View From The Bridge*) e Lembrança de Duas Segundas-Feiras (*A Memory of Two Mondays*), montadas em 1955 no Coronet Theatre. Em Panorama Visto da Ponte ele coloca mais uma vez o tema da delação. A peça desenrola-se num bairro de Nova York, composto, na sua maioria, por italianos e seus descendentes; nela, talvez mais do que em qualquer outra, o conhecimento do autor dos dialetos da cidade serviu admiravelmente à caracterização das personagens.

ANTES E DEPOIS DA QUEDA

Em 1956, Miller foi finalmente convocado a depor no comitê de atividades antiamericanas do senador McCarthy. O inquérito se prolongou durante meses porque o acusado, de acordo com fontes oficiais, "era pouco cooperativo". O processo se arrastou até 1957, quando Miller, impassível, recebeu a notícia de sua condenação: trinta dias de prisão. Ele cumpriu a pena cercado de grande publicidade: acabara de se casar com a famosa atriz Marilyn Monroe.

Fotos, entrevistas para jornais, rádio, cinema e televisão. Todos desejavam ouvir o notável casal. Alguns jornalistas chamavam-no de Pigmalião, e Marilyn, de Galatéia. Comentava-se que o marido dramaturgo transformaria MM, símbolo do sexo no cinema americano, numa atriz de verdade. Mas omitia-se que Marilyn já era uma atriz disposta a explorar suas possibilidades dramáticas quando Miller a conheceu, em 1955, no Actor's Studio. A verdade, porém, é que o resultado desse casamento foi uma grande catástrofe para ambos.

Durante sete anos Miller não escreveu nada, a não ser um roteiro para o cinema, *The Misfits* (Os Desajustados), filmado, em 1961, por John Huston e interpretado por um trio admirável de atores do cinema americano: Marilyn Monroe, Clark Gable e Montgomery Clift. As filmagens foram realizadas no sudoeste dos Estados Unidos e Miller não as acompanhou até o fim. O casal já estava decidido a divorciar-se. Continuariam "bons amigos", afirmavam, mas estava tudo acabado.

No início de 1962, Miller casa-se com a fotógrafa alemã Inge Morath. Em agosto, Marilyn suicida se em Hollywood. Embora não houvesse relação entre os dois fatos, o autor cairia em grande depressão Angustiado e confuso, recolhia dentro de si mesmo material para sua próxima peça, Depois da Queda (*After the Fall*), que estrearia em janeiro de 1964, no Lincoln Center de Nova York.

Cena do filme baseado em A Morte do Caixeiro-Viajante.
Dirigido por Laslo Benedek, Frederic Marchfoi um extraordinário Willy Loman.

A personagem feminina mais importante da peça é Maggie, cantora famosa que se liga a Quentin, um advogado bem sucedido, numa relação dilacerante. Quentin, personagem e narrador, conta a história dessa relação e a sua própria história, fazendo desfilar seu passado em cena.

Maggie está presente em sua memória como uma mulher carente, que ele não soube compreender. Quentin sente-se miserável porque não consegue dar felicidade às suas parceiras, e, principalmente, porque não pôde impedir a destruição de Maggie. Quase destruído, ele afinal se apega a uma nova companheira, Holga, decidido a recomeçar mais uma vez. Com esse apelo de esperança, quase uma justificativa para continuar a viver, Quentin supera sua queda. Mas e a de Maggie? Quando o público do Lincoln Center se levantou para aplaudir, havia um nó em todas as gargantas: os espectadores reconheceram em Maggie a figura de Marilyn e em Quentin a do próprio Miller.

O comportamento de Willy revela que o sonho americano de sucesso se transformou num grande pesadelo. Linda (Mildred Dunnock), Biff (Arthur Kennedy) e Happy (Cameron Mitchell) sofrem com o fracasso do pai.

Os repórteres correram para entrevistar os intérpretes principais, Jason Robards e Barbara Loden, referindo se à extrema semelhança com as

personagens reais. Miller, ao lado da terceira esposa, apenas sorria. Meses mais tarde, numa entrevista à revista Life, diria que Maggie não era Marilyn Monroe, mas apenas a personagem de uma peça que tratava da repugnância do ser humano em encontrar, dentro de si mesmo, o germe de sua própria destruição.

A crise pessoal parecia inteiramente superada. Miller voltava a escrever. Ainda em 1964, brinda a cena americana com uma nova peça, Beco sem Saída *(Incident at Vichy)*, seu protesto moral contra o extermínio de milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Miller levantava seu brado humanista, mas a crítica foi implacável: as personagens eram falsas, esquemáticas e comportavam-se de maneira absurda dentro da situação que estavam vivendo. Os jornais anunciaram então que o melhor período dramático de Arthur Miller já estava encerrado.

Sem se abater, Miller retomou o tema da classe média obcecada pela idéia do êxito individual. E escreveu O Preço (*The Price*), peça montada em 1968. Ainda desta vez a crítica não se entusiasmou. Alguma coisa estranha estava acontecendo e Miller sentia que teria de mudar para poder se reafirmar.

A resposta viria com um grande fracasso: A Criação do Mundo e Outros Negócios (*The Creation of the World and other Businesses*), apresentada em 1972 na Broadway como uma comédia catastrófica. A crítica chamou-a de catástrofe cômica e aconselhou o autor a ser mais cuidadoso nos próximos trabalhos.

Discretamente, Miller saiu de cena e transformou a "catástrofe" numa nova obra, uma comédia musical, *Up From Paradise*. Na apresentação ao público, porém, resolveu inverter o processo.

Desta vez não seria a Broadway a julgá-la, mas o seu ponto de partida, a Universidade de Michigan. Com grande parte do elenco constituído por atores estudantes, Miller descobre também a novidade das platéias jovens. Levada pelo próprio autor, que fazia o papel de narrador, a peça percorreu inúmeras universidades americanas.

Em 1974, George C. Scott procura Arthur Miller. Ele quer reviver na Broadway, como protagonista e diretor, A Morte do Caixeiro- Viajante. Era um velho sonho do veterano ator.

Assim, repentinamente, Miller volta a acontecer como nos velhos tempos. Os jornalistas dedicam páginas inteiras à sua obra, rememorando

nostalgicamente a estréia da peça e a interpretação do grande Lee J. Cobb no papel de Willy Loman.

Miller estava de volta. Vinte e cinco anos mais velho, mais calmo que na primeira vez, porém ainda guardando a mesma aparência desajeitada. Estava pronto a viver as emoções da segunda estréia e a colher mais uma vez o sucesso de A Morte do Caixeiro Viajante.

WILLY LOMAN, UM HOMEM COMUM

"Todo o mundo conhece Willy Loman", diz Miller no prefácio de A Morte do Caixeiro - Viajante. Todo o mundo conhece esse homem que corta a grama aos domingos, pinta a varanda na primavera e é um pouco carpinteiro, um pouco pedreiro, capaz de fazer qualquer reparo em sua casa.

Como qualquer americano de classe média, Willy também acreditava nas receitas do sucesso, no poder de fazer amigos e influenciar pessoas, na possibilidade de realizar o mesmo trajeto percorrido por centenas de homens, que começaram do nada e que, por seu esforço pessoal, puderam alçar-se aos grandes escalões dos negócios e da política.

Maggie, personagem de Depois da Queda, é uma mulher que traz dentro de si o germe de sua própria destruição. (Maria Delia Costa e Paulo Autran.)

O modelo de Willy foi bem modesto: Dave Singleman, um velho caixeiro viajante que conhecera na juventude. Aos 84 anos, seu prestígio era tal que nem precisava sair do quarto de hotel para realizar seus negócios. Ninguém foi mais estimado que Dave Singleman. Quando ele morreu — e teve a morte de um caixeiro-viajante, no carro de fumar de um trem que ia para

Boston —, centenas de companheiros e clientes homenagearam-no com um grande funeral.

Willy também desejou ser estimado como o velho Dave. E como o velho Dave escolheu ser caixeiro-viajante. Mas quando Willy Loman entra em cena, no início do primeiro ato, carregando em seus ombros o peso de 34 anos de viagens sucessivas. Percebe-se que ele não terá o sucesso de Dave Singleman.

Em três décadas o país assistiu a grandes transformações e Willy é uma de suas vítimas passivas e inconscientes. O sistema comercial tornou-se tão impessoal, que desapareceram os antigos vínculos de estima que uniam, no passado, comprador e vendedor. Willy vende cada vez menos e cada vez mais deseja empreender o caminho de volta à sua casa. Quer criar raízes, anco-rar, porque a cada viagem ele morre um pouco, porque a cada viagem ele se defronta com o fracasso.

A memória de Willy é expressa cenicamente por meio de flashbacks, que permitem ao espectador tomar consciência do drama da família Loman.

Willy está muito perto da loucura. Presente e passado se confundem dentro de sua mente, e, com isso, duas peças desenrolam-se diante dos espectadores: aquela que é dada pela torturante atualidade do protagonista, e a outra, que corresponde às suas evocações. Essa segunda peça, que parte da memória de Willy, é expressa cenicamente através de flashbacks, que permitem ao espectador tomar consciência do processo presente da vida da família Loman.

Nessa permanente busca do tempo perdido, Willy Loman rememora a época em que era um homem vitorioso em todos os sentidos. Tinha um carro formidável, com o qual percorria toda a sua enorme clientela em mais de vinte Estados, vendendo não apenas mercadorias, mas também encanto, segurança, retidão e simpatia. Não havia companheiro ou cliente que não se alegrasse com a companhia do bem-humorado e bem-sucedido Willy Loman.

Nas fotos, cenas do espetáculo dirigido por George C. Scott em 1974 e interpretado por George C. Scott, Teresa Wright, J. Farentino e Harvey Keitel.

Willy tinha tudo: Linda, sua mulher, era bonita e solícita. Os filhos, Biff e Happy, um sucesso; Biff principalmente, porque era o campeão do time de futebol do colégio. Mas, acima de tudo, Willy orgulhava-se de representar para a família e para a comunidade a imagem de um cidadão modelo. Sua meta estava quase cumprida e Loman não ambicionava muito mais que isso. Nem se deixou tampouco contaminar pela febre do ouro, que atraiu milhares de pessoas para o Alasca. Willy quis ficar porque pensava que era dono de seu destino.

Mas o tempo em que Willy era um pequeno Dave está muito longe. Ele não carrega mais consigo a foto de Biff com o uniforme de sua equipe. Agora — e é terrível e penoso para ele confessar o fato — as pessoas riem dele. Os clientes antigos morreram, há muita gente nova nas estradas, e tudo lhe parece "limitado, seco, e não há oportunidade de se firmar uma amizade".

Willy não aceita o próprio fracasso. Ele tem procurado a morte nos sucessivos desastres de automóvel que vem sofrendo, apesar dos esforços

terríveis que faz para justificar sua existência.

Seu comportamento revela que o sonho americano de sucesso se transformou num grande pesadelo.

Seus filhos também não conseguiram nada. Biff, o simpático ídolo da escola, abandonou o curso depois da reprovação num exame de matemática. Talvez Willy pudesse ter feito alguma coisa por ele. Mas onde estava Willy naquele momento? Estava num quarto de hotel em Boston com uma prostituta, quando o menino chegou para lhe pedir que fosse falar com seu professor. Talvez Willy pudesse deter a derrocada de Biff se estivesse sozinho e voltasse com o filho para casa. Mas sua imagem de pai reto e fiel caiu para Biff naquele quarto de hotel e nunca mais se recuperou. O descuido de Willy foi imperdoável e ficaria entre pai e filho para sempre. Biff irá atribuir a ele, ainda que injustamente, muito da sua insatisfação e desencontro com a vida. O jovem promissor tornou-se um andarilho, um cleptomaníaco, um pequeno marginal. Está de volta ao velho lar dos Loman porque é primavera e a cada renascer ele sente uma vontade imensa de voltar.

Happy também não realizou nenhum sonho de Willy. É um funcionário medíocre e frustrado, voltado permanentemente para as mulheres e o álcool. Só Linda permanece a mesma.

Mas diante da mulher, Willy sente-se em permanente dívida, porque também ela é vítima do seu fracasso, absorvendo todos os choques do malogro coletivo da família Loman.

De tal forma é terrível para Willy admitir essa verdade que ele ainda sente forças para se apegar ao sonho absurdo de um grande negócio de artigos esportivos, que os filhos imaginam conseguir. Willy agarra-se a essa possibilidade como se fosse a última da família Loman. Apesar de tudo, Willy ainda tem algumas ilusões.

Imagina poder conseguir, depois de 34 anos de vida dedicados a uma empresa, alguma reciprocidade, e procura Howard, seu patrão, para lhe pedir estabilidade. Willy não quer viajar mais e está certo de que, em troca de cinqüenta dólares por semana, Howard lhe arranjará um lugar em Nova York.

Em vão Willy jogará o seu passado de lealdade e eficiência contra os argumentos de Howard. Seu passado só é importante para ele mesmo. Willy está velho e acabado e deve ser despedido. "Você não pode chupar uma

laranja e jogar a casca fora, que um homem não é um pedaço de fruta", diz Willy a seu patrão. Mas Howard é surdo a seus apelos.

Willy não aceita o próprio fracasso: os clientes antigos morreram, há muita gente nova em seu trabalho e é difícil firmar novas amizades.

Depois de 34 anos de serviço, Willy Loman não tem nada.

Nem estima, nem sucesso, nem cinqüenta dólares para pagar a última prestação do seguro de vida. É Charley, o medíocre, pai de Bernard, o apagado Bernard da classe de Biff, que se tornou um grande advogado, que lhe empresta o dinheiro para quitar a apólice.

O último e irremediável golpe chega quando Willy percebe que o grande e sonhado negócio, capaz de redimir a família Loman, jamais acontecerá. E então ele não pode evitar ouvir de Biff toda a dura verdade sobre si mesmo: homens como ele valem apenas dez centavos a dúzia. "Não sou condutor de homens, Willy, nem você é. Você não foi senão um caixeiro-viajante trabalhador que se reduziu a cinza como os outros ! Eu sou um homem de um dólar a hora, Willy! Tentei em sete lugares e não pude aumentá-lo."

Willy não pode suportar mais nada. E parte para a sua última viagem à procura da morte, desta vez sabendo por quê.

As últimas palavras da peça pertencem a Linda. Diante do túmulo de Willy ela conversa, como se ele a pudesse ouvir. Naquele dia ela fizera o

último pagamento da casa. "Estamos livres! Estamos livres!"

Vivo, Willy não foi mais que um fruto esvaziado do seu sumo.

Morto, ele representou para a família vinte mil dólares. Willy foi mais um homem que acreditou poder forjar o seu futuro.

Não percebeu os limites impostos pela empresa, pelo mercado do qual dependia, pela insegurança de um sistema que não lhe oferecia nenhuma proteção, a não ser um amplo e complexo serviço de seguros, pelos quais ele mesmo teve que pagar.

Quando o pano cai sobre a família Loman, aflora claramente que a intenção de Arthur Miller não foi a de contar a história de um homem singular, mas a de um personagem com o qual muitos homens poderiam se identificar.

Ao empreender uma dramaturgia social com tal força e vigor, Arthur Miller colocara-se ao lado dos titãs da cena norte-americana: Eugene O'Neill (1888-1953) e Tennessee Williams (1914-). E a nota de originalidade em Miller era exatamente esta: uma obra constantemente centrada nos aspectos sociais, aliada a uma permanente preocupação com a dimensão humana das personagens. O autor encarava o homem num contexto mais amplo do que ele e que, afinal, era o mesmo de todas as pessoas. Por isso, diferia da dramaturgia íntima e sensível de Tennessee Williams e da sondagem profunda e metafísica da condição humana, empreendida por Eugene O'Neill.

As últimas palavras da peça pertencem a Linda. Diante do túmulo de Willy ela conversa, como se ele a pudesse ouvir.

Naquele dia ela fizera o último pagamento da casa: "Estamos livres! Estamos livres!"

Os recursos de Arthur Miller em A Morte do Caixeiro-Viajante não eram novos. Nem o flashback, que permitia a atualização do passado do protagonista, nem a deformação dos fatos passados vistos através da ótica do iludido Willy Loman: o drama expressionista na segunda década do século XX já utilizava essa técnica em larga medida.

O grande talento de Miller foi saber usar os recursos disponíveis num drama realista, onde a linguagem tem um papel preponderante. Os elementos da família Loman falam como pessoas comuns, sem qualquer artifício ou complexidade, e, por isso, falam muito perto ao espectador. Os vigorosos diálogos, repletos de expressões correntes, são eivados de uma poesia áspera e viva. Esse extraordinário poder de comunicação concorreu para tornar A Morte do Caixeiro Viajante uma das peças mais significativas do século XX.

Arthur Miller

A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE

Tradução de *Flávio Rangel*

Algumas conversas particulares em dois atos e um réquiem

PERSONAGENS

WILLY LOMAN, caixeiro-viajante

LINDA, sua mulher

BIFF,

HAPPY (e seus filhos)

CHARLEY, vizinho dos Loman

BERNARD, filho de Charley

TIO BEN, irmão de Willy

HOWARD WAGNER, patrão de Willy

A MULHER

JENNY, secretária de Charley

STANLEY, empregado do restaurante

SENHORITA FORSYTHE e

LETTA (jovens)

ATO I

Ouve-se o som de uma flauta. É uma melodia leve e delicada, que fala de relva, árvores e horizontes. Sobe o pano.

Diante de nós está a casa do caixeiro-viajante. Uma sugestão de formas angulares e de torres que a cercam, pelos lados e por trás. Uma suave luz azul-celeste cai sobre a casa e sobre a frente do palco; as outras áreas são cobertas por uma luz alaranjada e áspera. A medida que a luz cresce, vemos um maciço bloco de prédios de apartamentos, como se estivessem esmagando a frágil casinha. O lugar sugere uma atmosfera de um sonho que emergisse da realidade. Mas a cozinha, ao centro, parece bastante real, pois há nela uma mesa, três cadeiras e uma geladeira. Mas é só. No fundo da cozinha, há uma porta com cortina que conduz à sala. À direita, num nível mais alto, um quarto de dormir, com uma cama de ferro e uma cadeira. Numa estante acima da cama existe um troféu esportivo, uma taça de prata. Aí, uma janela se abre para o prédio vizinho.

Atrás da cozinha, num nível dois metros mais alto, está o quarto dos rapazes, por enquanto apenas sugerido. Vêem-se vagamente duas camas e, no fundo do quarto, uma água-furtada. (Este quarto está em cima da sala que não se vê.) À esquerda, uma escada em curva liga o quarto à cozinha.

O cenário é transparente (no todo ou em parte). O telhado é unidimensional; acima e abaixo dele, vêem-se os prédios de apartamentos. Na frente da casa existe um praticável que chega até o proscênio; essa área serve tanto como quintal de Willy como o local onde ele imagina suas cenas e também as cenas de cidade. Quando a ação se desenrola no presente, os atores devem respeitar as linhas imaginárias do cenário e entrar na casa apenas através da porta à esquerda. Mas, nas cenas do passado, estas convenções são quebradas, e os personagens entram ou saem de um quarto "através " das paredes.

Willy Loman, o caixeiro-viajante, entra da direita, com duas grandes maletas de amostras. Ouve-se a flauta. Willy não se dá conta dela. Ele tem mais de sessenta anos e veste-se sobriamente. Seu cansaço é evidente, o que se nota pelo modo como caminha. Abre a porta, vai à cozinha, e abandona sua pesada carga, sentindo as palmas das mãos doloridas. No

meio de um suspiro, deixa escapar uma palavra, que pode ser "Oh, meu Deus ". Fecha a porta e leva as maletas para a sala através da porta com cortina.

Linda, sua mulher, faz um movimento na cama, à direita.

Levanta-se e põe um roupão; escuta. E uma mulher naturalmente alegre, que reprime, com vontade de ferro, suas restrições ao compor lamento de Willy. Ela o ama muito e, mais do que isso, ela o admira, como se a natureza agitada de Willy, seu temperamento, seus sonhos grandiosos e suas pequenas misérias compusessem o painel das lembranças profundas das ânsias turbulentas que existem dentro dele, as quais ela compartilha, mas sem vivê-las em toda a sua extensão.

LINDA: *(ouvindo os pequenos ruídos de Willy, chama com ligeira angústia)* Willy!

WILLY: Está tudo bem. Eu voltei.

LINDA: Por quê? O que houve? (*Ligeira pausa.)* Aconteceu alguma coisa, Willy?

WILLY: Não, nada.

LINDA: Você bateu com o carro?

WILLY: *(um pouco irritado)* Eu já disse que não aconteceu nada. Você não ouviu não?

LINDA: Você está se sentindo bem?

WILLY: Estou morto de cansaço. *(A flauta sumiu. Ele se senta na cama ao lado dela, meio entorpecido.*) Eu não consegui. Simplesmente eu não consegui, Linda.

LINDA: *(muito cuidadosa e delicadamente)* Onde é que você andou o dia inteiro? Você está com uma cara horrível.

WILLY: Cheguei até um pouco além de Yonkers. Parei num bar pra tomar um café. Acho que foi o café.

LINDA: O quê?

WILLY: *(depois de uma pausa)* De repente eu não conseguia mais guiar o carro. Eu não controlava mais o carro, entende?

LINDA: *(querendo ajudar)* Ah, deve ter sido essa direção de novo. Acho que o Ângelo não entende nada de Studebaker.

WILLY: Não, sou eu, sou eu. De repente percebo que estou indo a cem por hora, e não consigo me lembrar do que aconteceu há cinco minutos. Eu. . . eu acho que. . . não consigo mais me concentrar em nada...

LINDA: Devem ser seus óculos novos. Você não gostou nunca desses óculos novos.

WILLY: Não, eu vejo bem. Voltei bem devagarinho, a quinze por hora. Demorei mais de quatro horas para chegar aqui.

LINDA: *(resignada)* Você tem que descansar, Willy. Você não pode continuar as sim.

WILLY: Mas eu acabei de voltar da Flórida.

LINDA: Mas não descansou a cabeça, querido. Essa cabeça trabalha muito e é a cabeça que a gente precisa descansar.

WILLY: Amanhã eu vou sair de manhã. Quem sabe eu me sinto melhor de manhã? *(Linda está tirando os sapatos dele.)* Ah, como me doem os pés.

LINDA: Você quer uma aspirina? Quer? Eu vou buscar para você.

WILLY: *(pensando)* Eu estava lá guiando o carro... e até me sentia bem. Estava olhando a paisagem. Você pode imaginar isso? Um homem como eu, que passou sua vida inteira nas estradas, ainda olhando a paisagem? Mas é tão bonito aquilo, Linda, árvores por todo lado, e tão cheio de sol... Abri o pára-brisa e deixei o vento batendo no meu rosto... E de repente, eu saí da estrada!
Eu estou lhe dizendo, eu esqueci completamente que estava guiando! Se eu tivesse virado para o outro lado, podia ter matado alguém. Voltei para a

estrada, mas cinco minutos depois estava sonhando de novo, e quase que eu... *(Aperta os olhos com os dedos.)* Eu penso cada coisa, cada coisa tão estranha. . .

LINDA: Willy, meu querido. Fale com eles de novo. Não há razão para você não trabalhar aqui mesmo em Nova York.

WILLY: Eles não precisam de mim em Nova York. Sou o homem da Nova Inglaterra. É lá que eu sou importante.

LINDA: Mas você tem sessenta anos. Eles não podem querer que você continue viajando todas as semanas.

WILLY: Tenho que mandar um telegrama a Portland. Brown & Morri-son estão me esperando amanhã às dez da manhã para ver os artigos. Puxa, eu posso fazer uma boa venda! *(Começa a colocar o paletó.)*

LINDA: *(tirando-lhe o paletó)* Por que você não vai amanhã ao escritório e diz claramente a Howard que você quer trabalhar aqui em Nova York? Você se conforma demais com as coisas, meu amor.

WILLY: Se o velho Wagner fosse vivo, hoje eu teria um lugar de diretor, e aqui em Nova York! Esse homem sim, era um príncipe, um homem de verdade. Mas esse menino, esse Howard, esse não sabe de nada. Quando eu resolvi ir para o norte pela primeira vez, a Companhia Wagner não sabia nem onde Ficava a Nova Inglaterra!

LINDA: Então, meu querido, por que você não diz tudo isso a Howard?

WILLY: *(animado)* Eu vou dizer. E isso mesmo, pronto: vou dizer tudo. Será que sobrou um pedaço de queijo?

LINDA: Eu vou fazer um sanduíche para você.

WILLY: Não, vá dormir. Vou tomar um pouco de leite. Leite me faz bem. Os meninos estão em casa?

LINDA: Estão dormindo. Happy levou Biff a uma festinha.

WILLY: *(interessado)*

LINDA: Foi tão bonito ver os dois fazendo a barba juntos no banheiro. E saindo juntos. Você não está sentindo? A casa inteira está cheirando a loção de barba.

WILLY: Pois é. A gente trabalha a vida inteira para comprar uma casa e, quando a casa é da gente, não há ninguém para morar nela.

LINDA: Mas meu amor, a vida é assim mesmo. Sempre foi assim. A vida é uma derrota.

WILLY: Não, há pessoas... há pessoas que conseguem sucesso, Biff falou alguma coisa, depois que eu saí hoje de manhã?

LINDA: Você não devia ter criticado as atitudes de Biff, especialmente logo depois que ele chegou. Você não deve perder a calma com ele.

WILLY: Quem é que perdeu a calma com ele? Eu só perguntei se ele estava ganhando algum dinheiro. Isso é criticar?

LINDA: Mas, meu querido, como é que ele podia ter ganho algum dinheiro?

WILLY: *(preocupado e zangado)* Ele tem uma tendência a ficar por baixo. Ficou uma pessoa esquisita, sempre irritado. Pediu desculpas depois que eu saí?

LINDA: Ele ficou abatido, Willy. Você sabe o quanto ele admira você. Eu acho que no dia em que Biff se encontrar, vocês dois vão ficar mais felizes e não vão brigar mais.

WILLY: Como é que ele pode encontrar a si mesmo numa fazenda? Isso lá é vida? Vai ser o que, vaqueiro? No começo, quando ele era mais moço, eu pensei: está certo, não há mal algum em um rapaz pular de emprego pra emprego até decidir o que quer.
Mas isso já faz mais de dez anos e ele não ganha nem trinta e cinco dólares por semana!

LINDA: Ele está procurando o caminho dele, Willy.

WILLY: Pois já devia ter achado. Não saber o que se quer da vida, com trinta e quatro anos, é uma desgraça!

LINDA: Psst. . .

WILLY: O problema é que ele é preguiçoso, isso sim !

LINDA: Willy, por favor. . .

WILLY: Meu filho é um vagabundo preguiçoso !

LINDA: Eles estão dormindo. Vá comer qualquer coisa, vá.

WILLY: Por que é que ele veio pra cá? Eu só queria saber o que é que ele veio fazer aqui.

LINDA: Não sei. Acho que ele ainda está desorientado, Willy. Acho que está muito desorientado.

WILLY: Biff Loman está desorientado. No maior país do mundo, um jovem com tanto. . . com tanto charme, está desorientado. E com a capacidade de trabalho que ele tem! Porque Biff tem uma coisa: ele não é preguiçoso.

LINDA: Claro que não.

WILLY: *(piedoso e decidido)* Eu vou falar com ele amanhã de manhã. Uma conversa calma e tranqüila. Vou arranjar para ele um emprego de caixeiro-viajante. Ele teria sucesso num instante! Meu Deus! Lembra como todo mundo vivia à volta dele no tempo do ginásio? Bastava ele sorrir para alguém e pronto! Todo mundo ficava radiante !
Quando ele andava pela rua. . . *(Perde-se nos próprios pensamentos.)*

LINDA: *(procurando trazê-lo à realidade)* Willy, querido, eu comprei hoje um tipo novo de queijo, sabe? Queijo batido.

WILLY: Suíço?

LINDA: Não, americano.

WILLY: Por que você compra queijo americano, quando sabe que eu só gosto de queijo suíço?

LINDA: Eu pensei que você gostasse de variar . . .

WILLY: Não quero variar nada! Quero queijo suíço ! Por que você vive me contrariando?

LINDA: *(num sorriso meio falso)* Queria fazer-lhe uma surpresa.

WILLY: Por que é que você não abre a janela? Pelo amor de Deus!

LINDA: *(com infinita paciência)* Estão todas abertas, meu querido.

WILLY: O jeito que eles prenderam a gente aqui dentro. Janela e tijolo, tijolo e janela.

LINDA: Foi uma bobagem não termos comprado o terreno vizinho.

WILLY: A rua está cheia de carros. Não se respira um pingo de ar fresco por aqui. A grama não cresce mais e a gente não consegue plantar nem uma cenoura no quintal. Deviam fazer uma lei proibindo edifícios de apartamentos. Você se lembra daquelas duas árvores lindas que havia aqui? Lembra? Quando Biff e eu penduramos o balanço entre elas?

LINDA: Era como se a gente morasse a quilômetros de distância da cidade.

WILLY: Deviam botar na cadeia o construtor que derrubou essas árvores. Destruíram o bairro inteiro. *(Perdido)* Cada vez penso mais naqueles tempos, Linda. Nesta época do ano, havia lilases e glicínias. Depois, era a vez das peônias e dos narcisos. Como este quarto vivia perfumado!

LINDA: Bom, a verdade é que as pessoas têm que morar em algum lugar.

WILLY: Não é isso; é que agora há mais gente.

LINDA: Não, não é que haja mais gente, é que. . .

WILLY: Há mais gente! É isso que está destruindo este país! Ninguém controla mais a população. A competição é terrível! Você não sente o mau

cheiro que vem desse prédio daí? E do outro, ali do outro lado? Como é possível bater um queijo?

(Na última frase de Willy, Biff e Happy levantam-se de suas camas e prestam atenção.)

LINDA: Vá provar o queijo. E não faça barulho.

WILLY: *(virando-se para ela, com um sentimento de culpa)* Você não está preocupada comigo, não é, meu bem?

BIFF: O que é?

HAPPY: Escuta!

LINDA: É você que se preocupa demais.

WILLY: Você é a base na qual me apoio, Linda.

LINDA: Você tem que descansar, meu querido. Você se preocupa demais.

WILLY: Eu não vou mais brigar com ele. Se ele quiser voltar pro Texas, ele que vá.

LINDA: Ele vai encontrar o seu caminho.

WILLY: Eu sei disso. Alguns homens só fazem sucesso mais tarde na vida. Como Thomas Edison, eu acho. Ou B. F. Goodrich. Um deles era surdo. *(Dirige-se à porta.)* Eu confio em Biff; aposto qualquer coisa nele.

LINDA: E, Wiily,. . . se domingo fizer um dia bonito, vamos passear um pouco. Podemos abrir o para-brisa, depois fazer um piquenique. . .

WILLY: Não, os para-brisas desses carros modernos não abrem.

LINDA: Mas você o abriu hoje.

WILLY: Eu? Eu não. *(Pára.)* Que coisa mais estranha! Mas não é notável? *(Interrompe-se perplexo e alarmado. O som da flauta surge distante.)*

LINDA: O que foi, querido?

WILLY: Mas é uma coisa notável. . .

LINDA: O que, meu bem?

WILLY: Eu estava pensando no Chevrolet. . . *(Pequena pausa.)* Mil novecentos e vinte e oito. . . quando eu tinha aquele Chevrolezinho vermelho. . . *(Pára.)* Não é engraçado? Eu podia jurar que hoje eu estava guiando o Chevrolet.

LINDA: Não tem nada de mais. Alguma coisa fez você se lembrar dele.

WILLY: É formidável. . . Você se lembra daquele tempo? Como Biff cuidava daquele carro? O homem da agência nem acreditou que o carro já tinha rodado mais de cem mil quilômetros! *(Balança a cabeça.)* Heh ! *(Para Linda)* Pode ir dormindo, já volto já. *(Sai do quarto.)*

HAPPY: *(a Biff)* Meu Deus, acho que ele bateu com o carro de novo !

LINDA: *(falando com Willy)* Cuidado com as escadas, querido! O queijo está na prateleira do meio! *(Ela se volta, vai à cama, apanha o paletó dele e sai do quarto.)*

(A luz cresce no quarto dos rapazes. Sem que se possa vê-lo, ouve-se a voz de Willy murmurando "mais de cem mil quilômetros " e uma risadinha. Biff sai da cama, vem um pouco à frente e presta atenção. Biff é dois anos mais velho que seu irmão Happy. Tem boa aparência, mas está meio abatido e parece inseguro. Não teve muito sucesso, e seus sonhos são maiores e menos aceitáveis que os de Happy. Happy é alto e forte. Nele a sexualidade é como uma cor visível, ou como um aroma que muitas mulheres sentiram. Assim como seu irmão, ele está meio perdido, mas como nunca se permitiu encarar o fracasso cara a cara, está mais confuso, embora pareça mais contente.)

HAPPY: *(saindo da cama)* Se ele continua assim, vão acabar cassando a licença dele. Ele está me deixando nervoso, sabe, Biff.

BIFF: Está perdendo a visão.

HAPPY: Não, outro dia eu saí com ele no carro. Ele vê muito bem. É que ele se distrai, entende? Pára quando o sinal está verde e atravessa com o sinal vermelho. *(Ri um pouco.)*

BIFF: Talvez seja daltônico.

HAPPY: Não, que é isso? Ele distingue muito bem as cores. Você sabe disso.

BIFF: *(sentando-se na cama)* Bom, vou tratar de dormir.

HAPPY: Você não está mais chateado com ele, está, Biff?

BIFF: Acho que ele está bem.

WILLY: *(abaixo deles, na sala)* Sim senhor, cento e trinta mil quilômetros! Centro e trinta e três!

BIFF: Você está fumando?

HAPPY: *(apresentando um maço)* Quer um?

BIFF: *(pegando um)* Não consigo dormir com cheiro de sarro.

WILLY: Como ele fazia aquele carro brilhar!

HAPPY: *(muito emocionado)* Não é bacana, Biff? Nós dois dormindo aqui de novo neste quarto? Nessas velhas camas? *(Dá um tapa na cama.)* Quanta conversa a gente já teve aqui? Toda a nossa vida.

BIFF: É. Um montão de sonhos e projetos.

HAPPY: *(numa risada forte, e masculina)* Umas quinhentas mulheres gostariam de saber o que a gente conversou aqui. *(Os dois riem um pouco.)*

BIFF: Lembra daquela tal Betsy não sei das quantas? Aquela grandona. . . como era o nome dela mesmo?

HAPPY: *(penteando o cabelo)* Aquela do cachorrinho?

BIFF: Essa mesma. Fui eu que o levei lá, lembra?

HAPPY: Claro, foi a minha primeira vez. Rapaz, era uma festa! *(Riem muito.)* Você me ensinou tudo que eu sei sobre mulher. No duro mesmo.

BIFF: Você era meio tímido. Especialmente com as garotas.

HAPPY: Ainda sou, Biff.

BIFF: Ora, o que é isso.

HAPPY: É sim, é que eu me controlo, só isso. Acho que eu fiquei menos tímido e você ficou mais. O que aconteceu, Biff? Cadê aquela alegria, aquela confiança que você tinha? *(Bate no joelho de Biff. Este se levanta e caminha pelo quarto.)* O que foi?

BIFF: Por que o papai fica me gozando o tempo todo, hein?

HAPPY: Ele não goza você, ele ...

BIFF: Tudo que eu digo ele recebe com um ar de gozação. Não posso nem chegar perto dele.

HAPPY: Ele só quer que você tenha sucesso, só isso. Há muito tempo que eu queria falar com você a respeito dele, Biff. Alguma coisa está acontecendo com ele. Ele anda falando sozinho.

BIFF: Eu percebi hoje de manhã. Mas acho que ele sempre foi um pouco assim.

HAPPY: Mas não tanto como agora. Fiquei tão preocupado que mandei-o descansar na Flórida. E quer saber de uma coisa? A maior parte do tempo ele está falando com você.

BIFF: Que é que ele diz de mim?

HAPPY: Não dá pra perceber.

BIFF: Que é que ele diz de mim?

HAPPY: Acho que é porque ele vê você assim, sem um emprego fixo, meio no ar...

BIFF: Há outras coisas que o deprimem, Happy.

HAPPY: Como assim?

BIFF: Nada, nada. Mas não jogue toda a culpa em mim.

HAPPY: Mas acho que se você começasse a trabalhar mesmo. . . quer dizer, você acha que tem algum futuro nessa fazenda?

BIFF: Quer saber de uma coisa, Happy? Eu não sei o que quer dizer o futuro. Eu não sei o que é que eu deveria querer.

HAPPY: Como assim?

BIFF: Depois que eu saí do ginásio, eu passei seis ou sete anos procurando encontrar a mim mesmo. Fui balconista, caixeiro-viajante, vendedor disso ou daquilo. E é uma vida sem sentido.
Entrar naquele metrô num dia de sol. Devotar uma vida inteira a verificar o estoque, telefonar, vender ou comprar. Sofrer durante onze meses e meio num ano pra depois ter quinze dias de férias, quando tudo que você deseja é viver ao ar livre, sem camisa. E ser obrigado a passar pra trás o sujeito que está na tua frente. E é assim que se constrói um futuro.

HAPPY: E você gosta dessa fazenda? Está contente lá?

BIFF: *(em crescente agitação)* Happy, desde que eu saí de casa, antes da guerra, tive uns vinte ou trinta empregos diferentes, e só depois eu percebia que era tudo a mesma coisa. Cuidei de gado em Nebraska, andei por Dakota, Arizona, e agora o Texas. Acho que é por isso que agora eu voltei pra casa, porque eu percebi. Essa fazenda em que eu trabalho . . . agora lá é primavera. E eles têm uns quinze potrinhos novos. Acho que não há nada mais bonito ou com tanta ternura do que ver uma égua com seu potrinho que acabou de nascer. E agora está meio frio por lá. Está frio e é primavera. E sempre que a primavera chega até mim, meu Deus do céu, eu tenho a impressão de que não estou caminhando pra lugar nenhum! Que vida é essa, ficar brincando com cavalos, ganhando vinte e oito dólares por semana? Eu tenho trinta e quatro anos de idade, devia estar cuidando de meu futuro. E é aí que eu volto correndo para casa. E agora que estou aqui, não sei o que

fazer da minha vida. *(Uma pausa.)* Eu sempre fiz questão de não desperdiçar a minha vida e, toda vez que eu venho pra cá, eu penso que é exatamente isso que eu estou fazendo.

HAPPY: Você é um poeta, Biff. Você é um idealista!

BIFF: Não, eu sou é muito confuso. Acho que eu devia me casar, sei lá. Ser mais responsável. Acho que esse é o meu problema. Sou como uma criança. Não sou casado, não tenho um emprego fixo, eu sou. . . sou como um menino. E você, Happy? Você vai bem, não vai? Você está contente?

HAPPY: Eu? Eu não!

BIFF: Mas por quê? Você está ganhando dinheiro, não está?

HAPPY: *(caminhando com energia)* Minha única esperança é que o chefe da seção morra. E vamos supor que eu fique sendo o chefe da seção. Eu até que gosto dele, ele acaba de construir uma casa formidável em Long Island. Viveu lá dois meses, vendeu, e já está construindo outra.
Depois que uma casa fica pronta, ele não consegue viver nela.
E eu sei que é isso que aconteceria comigo. Eu não sei para que ou por que eu estou trabalhando. De vez em quando eu fico sentado no meu apartamento, sozinho. E penso no aluguel que eu pago. E é tudo uma loucura. Mas é tudo que eu sempre quis.
Um apartamento, um carro, uma porção de garotas. E mesmo assim, eu me sinto solitário.

BIFF: *(com entusiasmo)* Escute, por que você não vem comigo pro Texas?

HAPPY: Nós dois juntos, hein?

BIFF: Claro, quem sabe a gente não podia comprar uma fazendola? Criar gado, usar os músculos. Gente como nós devia trabalhar ao ar livre.

HAPPY: *(avidamente)* "Os Irmãos Loman", hein? Que tal?

BIFF: *(cheio de afeição)* Claro, a gente seria conhecido em toda a região!

HAPPY: *(encantado)* Eu vivo sonhando com isso, Biff. Às vezes eu tenho vontade de tirar o paletó naquela loja e dar umas porradas no chefe da seção. Eu sei que sou mais forte do que qualquer cara por ali, sou capaz de correr mais, de saltar mais alto, e ainda assim tenho que ficar recebendo ordens daqueles cachorros filhos da puta, até um ponto em que eu não agüento mais !

BIFF: Escuta, rapaz, eu sei que se você viesse comigo eu ficaria feliz por lá.

HAPPY: *(cheio de entusiasmo)* Sabe o que é Biff, eu vivo rodeado de uma gente tão falsa, que até os meus ideais ficam menores.

BIFF: Menino, nós dois juntos íamos apoiar um ao outro, íamos confiar um no outro.

HAPPY: Poxa, se eu ficasse do seu lado. . .

BIFF: Happy, o problema é que nós dois não fomos feitos para ganhar dinheiro. Eu não sei como fazer isso.

HAPPY: Nem eu!

BIFF: Então vamos embora!

HAPPY: O único problema é o seguinte: o que é que a gente pode fazer lá?

BIFF: Mas veja o seu amigo. Constrói uma casa e não tem paz de espírito para viver nela.

HAPPY: É, mas, quando ele entra na loja, todo mundo abre alas. São cinqüenta e dois mil dólares por ano que entram por aquela porta giratória, e mesmo assim eu tenho mais valor no meu dedo mindinho do que ele na cabeça.

BIFF: Mas você acabou de dizer. . .

HAPPY: Eu tenho que mostrar pra esses chefes de seção, diretores, executivos, que Hap Loman vale mais do que eles. Eu quero entrar na loja do jeito que eles entram. Depois disso, eu vou com você. Eu juro que nós

dois ainda vamos ficar juntos. Mas veja só as duas desta noite. Não eram espetaculares?

BIFF: Eram. As melhores que eu tive em muitos anos.

HAPPY: Eu as consigo na hora que eu quero. Toda vez que estou chateado. O único problema é que é como jogar boliche, eu acho.
Vou com uma, vou com outra, e não significam nada para mim.
E você? Também tem uma porção?

BIFF: Não. . . eu queria encontrar uma garota bacana. . . com alguma coisa por dentro.

HAPPY: É com isso que eu sonho.

BIFF: Você? Que é isso ! Você não ia nem aparecer em casa.

HAPPY: Ia, sim ! Mas eu quero alguém de caráter, de substância. Que nem mamãe, sabe? Você vai me achar um canalha quando eu lhe disser isso. Essa garota que ficou comigo hoje, a Charlotte, vai se casar no mês que vem. *(Experimenta seu chapéu novo.)*

BIFF: Não brinca!

HAPPY: No duro! O sujeito tá na bica pra ser vice-presidente da empresa. Eu não sei o que me dá, acho que é um senso de competição muito desenvolvido, mas eu dei em cima dela, comi a menina e ela agora não larga do meu pé. E é o terceiro executivo que eu passo pra trás. Não é esquisito? E ainda por cima, eu vou ao casamento deles ! *(Com alguma indignação, mas rindo)* É como essa questão de suborno. De vez em quando os fabricantes me oferecem uma nota de cem dólares pra fazer um pedido qualquer de mercadoria. Você sabe como eu sou honesto, mas é que nem essa garota. Eu fico até com raiva de mim mesmo. Porque eu não quero nada com ela, mas mesmo assim eu dou em cima, apanho. . . e no fundo eu gosto disso.

BIFF: Vamos dormir.

HAPPY: No fim das contas, não decidimos nada, não é?

BIFF: Acabei de ter uma idéia do que eu vou tentar.

HAPPY: O que é?

BIFF: Lembra do Bill Oliver?

HAPPY: Claro. Ele agora é importante. Você quer trabalhar pra ele de novo?

BIFF: Não, mas quando eu saí de lá, ele me disse uma coisa. Botou a mão no meu ombro e disse: " Biff, se um dia você precisar de mim, me procure".

HAPPY: Eu me lembro. Isso é bom.

BIFF: Acho que eu vou falar com ele. Eu acho que se arranjasse dez mil dólares, ou mesmo sete ou oito mil, eu poderia comprar uma bela fazendinha.

HAPPY: Aposto que ele vai ajudá-lo. Porque ele tinha a maior consideração por você, Biff. Aliás, todo mundo tem. Quem é que não gosta de você? Por isso é que eu digo pra você voltar pra cá. A gente racha o apartamento. E qualquer garota que você quiser, já sabe.

BIFF: Não, se eu tivesse uma fazendinha eu faria aquilo que gosto e ainda seria alguém. Mas eu fico pensando: será que Oliver ainda acha que fui eu quem roubou aquelas bolas de basquete?

HAPPY: Ah, ele já deve ter se esquecido disso há muito tempo. Já faz quase dez anos. Você é muito sensível. E além do mais, ele não chegou a despedir você.

BIFF: Mas acho que ele ia me despedir. Acho que foi por isso que eu pedi demissão antes. Eu nunca tive certeza se ele sabia ou não. Mas a verdade é que ele tinha muita confiança em mim. Eu era o único que tinha a chave da loja.

WILLY: *(embaixo)* Você vai lavar o motor, Biff?

HAPPY: Pssiu ! *(Biff olha para Happy, que olha para baixo, prestando atenção. Willy está murmurando na sala.)* Ouviu? *(Prestam atenção. Willy*

ri alegremente.)

BIFF: *(zangado)* Será que ele não percebe que mamãe pode escutar?

WILLY: Cuidado pra não sujar o suéter, Biff! *(Uma expressão dolorosa perpassa no rosto de Biff.)*

HAPPY: É horrível! Por isso é que eu queria que você ficasse em casa. Por favor! Você arranja um trabalho por aqui. Você tem que ficar por aqui, eu não sei mais o que fazer com ele. Está ficando, cada dia mais difícil.

WILLY: Como brilha esse carro !

BIFF: Mamãe está ouvindo!

WILLY: Não me diga, Biff, você vai sair com uma garota? Ótimo!

HAPPY: Vamos dormir. Mas você fala com ele amanhã, está bem?

BIFF: *(indo relutantemente para a cama)* Com mamãe em casa !

HAPPY: *(deitando-se)* Você devia ter uma boa conversa com ele. *(A luz do quarto deles começa a se apagar.)*

BIFF: *(para si mesmo, já na cama)* Esse velho estúpido, egoísta.

. . .

(A luz do quarto deles se apaga. Antes que tenham acabado de falar, percebe-se vagamente a forma de Willy, na cozinha às escuras. Ele abre a geladeira e retira de lá uma garrafa de leite. Os prédios de apartamentos desaparecem, e toda a casa e tudo que a rodeia se cobre de folhas. A música se insinua enquanto as folhas aparecem.)

WILLY: Mas cuidado com essas garotas, Biff. Só lhe digo isso. Cuidado. Não prometa nada. Nada de promessas. Porque uma garota sempre acredita naquilo que os homens dizem para ela e você é muito moço. Biff. Você é muito moço para falar a sério com uma garota.

(Luz na cozinha. Enquanto fala, Willy vai fechando a porta da geladeira e vem até a mesa da cozinha. Põe leite num copo. Está totalmente imerso em seus pensamentos, sorrindo suavemente.)

WILLY: Muito moço. Primeiro você tem que estudar. Depois que você estiver formado, vai haver um monte de garotas para um rapaz como você. *(Sorri para uma das cadeiras.)* Mas é mesmo? As garotas pagam para ir com você? *(Ri.)* Rapaz, você deve estar fazendo um sucesso!

(Aos poucos, Willy vai se dirigindo fisicamente para um ponto no palco, falando através da parede da cozinha, e sua voz vai subindo de volume até o tom normal de conversa.)

WILLY: Eu estava só pensando por que é que você limpa esse carro com tanto cuidado. Ah, não se esqueçam das calotas. As calotas devem ser limpas com camurça. Happy, para os vidros é melhor usar jornal. Mostra pra ele como é que se faz, Biff! Aprendeu, Happy? Faz uma almofada com o jornal. Isso! É isso mesmo, está muito bom. Muito bom, Happy. *(Faz uma pausa, aprova com a cabeça durante alguns segundos, depois levanta a cabeça.)* Biff, assim que a gente tiver tempo, temos que cortar esse ramo de árvore aí em cima da casa. Num dia de temporal ele pode cair em cima do telhado. Vou lhe ensinar como. A gente passa uma corda em volta dele, depois sobe lá com um serrote e acaba com ele. Quando vocês acabarem de limpar o carro, venham para cá que eu trouxe uma surpresa.

BIFF: *(fora de cena)* O que é, papai?

WILLY: Não, primeiro acabem de limpar o carro. Nunca se deve abandonar um trabalho antes de terminá-lo; nunca se esqueçam disso. *(Olhando para "as grandes árvores”)* Biff, nessa última viagem eu vi uma rede linda lá em Albany. Na próxima vez eu vou comprar e depois a gente a instala aí entre essas duas árvores. Não é ótimo? A gente fica se balançando debaixo do arvoredo. . .

(Os jovens Biff e Happy surgem do lugar para onde Willy eslava falando. Happy traz uns trapos e um balde de água. Biff, usando um blusão com um grande "S" costurado, traz uma bola de futebol.)

BIFF: *(apontando o carro)* Que tal, papai? Não parece coisa de profissional?

WILLY: Formidável. Formidável, meninos. Lindo trabalho. Biff.

HAPPY: Cadê a surpresa, papai?

WILLY: No banco de trás do carro.

HAPPY: Oba! *(Sai correndo.)*

BIFF: O que é, papai? Diga-me, o que foi que você comprou?

WILLY: *(brincando de lutar boxe com ele)* Nada, nada. É uma coisa que eu quero que você tenha.

BIFF: *(vira e faz como se fosse sair)* O que é, Hap?

HAPPY: *(fora de cena)* É um saco de boxe !

BIFF: Oh, papai!

WILLY: E tem a assinatura de Gene Tunney !

(Happy entra correndo no palco com o saco.)

BIFF: Puxa, como é que você sabia que a gente queria isso?

WILLY: Bem, pra exercício não pode ser melhor.

HAPPY: *(com as costas no chão e pedalando)* Já reparou como eu estou perdendo peso, papai?

WILLY: *(a Happy)* Pular corda também é muito bom.

BIFF: Você já viu a bola de futebol que eu arranjei?

WILLY: *(examinando a bola)* Onde é que você arranjou isso?

BIFF: O treinador disse que eu precisava praticar os passes.

WILLY: Ah, é? Então foi ele que lhe deu a bola?

BIFF: Bem, eu tirei lá do vestiário. *(Ri, cúmplice.)* WILLY *(rindo com ele do roubo)* Mas você tem que devolver.

HAPPY: Eu lhe disse que ele não ia gostar.

BIFF: *(zangado)* Tá bom, vou devolver!

WILLY: *(interrompendo o início da discussão)* Bom, ele tem que treinar com uma bola oficial, não é? *(A Biff)* O treinador vai até dar-lhe parabéns pela sua iniciativa.

BIFF: Ah, ele vive me dando parabéns o tempo todo, papai.

WILLY: É porque ele gosta de você. Se fosse outra pessoa que tirasse a bola, ia haver a maior confusão. Qual é a lição que a gente tira disso?

BIFF: Onde é que você foi dessa vez, papai? Nós sentimos a sua falta.

WILLY: *(satisfeito, põe um braço ao redor do ombro de cada rapaz e vem à frente)* Sentiram a minha falta, hein?

BIFF: O tempo todo.

WILLY: É mesmo? Bom, eu vou lhes contar um segredo, meninos. Mas não digam pra ninguém. Qualquer dia vou ter o meu próprio negócio e não vou mais sair de casa.

HAPPY: Como o tio Charley, não é?

WILLY: Maior que o tio Charley. Porque o tio Charley não é estimado. Quer dizer, ele é querido, mas não é muito querido.

BIFF: Onde é que você foi dessa vez, papai?

WILLY: Eu entrei na estrada e segui para o norte. Fui até Providence. Encontrei o prefeito.

BIFF: O prefeito de Providence !

WILLY: Estava lá sentado no saguão do meu hotel.

BIFF: E o que foi que ele disse?

WILLY: Ele disse: "Bom dia!" e eu disse: "O senhor tem aqui uma bela cidade, prefeito". E aí ele tomou café comigo. Depois eu fui a Waterbury. Bela cidade. Tem lá um relógio grande, o famoso relógio de Waterbury. Vendi bastante por lá. Depois. Boston.
Boston é o berço da Revolução. Bela cidade. Depois visitei umas outras cidades do Massachusetts, depois Portland, depois Bangor e daí pra casa!

BIFF: Puxa, seria bacana se eu fosse com você uma vez, papai.

WILLY: No próximo verão.

HAPPY: No duro?

WILLY: Vamos nós três e eu vou mostrar todas as cidades. Os Estados Unidos estão cheios de belas cidades e pessoas agradáveis. E todo mundo me conhece, meus filhos; todo mundo me conhece em todos os lugares. As pessoas mais importantes. E quando vocês forem comigo, vão perceber que todas as portas se abrem para nós, por causa de uma coisa, meus filhos: eu tenho amigos. Posso estacionar em qualquer rua da Nova Inglaterra e os guardas tratam do meu carro como se fosse deles. No verão que vem, combinado?

BIFF E HAPPY: *(juntos)* Combinado!

WILLY: Vamos levar roupa de banho.

HAPPY: E nós carregamos os seus mostruários, papai!

WILLY: Isso vai ser fantástico. Eu, entrando pelas lojas de Boston, com meus filhos carregando meus mostruários ! Sensacional!

(Biff se movimenta, treinando uns passes.)

WILLY: Você está nervoso com esse jogo, Biff?

BIFF: Se você for, não.

WILLY: Que é que se diz de você no colégio, agora que você é o capitão do time?

HAPPY: Há sempre um montão de garotas atrás dele.

BIFF: *(pegando a mão de Willy)* Este sábado, papai, vou fazer um lindo gol em sua homenagem.

WILLY: *(dando um beijo em Biff)* Puxa, isso eu tenho que contar em Boston !

(Entra Bernard, de bombachas. É mais jovem que Biffe é um rapaz sério, leal e preocupado.)

BERNARD: Biff, onde é que você se meteu? Você tinha que estudar comigo hoje.

WILLY: Hei, olha só pro Bernard. Por que você está tão anêmico, rapaz?

BERNARD: Ele tem que estudar, tio Willy. O exame é na semana que vem.

HAPPY: *(pulando à volta de Bernard e tocando-o)* Vamos lutar um pouco de boxe, Bernard !

BERNARD: Biff *(Afasta-se de Happy.)* Escuta, Biff, eu ouvi o professor dizer que, se você não estudar matemática, ele vai reprová-lo e você não vai se formar. Eu ouvi!

WILLY: É melhor você ir estudar com ele, Biff. Vá, vá.

BERNARD: O professor disse!

BIFF: Ah, papai! Você ainda não viu minhas chuteiras! *(Levanta um pé para que Willy veja.)*

WILLY: Puxa, como as letras estão bem feitas!

BERNARD: *(limpando os óculos)* Só porque está escrito "Universidade de Virginia" não quer dizer que vão dar o diploma a ele, tio Willy !

WILLY: *(zangado)* Que conversa é essa? Ele tem bolsa pra três universidades e não vão dar o diploma a ele?

BERNARD: Mas eu ouvi o professor dizer. . .

WILLY: Não seja chato, Bernard. *(Aos filhos)* Olhem só que sujeitinho anêmico!

BERNARD: Tá bem, eu espero você em casa, Biff.

(Bernard sai. Os três riem.)

WILLY: Bernard não é muito querido, é?

BIFF: Ele é querido, mas não é muito querido.

HAPPY: É isso mesmo, papai.

WILLY: É isso que eu digo. Bernard pode tirar as melhores notas no colégio, mas quando entrar no mundo dos negócios, vocês vão ficar cinco vezes na frente. É por isso que eu agradeço a Deus Todo-Poderoso vocês parecerem dois Adônis. Porque, no mundo dos negócios, o homem que tem boa aparência, o homem que desperta interesse é o homem que faz sucesso. Sejam queridos e vocês nunca fracassarão. Vejam o meu caso, por exemplo. Eu nunca tenho que ficar numa fila para ver um comprador. "Willy Loman está aqui", e pronto. Entro logo.

BIFF: Você acabou com eles, papai?

WILLY: Deixei todo mundo besta em Providence e conquistei Boston.

HAPPY: *(de costas, pedalando de novo)* Eu estou perdendo peso, percebeu, papai?

(Linda entra, como era antes, com uma fita no ca-belo, trazendo uma cesta de roupa.)

LINDA: *(com energia juvenil)* Como vai, querido?

WILLY: Como vai, meu anjo?

LINDA: E o Chevrolet?

WILLY: Linda, o Chevrolet é o melhor carro que jamais se construiu. *(Aos meninos)* Desde quando sua mãe carrega a cesta de roupa?

BIFF: Pegue desse lado, rapaz !

HAPPY: Onde é pra pôr, mamãe?

LINDA: Pendurem no varal. E depois vá ver os seus amigos, Biff. O porão está cheio de meninos sem saber o que fazer.

BIFF: O papai chegou, eles que esperem.

WILLY: *(rindo satisfeito)* É melhor você ir lá e dizer a eles o que fazer, Biff.

BIFF: Acho que vou mandar que eles limpem o forno.

WILLY: Boa idéia.

BIFF: *("atravessa" a parede da cozinha, vai a uma porta do fundo e chama os amigos)* Pessoal, todo mundo limpando o forno ! Eu já desço já.

VOZES: OK! Tá legal! Certo!

BIFF: Vamos lá, Happy, segure aí. *(Saem com a cesta.)*

LINDA: Como obedecem!

WILLY: Bom, ele é um líder. Olhe, eu estava vendendo milhares de dólares, mas tive que voltar para casa.

LINDA: Claro, todo mundo vai ver esse jogo. Você vendeu alguma coisa?

WILLY: Vendi um bruto de quinhentos em Providence e setecentos em Boston.

LINDA: Não ! Espera um pouco, eu tenho um lápis. *(Tira papel e lápis do bolso do avental.)* Então, sua comissão é de... duzentos . . . Nossa ! Duzentos e doze dólares!

WILLY: Bom, eu ainda não calculei direito, mas. . .

LINDA: Quanto você fez?

WILLY: Bom, eu fiz... acho que uns cento e oitenta em Providence. Não, não chegou a. . . mais ou menos duzentos dólares na viagem toda.

LINDA: *(sem vacilar)* Duzentos bruto. Isso faz . . . *(Calcula.)*

WILLY: O problema é que três lojas estavam fechadas para balanço. Senão eu teria batido todos os recordes.

LINDA: Bom, são setenta dólares e pouco. Está muito bom.

WILLY: Quanto é que estamos devendo?

LINDA: Bom, primeiro tem dezesseis dólares da geladeira. . .

WILLY: Por que dezesseis?

LINDA: Rompeu-se a correia do ventilador; custou um dólar e oitenta.

WILLY: Mas essa geladeira é nova. . .

LINDA: O homem disse que é assim mesmo. Tem que trocar a correia de vez em quando.

(Passam "através" da parede para a cozinha.)

WILLY: Tomara que eles não tenham enganado a gente.

LINDA: É a geladeira mais anunciada de todas!

WILLY: Eu sei, é uma boa geladeira. Que mais?

LINDA: Nove dólares e sessenta para a máquina de lavar. E no dia quinze vence a prestação do aspirador. Três e meio. E faltam pagar vinte e um dólares do conserto do telhado.

WILLY: Acabaram-se as goteiras?

LINDA: Claro, eles fizeram um trabalho ótimo. E você ainda tem que pagar o carburador para Frank.

WILLY: Eu não vou pagar a esse sujeito! Essa porcaria de Chevrolet, deviam proibir a fabricação desse carro!

LINDA: Bom, a gente deve a ele três dólares e meio. Ao todo, é mais ou menos cento e vinte dólares até o dia quinze.

WILLY: Cento e vinte dólares ! Meu Deus, se os negócios não melhorarem, eu não sei o que vou fazer !

LINDA: Ora, na semana que vem você venderá mais.

WILLY: Ah, na semana que vem eu acabo com eles ! Eu vou a Hartford. Sou muito querido em Hartford. Sabe qual é o problema, Linda? Acho que as pessoas não me levam a sério.

(Vem para a frente.)

LINDA: Ora, o que é isso.

WILLY: Percebo assim que eu entro numa loja. Parece que eles estão rindo de mim.

LINDA: Mas por quê? Por que razào eles iriam rir de você? Não diga uma coisa dessas, Willy.

(Willy vem ao proscênio. Linda entra na cozinha e começa a serzir meias.)

WILLY: Não sei por que razão, mas ninguém me liga. Ninguém presta atenção em mim.

LINDA: Mas você está indo tão bem, meu querido. Você está ganhando entre setenta e cem dólares toda semana.

WILLY: Mas tenho que trabalhar dez, doze horas por dia. Outros homens . . . não sei... conseguem muito mais facilmente. Eu não sei porque. . . não consigo me controlar... eu falo de mais. Um homem deve falar pouco, ir

direto ao assunto. O Charley, por exemplo. É um homem de poucas palavras, e todo mundo o respeita.

LINDA: Você não fala demais. Você é mais animado, só isso.

WILLY: *(sorrindo)* Bom, eu penso: que diabo, a vida é curta, umas piadinhas não fazem mal a ninguém. *(Para si mesmo)* Eu brinco demais. *(O sorriso desaparece.)*

LINDA: Mas por quê? Você. . .

WILLY: Eu sou grosso. Acho que tenho um aspecto risível. Eu não lhe disse nada, mas pelo Natal, quando fui visitar F. H. Stewart. . . havia um vendedor lá na sala de espera, e quando eu ia entrando ouvi-o dizer alguma coisa como "cavalo marinho". Eu dei uma bofetada nele. Eu não admito uma coisa dessas. Não posso admitir. Mas as pessoas riem de mim. Eu sei disso.

LINDA: Meu querido . . .

WILLY: Eu tenho que superar isso. Eu sei que tenho que superar isso. Acho que eu me visto fora de moda.

LINDA: Willy, meu querido, você é o homem mais atraente do mundo...

WILLY: Não, Linda, eu...

LINDA: Para mim você é. *(Pequena pausa.)* O mais atraente.

(Do escuro, ouve-se uma risada de mulher. Willy não se volta, mas a risada continua enquanto Linda fala.)

LINDA: E os meninos, Willy. Poucos homens são tão queridos pelos filhos como você.

(Ouve-se música, enquanto, atrás de uma cortina, à esquerda, vê-se vagamente uma mulher se vestindo.)

WILLY: *(com grande sentimento)* Você é a melhor mulher do mundo, Linda. Você é uma companheira. As vezes, na estrada, eu tenho vontade de

abraçá-la, de apertá-la, de beijá-la até a morte. *(A risada agora é mais alta, e ele caminha para uma área iluminada, à esquerda, onde a mulher surgiu atrás da cortina e está de pé, pondo o chapéu, olhando para um "espelho "e rindo.)* Porque eu me sinto tão sozinho — especialmente quando os negócios vão mal e eu não tenho ninguém para conversar. Eu fico pensando que eu nunca mais vou vender nada, que não vou conseguir montar um negócio para os meninos. *(Ele fala enquanto a mulher continua rindo. Ela se observa diante do "espelho ".)* Há tantas coisas eu eu queria conseguir. . .

A MULHER: A mim? Mas você não me conseguiu, Willy. Eu é que peguei você.

WILLY: *(satisfeito)* Ah, você me pegou?

A MULHER: *(que tem a idade de Willy e é bastante bonita)* Eu mesma. Eu ficava sentada naquela mesa vendo todo dia os vendedores entrando e saindo. Mas você tem tanto senso de humor ! E a gente se dá muito bem, não é?

WILLY: Claro, claro . . . *(Abraça a mulher.)* Por que é que você já vai?

A MULHER: Já são duas horas. . .

WILLY: Não, fica aqui. *(Atrai a mulher para si.)*

A MULHER:. . . minhas irmãs vão ficar escandalizadas. Quando é que você vai voltar?

WILLY: Daqui a uns quinze dias. Você vem comigo de novo?

A MULHER: Claro que sim. Você me faz rir. E me faz bem. *(Belisca o braço dele e o beija.)* Você é maravilhoso.

WILLY: Quer dizer que foi você que me pegou, não é?

A MULHER: Claro. Porque você é tão carinhoso. E brincalhão.

WILLY: Bom, a gente se vê na próxima vez que eu vier a Boston.

A MULHER: E eu ponho você em contato com os compradores.

WILLY: *(dando um tapinha nas nádegas dela)* Saúde!

A MULHER: *(dá-lhe um tapinha e ri)* Você me mata, Willy! *(Ele de repente a agarra e beija com paixão.)* Você me mata. E obrigada pelas meias. Gosto muito de meias. Boa noite.

WILLY: Boa noite. E cuida bem disso tudo!

A MULHER: Oh, Willy!

(A mulher sai rindo muito e seu riso se confunde com a risada de Linda. A mulher desaparece no escuro; a área da cozinha se acende. Linda está sentada na mesa, mas agora está remendando umas meias de seda.)

LINDA: Você é mesmo, Willy. O homem mais atraente do mundo. Não há razão para você se sentir . . .

WILLY: *(saindo da área da mulher e dirigindo se a Linda)* Eu vou resolver tudo, Linda, eu ...

LINDA: Mas não há nada a resolver, querido. Você está indo muito bem, muito melhor que. .

WILLY: *(vendo as meias)* O que é que você está fazendo?

LINDA: Estou remendando minhas meias. Custam tão caro. . .

WILLY: *(zangado, tirando as meias dela)* Não quero ver você remendando meias nesta casa! Joga isso fora!

(Linda guarda as meias no bolso do avental.)

BERNARD: *(entra correndo)* Onde é que ele está? Se ele não estudar!

WILLY: *(vindo à frente do palco, muito agitado)* Você passa as respostas para ele !

BERNARD: Eu sempre faço isso nas provas, mas não num exame! Há fiscalização ! Posso até ser preso !

WILLY: Onde é que ele está? Vou bater nele! Vou bater !

LINDA: É melhor ele devolver essa bola que tirou, Willy! Isso não é bonito!

WILLY: Biff! Onde é que ele se meteu? Por que é que ele tirou essa bola?

LINDA: Ele é muito atrevido com as meninas, Willy. Todas as mães se queixam dele!

WILLY: Eu vou bater nele de chicote!

BERNARD: Está guiando o carro sem carteira!

(Ouve-se a risada da mulher.)

WILLY: Cale a boca!

LINDA: As mães das meninas dizem . . .

WILLY: Cale a boca!

BERNARD: *(saindo)* O professor disse que ele é muito convencido.

WILLY: Vá embora daqui!

BERNARD: Se ele não se corrige, vai ser reprovado em matemática! *(Sai.)*

LINDA: Ele tem razão, Willy, você precisa. . .

WILLY: *(explodindo com ela)* Não tem nada de errado com meu filho! Você quer que ele seja um verme igual a Bernard? Biff tem espírito, personalidade. . . *(Enquanto ele fala, Linda, quase em lágrimas, sai para a sala. Willy está sozinho na cozinha, deprimido e com os olhos muito abertos. As folhas desapareceram. É noite novamente, e os prédios de apartamento surgem de novo.)* Estou cheio disso. Cheio! O que é que ele roubou? Ele vai devolver, não vai? Por que é que ele está roubando? Que foi que eu fiz errado? Em toda a minha vida, eu só ensinei a ele o caminho do bem.

(Happy, de pijama, desceu as escadas. Willy subitamente se apercebe da presença dele.)

HAPPY: Vamos agora, venha.

WILLY: *(sentando-se na cadeira da mesa da cozinha)* Por que é que ela tem que encerar o chão sozinha? Cada vez que encera o chão fica exausta. Ela sabe disso.

HAPPY: Psss. . Calma, papai. Por que você voltou hoje?

WILLY: Fiquei morrendo de medo. Quase atropelei um garoto em Yonkers. Meu Deus! Por que eu não fui para o Alaska com o meu irmão Ben daquela vez? Ben! Aquele homem era um gênio! Era o sucesso em pessoa! Que erro ! Ele me implorou que fosse com ele.

HAPPY: Bom, não adianta nada. . .

WILLY: Vocês, moleques! Era um homem que começou com a roupa do corpo e terminou com minas de diamantes!

HAPPY: Só gostaria de saber como ele conseguiu.

WILLY: Qual é o mistério? O homem sabia o que queria e pronto ! Conseguiu ! Entrou no meio da selva e quando saiu, com vinte e um anos, estava rico! O mundo é uma ostra, mas não se quebra uma ostra com punho de renda!

HAPPY: Papai, eu já disse que vou sustentar você. Não quero que você trabalhe mais.

WILLY: Você vai me sustentar, ganhando setenta dólares por semana? Com suas mulheres, seu carro, seu apartamento, e você vai me sustentar? Meu Deus do céu, hoje eu não consegui nem ir ali adiante! Onde é que vocês moleques estão com a cabeça? A casa está caindo! Eu não consigo mais guiar um carro !

(Charley apareceu na porta. É um homem corpulento, de fala lenta, lacônico e impassível. Em tudo o que diz, seja o que for, há uma nota de piedade. Tem um robe sobre o pijama e usa chine-los. Entra na cozinha.)

CHARLEY: Tudo bem?

HAPPY: Tudo, Charley, tudo bem.

WILLY: O que é?

CHARLEY: Ouvi barulho. Pensei que tivesse acontecido alguma coisa. Será que não se pode fazer nada com essas paredes? Se alguém es-pirra aqui, na minha casa fica tudo voando.

HAPPY: Vamos pra cama, papai. Venha.

(Charley faz um sinal para que Happy se vá.)

WILLY: Vá você, eu não estou cansado agora. *(Happy sai.) (A Charley)* Que é que você está fazendo de pé a essa hora?

CHARLEY: *(sentando-se do outro lado da mesa, em frente a Willy)* Não pude dormir. Estou com azia.

WILLY: É, você não sabe comer.

CHARLEY: Eu como com a boca.

WILLY: Nada, você é muito ignorante. Você devia se instruir sobre vitaminas e coisas assim.

CHARLEY: Vamos jogar um pouco. Quem sabe você se cansa?

WILLY: *(hesitante)* Está bem. Tem o baralho aí?

CHARLEY: *(tirando um baralho do bolso)* Tenho. Que é que têm as vitaminas?

WILLY: *(embaralhando)* Fortificam os ossos. Química.

CHARLEY: Bom, mas azia não tem osso.

WILLY: Que é que você sabe de química? Você não sabe nada de nada.

CHARLEY: Calma.

WILLY: Não fale de um assunto que você não conhece.

(Estão jogando. Pausa.)

CHARLEY: Por que você está em casa?

WILLY: O carro. Enguiçou.

CHARLEY: Ah. *(Pausa.)* Eu gostaria de ir até a Califórnia.

WILLY: Sei.

CHARLEY: Quer um emprego?

WILLY: Eu tenho um emprego. Você sabe disso. *(Pausa.)* Mas por que merda você está me oferecendo um emprego?

CHARLEY: Não se ofenda.

WILLY: Não me ofenda.

CHARLEY: Isso não tem sentido. Você não precisa continuar assim.

WILLY: Eu tenho um bom emprego. *(Pausa.)* Por que é que você vem aqui, hein?

CHARLEY: Você quer que eu vá embora?

WILLY: *(depois de uma pausa, murcho)* Eu não compreendo. Ele vai voltar de novo pro Texas. O que quer dizer isso?

CHARLEY: Deixe-o ir.

WILLY: Eu não tenho nada para dar a ele, Charley. Absolutamente nada.

CHARLEY: Ele não vai morrer de fome. Nenhum deles morre de fome. Esqueça esse rapaz.

WILLY: E o que terei então para recordar?

CHARLEY: Você leva tudo muito a sério. Que vá pro inferno! Se a gente quebra uma garrafa ninguém devolve o depósito.

WILLY: Isso é fácil de você dizer.

CHARLEY: Não é fácil para eu dizer.

WILLY: Você viu o forro que eu pus no teto da sala?

CHARLEY: Vi, é uma beleza. Pra mim é um mistério. Como é que se põe um forro?

WILLY: O que importa?

CHARLEY: Bom, me explica.

WILLY: Você está querendo pôr um forro?

CHARLEY: Como é que eu posso pôr um forro?

WILLY: Então pra que é que está me enchendo com isso?

CHARLEY: Já se ofendeu de novo.

WILLY: Um homem que não sabe trabalhar com uma ferramenta não é um homem. Você é um chato.

CHARLEY: Não me chame de chato, Willy.

(Tio Ben, carregando uma maleta e um guarda-chuva, entra no palco, vindo do canto direito da casa. É um homem impassível, sessentão, de bigodes. Tem um ar autoritário. Está seguro a respeito de seu destino e há uma aura de lugares distantes que o envolve. Entra exatamente enquanto Willv fala.)

WILLY: Estou ficando muito cansado, Ben.

(Ouve-se a música de Ben. Ele olha tudo à sua volta.)

CHARLEY: ótimo, jogue um pouco mais. Você vai dormir melhor. Você me chamou de Ben?

(Ben olha para seu relógio.)

WILLY: É engraçado. Por um instante você me lembrou meu irmão Ben.

BEN: Tenho muito pouco tempo. *(Passeia pelo lugar, inspecionando. Willy e Charley continuam jogando.)*

CHARLEY: Você nunca mais ouviu falar dele? Desde aquele tempo?

WILLY: Linda não lhe contou? Há uns quinze dias recebemos da África uma carta da mulher dele. Ele morreu.

CHARLEY: Ah.

BEN: *(com um risinho)* Então isso é que é o Brooklin !

CHARLEY: Quem sabe você não vai receber uma parte da herança?

WILLY: Não, ele deixou sete filhos. Tive uma oportunidade única com esse homem . . .

BEN: Tenho que pegar o trem, William. Há muitos terrenos que eu tenho que ver no Alaska.

WILLY: Claro! Se eu tivesse ido com ele para o Alaska, tudo teria sido diferente.

CHARLEY: Ora, você ia morrer de frio por lá.

WILLY: Ora, não diga bobagens.

BEN: As oportunidades são imensas no Alaska, William. Não entendo como você não está lá.

WILLY: Eu sei, imensas.

CHARLEY: O quê?

WILLY: Foi o único homem que eu encontrei que sabia as respostas.

CHARLEY: Quem?

BEN: Como vão vocês?

WILLY: *(recolhendo uma aposta e sorrindo)* Muito bem, muito bem.

CHARLEY: Você está com sorte hoje.

BEN: E mamãe? Mora com você?

WILLY: Não, ela já morreu há muito tempo.

CHARLEY: Quem?

BEN: Que pena ! Mamãe era uma senhora finíssima.

WILLY: *(a Charley)* O quê?

BEN: Tinha esperança de vê-la.

CHARLEY: Quem morreu?

BEN: E papai? Que fim levou?

WILLY: *(enervado)* Que conversa é essa, quem morreu?

CHARLEY: *(recolhendo a aposta)* O que foi que você disse?

BEN: *(olhando o relógio)* William, já são oito e meia!

WILLY: *(como que para sair da confusão, pega a mão de Charley)* Quem ganhou fui eu !

CHARLEY: Mas eu que baixei o ás...

WILLY: Se você não sabe jogar, aprenda!

CHARLEY: *(levantando)* Mas o ás era meu !

WILLY: Já estou cheio! Cheio !

BEN: Quando foi que mamãe morreu?

WILLY: Faz tempo. Você nunca soube jogar.

CHARLEY: *(apanha as cartas e vai à porta)* Está bem ! A próxima vez eu trago um baralho com cinco cartas.

WILLY: Eu não jogo essa espécie de jogo !

CHARLEY: *(virando-se para ele)* Você devia ter vergonha!

WILLY: Ah,é?

CHARLEY: É sim! *(Sai.)*

WILLY: *(batendo a porta atrás dele)* Ignorantão!

BEN: *(enquanto Willy vem a ele através da parede da cozinha)* Então você é William.

WILLY: *(apertando a mão de Ben)* Ben! Estou esperando você há tanto tempo ! Qual é a resposta? Como foi que você conseguiu?

BEN: Ah, existe uma história atrás disso.

(Linda entra no palco, como antigamente, carregando a cesta de roupa.)

LINDA: Esse é Ben?

BEN: *(galantemente)* Como está, minha querida?

LINDA: Onde você esteve estes anos todos? Willy sempre perguntava se você....

WILLY: *(afastando impacientemente Ben de Linda)* Onde está papai? Você não foi com ele? Como é que você começou?

BEN: Bem, eu não sei o quanto você se lembra. . .

WILLY: Ben, eu era um garotinho, eu tinha três ou quatro anos . . .

BEN: Três anos e onze meses.

WILLY: Que memória!

BEN: Tenho muitos negócios e nenhum livro.

WILLY: Eu lembro de mim sentado debaixo de um vagão em. . . era Nebraska?

BEN: Era na Dakota do Sul, e eu dei a você um ramo de flores.

WILLY: Eu me lembro de você caminhando numa larga estrada.

BEN: *(rindo)* Eu ia procurar papai no Alaska.

WILLY: E onde está ele?

BEN: Nessa ocasião eu tinha uma deficiente visão da geografia, William. Depois de alguns dias eu percebi que estava me dirigindo para o sul e, assim, em vez de Alaska, eu terminei na África.

LINDA: África!

WILLY: A Costa do Ouro!

BEN: Minas de diamante.

LINDA: Minas de diamante!

BEN: Isso, minha querida. Mas eu tenho muito pouco tempo . . .

WILLY: Não ! Meninos ! Meninos! *(Aparecem os jovens Biff e Happy.)* Prestem atenção: este é seu tio Ben, um grande homem ! Conte a eles, Ben!

BEN: Muito bem, meninos, quando eu tinha dezessete anos entrei na selva e, quando eu tinha vinte e um, saí dela. *(Ri.)* E estava podre de rico.

WILLY: *(aos meninos)* Estão vendo o que eu vivo dizendo? Tudo pode acontecer!

BEN: *(olhando o relógio)* Tenho encontros marcados.

WILLY: Não, Ben ! Por favor, fale de papai. Quero que meus filhos saibam de que estirpe descendem. Só me lembro de um homem com uma barba grande, eu estava no colo de mamãe, à volta de uma fogueira e se ouvia música.

BEN: A flauta. Papai tocava flauta.

WILLY: É isso, a flauta, é isso mesmo !

(Ouve-se uma outra música.)

BEN: Papai era um grande homem, um homem de coração selvagem. Partíamos de Boston, ele botava a família toda dentro de um vagão e todo mundo viajava através do país: Ohio, Indiana. Michigan, Illinois e todos os Estados do leste. A gente parava nas cidades e vendia as flautas que ele ia construindo pelo caminho. Grande inventor, nosso pai. Com uma bugiganga ganhava mais dinheiro numa semana do que um homem como você pode ganhar a vida inteira. E exatamente assim que eu estou educando meus filhos, Ben. Inflexíveis e simpáticos. Homens de verdade.

BEN: É mesmo? *(A Biff)* Dê um soco aqui, menino. Com toda a força. *(Mostra o estômago.)*

BIFF: Oh, não, senhor.

BEN: *(tomando posição de boxe)* Vamos, ataque. *(Ri.)*

WILLY: Vamos lá, Biff! Vá em frente ! Mostre a ele !

BIFF: OK! *(Fecha os punhos e começa.)*

LINDA: *(a Willy)* Por que é que ele tem de lutar, querido?

BEN: *(lutando com Biff)* Bom menino, bom menino!

WILLY: Que tal, Ben ?

HAPPY: Dá uma esquerda nele, Biff!

LINDA: Por que estão lutando?

BEN: Bom menino! *(Subitamente avança, dá uma rasteira em Biff derruba-o e coloca aponta do guarda-chuva no olho dele.)*

LINDA: Cuidado!

BIFF: Ei!

BEN: *(batendo no joelho de Biff)* Nunca jogue limpo com um estranho, menino. Desse jeito você nunca vai conseguir sair da selva. *(Toma a mão de*

Linda e faz uma reverência.) Foi um prazer e uma honra conhecer você, Linda.

LINDA: *(retirando a mão friamente, amedrontada)* Boa viagem, Ben.

BEN: *(a Willy)* E boa sorte com o seu ... o que é que você faz mesmo?

WILLY: Sou caixeiro-viajante.

BEN: Hum. Adeus. . . *(Levanta a mão, dando adeus a todos.)*

WILLY: Não, Ben, não quero que você pense. . . *(Pega no braço de Ben para mostrar.)* Isto é o Brooklin, mas aqui também se caça.

BEN: Sei.

WILLY: Aqui também há serpentes e coelhos... foi por isso que nós mudamos para cá. Ora, Biff pode derrubar qualquer dessas árvores num instantinho. Vão já à construção aí em frente e tragam um pouco de areia. Vamos reconstruir toda a varanda agora mesmo! Olhe só para isto, Ben !

BIFF: É pra já ! Vamos embora, Hap !

HAPPY: *(enquanto sai com Biff)* Reparou como eu perdi peso, papai?

(Charley entra de bombachas, antes que os rapazes saiam.)

CHARLEY: Escute, se eles roubarem mais alguma coisa daquele prédio, o vigia vai chamar a polícia!

LINDA: *(para Willy)* Não deixe Biff. . .

(Ben ri ruidosamente.)

WILLY: Você precisa ver a madeira que eles trouxeram pra casa semana passada. Uma dúzia de tábuas valendo um dinheirão.

CHARLEY: Olhe aqui, se aquele vigia. . .

WILLY: Eu tratei-os com rigor, mas o resultado é que esses dois não têm medo de nada.

CHARLEY: Willy, as cadeias estão cheias de gente que não tem medo de nada.

BEN: *(dando um tapinha em Willy e rindo-se de Charley)* E a Bolsa de Valores também !

WILLY*:* *(rindo com Ben)* Cadê o resto das tuas calças?

CHARLEY: Foi minha mulher que comprou.

WILLY: Agora você só precisa de um clube de golfe e, depois, de uma caminha pra descansar do esforço. *(A Ben)* Grande atleta! Ele e o filho Bernard, juntos, não têm força pra pregar um prego!

BERNARD: *(entrando)* O vigia está perseguindo Biff!

WILLY: *(zangado)* Cale essa boca ! Ele não está roubando nada !

LINDA: *(alarmada, correndo e saindo)* Onde é que ele está!? Biff! Biff!

WILLY: *(caminhando um pouco atrás dela)* Não há nada de errado. O que há com você?

BEN: Esse menino tem nervo.

WILLY: *(rindo)* Oh, Biff tem nervos de aço !

CHARLEY: Não sei o que é que há. O meu vendedor da Nova Inglaterra voltou de viagem sem vender nada. Está arrasado !

WILLY: O importante é ter prestígio, Charley; eu tenho muito prestígio!

CHARLEY: *(sarcástico)* Parabéns. Passa lá em casa mais tarde pra gente jogar um pouco. Quero tirar um pouco desse dinheirão que você está ganhando. *(Ri de Willy e sai.)*

WILLY: *(virando-se para Ben)* Os negócios vão muito mal, vão cada vez pior. Mas pra mim não, claro.

BEN: Antes de voltar para a África, eu passo aqui novamente.

WILLY: *(ansioso)* Você não pode ficar aqui uns dias? Preciso tanto de você, Ben. Eu tenho uma boa posição aqui, mas é que papai foi embora quando eu ainda era menino, eu nunca pude falar com ele e... eu não me sinto muito seguro.

BEN: Eu vou perder meu trem.

(Estão em pontos afastados do palco.)

WILLY: Ben... os meus filhos. . . será que a gente não podia conversar? Eles são capazes de se atirar no fogo por mim, mas. . .

BEN: William, você está dando a eles uma educação primorosa ! São rapazes formidáveis, viris . . .

WILLY: *(segurando-se às palavras dele)* Que bom que você disse isso, Ben! Porque de vez em quando eu penso que não estou ensinando direito a eles . . . Ben, o que é que devo ensinar a eles?

BEN: *(dando muito peso a cada palavra, e com uma espécie de viciosa audácia)* William, quando eu entrei na selva eu tinha dezessete anos. Quando eu saí, tinha vinte e um. E estava rico *! (Sai, entrando na escuridão do lado direito da casa.)*

WILLY: . . . estava rico! Esse espírito é que eu quero incutir neles! Eu estava certo ! Eu estava certo! Eu estava certo !

(Ben já foi embora, mas Willy continua falando com ele, enquanto Linda, de camisola e roupão, entra na cozinha, procura por Willy e vai depois à porta da casa, olha para fora e o vê. Vem até ele. Ele a olha.)

LINDA: Willy, querido! Willy!

WILLY: Eu estava certo!

LINDA: Você comeu o queijo? *(Ele não consegue responder.)* Já é muito tarde, meu bem. Venha dormir.

WILLY: *(olhando para cima)* A gente precisa quebrar o pescoço para conseguir ver uma estrela deste quintal.

LINDA: Vem!

WILLY: Que fim levou aquela corrente de relógio com um diamante? Lembra? Quando Ben voltou da África daquela vez? Ele não me deu uma corrente de relógio com um diamante?

LINDA: Você a penhorou, querido. Há uns doze ou treze anos. Para pagar o curso de rádio por correspondência de Biff.

WILLY: Aquela corrente era tão linda. Vou dar um passeio.

LINDA: Mas você está de chinelos.

WILLY: *(começando a caminhar em volta da casa, pela esquerda)* Eu tinha razão. Eu tinha razão! *(Um pouco para Linda, enquanto sai, sacudindo a cabeça.)* Que homem ! Aquele sim, valia a pena conversar com ele. Eu tinha razão !

LINDA: *(chamando)* Mas você está de chinelos, Willy . . .

(Willy quase já se foi quando Biff, de pijama, desce as escadas e entra na cozinha.)

BIFF: Que é que ele está fazendo lá fora?

LINDA: Psst.

BIFF: Meu Deus, mamãe, há quanto tempo ele anda assim?

LINDA: Cuidado que ele pode escutar.

BIFF: Mas o que é que que há com ele?

LINDA: De manhã passa.

BIFF: Não se pode fazer nada?

LINDA: Oh, meu querido, você podia ter feito uma porção de coisas, mas não há mais nada a fazer, portanto vá dormir.

(Happy desce as escadas e se senta nos degraus.)

HAPPY: Ele nunca falou tão alto assim, mamãe.

LINDA: Apareça por aqui mais vezes que você o ouvirá. *(Senta-se na mesa e remenda o forro do paletó de Willy.)*

BIFF: Por que você nunca me escreveu contando isso, mamãe?

LINDA: E como é que eu podia? Você passou mais de três meses sem um endereço.

BIFF: Eu estava viajando. Mas você sabe que eu pensei em você o tempo todo. Você sabe disso, não sabe, mamãe?

LINDA: Eu sei, meu bem, eu sei. Mas ele gosta de receber uma carta.

Apenas para saber que ainda existe uma possibilidade de alguma coisa boa.

BIFF: Ele não é assim o tempo todo, é?

LINDA: Ele piora quando você vem para casa.

BIFF: Quando eu venho para cá?

LINDA: Quando você escreve dizendo que vem, ele fica todo alegre, fala do futuro, fica maravilhoso. Depois, à medida que vai chegando o dia, ele vai ficando agitado, até que, quando você chega, ele só fica discutindo e parece zangado com você. Acho que isso é que o transtorna. . . ele não consegue se entender com você. Por que vocês têm tanto ódio? Por que isso?

BIFF: *(evasivo)* Eu não tenho ódio dele, mamãe.

LINDA: Mas, assim que você abre a porta, os dois já estão brigando!

BIFF: Não sei por quê. Eu quero mudar. Estou tentando, mamãe.

LINDA: Você vai ficar em casa desta vez?

BIFF: Não sei. Quero dar uma espiada por aí, ver como é que as coisas vão.

LINDA: Biff, você não pode passar a sua vida espiando como é que as coisas vão, não é?

BIFF: É que eu não consigo me fixar em nada, mamãe. Não consigo me encontrar na vida.

LINDA: Biff, um homem não é um passarinho que vai e volta conforme a primavera.

BIFF: Seu cabelo. . . *(Toca o cabelo dela.)* Seu cabelo ficou tão grisalho. ..

LINDA: Oh, é grisalho desde o seu tempo de ginásio. Só que eu parei de tingir, só isso.

BIFF: Então tinja de novo, está bem? Não quero ver minha amiga parecendo uma velha. *(Sorri.)*

LINDA: Você é uma criancinha! Você acha que pode sumir por mais de um ano e. . . você precisa botar na cabeça que um dia des-ses, quando você bater na porta, vai encontrar gente estranha morando aqui.

BIFF: Que é isso, mamãe. Você não tem nem sessenta anos.

LINDA: E seu pai?

BIFF: *(sem entusiasmo)* Eu falava dele também.

HAPPY: Ele admira papai.

LINDA: Biff, meu filho, se você não sente nada por seu pai, também não pode sentir por mim.

BIFF: Claro que posso, mamãe.

LINDA: Não. Você não pode vir aqui só pra me visitar, porque eu amo seu pai. *(Com uma ameaça de lágrimas, mas só uma ameaça.)* Para mim ele é o melhor homem do mundo e eu não quero que ninguém o faça sentir-se triste, abatido ou indesejado. Você tem que se decidir agora, meu querido, porque não haverá mais contemplação. Ou bem ele é seu pai e você o

respeita, ou eu não quero mais que você venha aqui. Eu sei que ele é difícil. . . ninguém sabe disso melhor do que eu... mas. . .

WILLY: *(da esquerda, com uma risadinha)* Ei, Biff!

BIFF: *(começando a sair)* Mas o que é que há com ele? *(Happy o segura.)*

LINDA: Não chegue perto dele!

BIFF: Chega de arranjar desculpas para ele! Ele nunca na vida ligou pra você! Nunca teve um tiquinho de respeito por você.

HAPPY: Ele sempre teve o maior respeito por. . .

BIFF: Ora, que merda você sabe disso? !

HAPPY: *(áspero)* Não diga que ele é louco !

BIFF: Ele não tem é caráter! Charley não faria uma coisa dessas! Na sua própria casa! Ficar vomitando por aí o que tem nessa cabeça suja!

HAPPY: Charley nunca teve que enfrentar os problemas de papai.

BIFF: Conheço gente mais angustiada que Willy Loman. Eu sei porque vi!

LINDA: Então faça de Charley o seu pai, Biff. Não é possível, é? Eu não digo que ele seja um grande homem. Willy Loman jamais ganhou muito dinheiro. Seu nome nunca saiu nos jornais. Não é o melhor caráter que já viveu. Mas é um ser humano, e uma coisa terrível está acontecendo com ele. É preciso prestar atenção nele. Não se pode permitir que ele baixe à sepultura como um cachorro velho. É preciso, é necessário prestar atenção a uma pessoa assim. Você disse que ele era louco . . .

BIFF: Eu não quis dizer. . .

LINDA: Não, muita gente acha que ele está desequilibrado. Mas não se requer muita inteligência para perceber o que é que há com ele. O homem está exausto.

HAPPY: Claro!

LINDA: Um homem comum pode ficar tão cansado quanto um grande homem. Agora em março vai fazer trinta e seis anos que ele trabalha para essa companhia, para a qual ele abriu novos mercados em lugares de quem nunca ninguém tinha ouvido falar, e agora, na velhice, eles cortam o salário.

HAPPY: *(indignado)* Eu não sabia disso, mamãe!

LINDA: Você nunca perguntou, meu querido! Agora que você apanha em outro lugar o dinheiro de que precisa, você não se preocupa mais com ele.

HAPPY: Mas eu dei dinheiro a vocês no último . . .

LINDA: No último Natal. Cinqüenta dólares. Só para consertar o aquecedor pagamos noventa e sete ! Há dois meses que seu pai trabalha só ganhando comissão, como um principiante, como um desconhecido!

BIFF: Esses canalhas ingratos!

LINDA: Serão piores que os próprios filhos dele? Quando ele era jovem e trazia novos negócios para a companhia, todo mundo vivia contente. Mas agora os seus velhos amigos, os velhos compradores que gostavam dele e sempre encontravam um jeito de arranjar um pedido, estão todos mortos ou aposentados. Ele costumava fazer seis, sete visitas diárias em Boston. Agora ele tira os mostruários do carro, traz de volta, tira de novo e está exausto. Agora, em vez de andar, ele fala. Dirige por mais de mil quilômetros, e quando chega a seu destino, ninguém mais o conhece e ninguém lhe dá as boas-vindas. E o que é que passa pela cabeça de um homem que viaja mais mil quilômetros voltando para casa, sem ter ganho um tostão? Por que é que não pode falar sozinho? Por quê? Se ele tem que pedir emprestado a Charley cinqüenta dólares toda semana e fingir para mim que é o pagamento dele? Até quando isso pode continuar assim? Até quando? Você compreende agora por que eu sento aqui e espero? E você vem me dizer que ele não tem caráter! Um homem que trabalhou todos os dias de sua vida para você? Quando é que ele vai receber uma medalha por isso? O prêmio dele é este: chegar à idade de sessenta e três anos e ver os dois filhos que ele amou mais que a própria vida. . . um, mulherengo vulgar. . .

HAPPY: Mamãe!

LINDA: É o que você é, meu filho! *(A Biff)* E você? Que fim levou o amor que você tinha por ele? Vocês eram tão amigos! Só o jeito que vocês falavam ao telefone toda noite! Ele se sentia tão solitário até que pudesse voltar para casa e ver você!

BIFF: Muito bem, mamãe. Eu vou viver aqui no meu quarto e arranjar um emprego. Só não quero é conversa com ele, só isso.

LINDA: Não, Biff. Você não pode viver aqui e ficar brigando com ele o tempo todo.

BIFF: Ele me expulsou de casa, lembre-se disso.

LINDA: Por que ele fez isso? Nunca entendi por quê.

BIFF: Por que eu sei que ele é um falso e ele não gosta que ninguém por perto saiba disso.

LINDA: Por que falso? Como assim?

BIFF: A culpa não é só minha, não. É um assunto entre mim e ele, pronto. De agora em diante eu vou contribuir. Metade do meu salário é dele. E vai ficar tudo bem. Eu vou dormir. *(Começa a subir as escadas.)*

LINDA: Não vai ficar tudo bem.

BIFF: *(voltando-se da escada, furioso)* Eu odeio esta cidade e vou ficar aqui. O que mais que você quer?

LINDA: Ele está morrendo, Biff. *(Happy vira-se rapidamente para ela, chocado.)* Biff *(depois de uma pausa)* Por que é que ele está morrendo?

LINDA: Ele está tentando se suicidar.

BIFF: *(horrorizado)* Como?

LINDA: Vivo em pânico.

BIFF: Mas o que é isso?

LINDA: Lembra que eu lhe escrevi quando ele bateu com o carro de novo? Em fevereiro?

BIFF: Sei.

LINDA: O inspetor da companhia de seguros veio aqui. Disse que eles tinham provas de que todos os acidentes do ano passado não eram. . . não eram . . . acidentes.

HAPPY: Como é que podem dizer uma coisa dessas? É mentira!

LINDA: Parece que há uma mulher. . .

(Linda e Bijf falam ao mesmo tempo.)

LINDA: . . . e essa mulher. . .

BIFF: Que mulher?

LINDA: O quê?

BIFF: Nada. Continue.

LINDA: O que foi que você disse?

BIFF: Nada. Eu disse apenas "que mulher"?

HAPPY: Que é que tem ela?

LINDA: Parece que ela estava andando pela estrada e viu o carro dele.

Disse que não estava correndo muito e que não derrapou. Disse que quando ele chegou naquela pontezinha, jogou o carro contra a mureta de propósito, e que só não morreu porque a profundidade da água era pequena.

BIFF: Não, vai ver que ele dormiu na direção.

LINDA: Não acredito nisso.

BIFF: Por quê?

LINDA: No mês passado. . . *(Com grande dificuldade)* Oh, meus filhos, é tão difícil para mim dizer isso ! Para vocês ele não passa de um velho estúpido, mas eu digo que ele é melhor que muitos outros. *(Soluça e limpa os olhos.)* Eu estava procurando um fusível. A luz da casa tinha se apagado e eu desci até o porão. E atrás da caixa de fusíveis, tinha caído o pedacinho de um tubo de borracha.

HAPPY:É mesmo?

LINDA: Tem uma conexão na ponta. Percebi na hora. E é lógico que, na base do aquecedor, havia uma nova torneirinha no tubo de gás.

HAPPY: *(zangado)* Esse. . . bobo.

BIFF: E você tirou o tubo?

LINDA: Tenho vergonha. . . Como é que eu vou falar nisso com ele? Todo dia eu desço e tiro o tubinho de borracha. Mas, quando ele chega em casa, eu ponho de novo no lugar. Como é que eu posso insultá-lo desse jeito? Eu não sei o que fazer. Vivo em pânico. Sei que pode parecer fora de moda, uma frase feita, mas ele dedicou sua vida inteira a vocês e vocês agora lhe dão as costas. *(Inclina se na cadeira, chorando, o rosto entre as mãos.)* Biff, juro por Deus! A vida dele está nas suas mãos!

HAPPY: *(a Biff)* Que é que você me diz desse palhaço?

BIFF: *(beijando a mãe)* Está bem, mãezinha, está bem. Está tudo acertado agora. Eu tenho sido negligente. Eu sei disso, mamãe. Mas agora eu vou ficar aqui e juro que vou me corrigir. *(Ajoelhando-se diante dela, cheio de remorso)* É que. . . sabe, mãe, eu não me dou bem no mundo dos negócios. Não que eu não vá tentar. Eu vou tentar e vou conseguir.

HAPPY: Claro que vai. O seu problema é que você nunca se preocupou em agradar as pessoas.

BIFF: Eu sei, eu...

HAPPY: Como no tempo em que você trabalhava no Harrison's. Bob Harrison dizia que você era o máximo e aí você fazia uma besteira

qualquer, como ficar assobiando o tempo inteiro no elevador.

BIFF: *(contra Happy)* E daí? Eu gosto de assobiar de vez em quando.

HAPPY: Ninguém dá um cargo importante a um sujeito que assobia no elevador!

LINDA: Não discutam isso agora.

HAPPY: Como nos dias em que você saía no meio do expediente e ia nadar.

BIFF: *(com crescente ressentimento)* Bom, você nunca sai? De vez em quando você sai, não sai? Num dia bonito?

HAPPY: Saio, mas eu me cuido pra ninguém perceber!

LINDA: Meninos!

HAPPY: Se eu vou dar uma escapada, o patrão pode chamar qualquer telefone da loja que todo mundo vai jurar pra ele que eu saí de lá naquele momento. É chato o que eu vou lhe dizer, Biff, mas no mundo dos negócios há muita gente que acha você biruta.

BIFF: Dane-se o mundo dos negócios !

HAPPY: Tá bem, que se dane. Mas vê se você se cuida!

LINDA: Hap, Hap!

BIFF: Não me importa o que eles acham! Eles riram de papai durante anos, e sabe por quê? Porque nós não temos nada com a porcaria desta cidade! A gente devia estar misturando ci-mento ao ar livre ou ser... carpinteiro. Um carpinteiro pode assobiar!

(Willy surge na entrada da casa, à esquerda.)

WILLY: Até o seu avô era melhor que um carpinteiro. *(Pausa. Eles o contemplam.)* Você nunca ficou adulto. Bernard não assobia num elevador, isso eu lhe garanto.

BIFF: *(tentando levar na brincadeira) Mas* você assobia, papai.

WILLY: Nunca na minha vida assobiei num elevador. E quem, no mundo dos negócios, acha que eu sou louco?

BIFF: Eu estava só brincando, papai. Não precisa fazer um drama.

WILLY: Volte pro oeste ! Vá ser carpinteiro, vaqueiro, divirta-se !

LINDA: Willy, ele só estava dizendo. . .

WILLY: Eu ouvi o que ele disse !

HAPPY: *(tentando acalmar Willy)* Escute aqui, papai. . .

WILLY: *(continuando, em cima da frase de Happy)* Eles riem de mim, hein? Vá ao Filene, vá ao Hub, vá ao Slattery, vá a Boston inteira! Pronuncie o nome de Willy Loman e veja o que acontece ! Um prestígio imenso !

BIFF: Está bem, papai.

WILLY: Imenso!

BIFF: Está bem!

WILLY: Por que é que você vive me insultando?

BIFF: Eu não disse nada. *(A Linda)* Eu disse alguma coisa?

LINDA: Ele não disse nada, Willy.

WILLY*: (indo a porta da sala)* Está bem, boa noite, boa noite.

LINDA: Willy, querido, ele acaba de decidir . . .

WILLY: *(a Biff)* Se amanhã você ficar cansado de não fazer nada, procure pintar o forro novo que eu pus no teto da saia.

BIFF: Amanhã eu vou sair bem cedo.

HAPPY: Ele vai falar com Bill Oliver, papai.

WILLY: *(interessado)* Oliver? Para quê?

BIFF: *(cauteloso, mas esforçando-se)* Ele sempre disse que me ajudaria. Eu queria entrar num negócio, quem sabe se ele me apóia?

LINDA: Não é formidável?

WILLY: Não interrompa. Que é que tem isso de formidável? Há pelo menos cinqüenta pessoas em Nova York que o ajudariam. *(A Biff)* Artigos de esporte?

BIFF: Acho que sim. Eu conheço alguma coisa do ramo e. . .

WILLY: Conhece alguma coisa do ramo! Você conhece artigos de esporte mais do que ninguém ! Quanto é que ele vai lhe dar?

BIFF: Não sei, eu ainda nem falei com ele, eu ...

WILLY: Então, que conversa é essa?

BIFF: *(ficando zangado)* Bom, eu só disse que ia falar com ele, só isso.

WILLY: *(dando-lhe as costas)* Ah, sei. Você já está de novo contando com o ovo no cu da galinha.

BIFF: *(saindo em direção à escada)* Oh, merda, eu vou dormir !

WILLY: E não diga palavrões nesta casa !

BIFF: *(parando)* Desde quando você ficou tão delicado?

HAPPY: *(tentando parar a discussão)* Esperem um pouco, escutem . . .

WILLY: Não fale assim comigo! Não admito isso!

HAPPY: *(segurando Biff, grita)* Espere um pouco! Tive uma idéia. Fácil de realizar. Venha cá, Biff, vamos conversar com a cabeça fria. A última vez que eu estive na Flórida, tive uma grande idéia para a venda de artigos de esporte. Agora pensei nela de novo. Você e eu, Biff, temos um estilo ... o estilo Lotnan. A gente treina uns quinze dias e faz umas exibições, compreende?

WILLY: É uma boa idéia.

HAPPY: Espere! Fazemos dois times de basquete, compreende? Dois times de pólo aquático! E jogamos um contra o outro. Vale um milhão de dólares em publicidade. Dois irmãos, compreende? Os Irmãos Loman. Anúncios em todas as avenidas, em todos os hotéis. E estandartes nas quadras, nos ringues: "Os Irmãos Loman". Rapaz, você vai ver só como a gente vai vender artigos de esporte!

WILLY: Essa idéia vale um milhão !

LINDA: É maravilhoso!

BIFF: Bem, eu estou em forma.

HAPPY: E a beleza que existe nisso, Biff, não seria só uma coisa comercial. A gente estaria jogando de novo . . .

BIFF: *(entusiasmando-se)* Puxa, isso é . . .

WILLY: Vale um milhão.

HAPPY: E você não ia se chatear com isso, Biff. Vai ser de novo a família, a velha honra, a camaradagem. E se você quiser dar uma escapadela pra nadar, você vai! Sem se preocupar com o canalha que quer passá-lo pra trás !

WILLY: Conquistar o mundo ! Vocês dois juntos podem conquistar todo o mundo civilizado !

BIFF: Vou falar com Oliver amanhã. Happy, se a gente conseguir fazer isso . . .

LINDA: Acho que as coisas estão começando a...

WILLY: *(entusiasmado, a Linda)* Mas pare de interromper! *(A Biff)* Mas não vá falar com Oli ver, vestindo roupa esporte.

BIFF: Não, eu...

WILLY: Terno e gravata, e fale o menos possível. Sem contar piadas.

BIFF: Ele gostava de mim. Sempre gostou de mim.

LINDA: Ele adorava você!

WILLY: *(a Linda)* Mas você quer parar! *(A Biff)* Entre bem sério. Você não vai pedir um emprego de continuo. Há muito dinheiro em jogo. Seja tranqüilo, educado, sério. Todo mundo gosta de um brincalhão, mas ninguém lhe empresta dinheiro.

HAPPY: Eu também vou ver se me viro, Biff. Tenho certeza de que levanto algum.

WILLY: Prevejo um futuro brilhante para vocês, meninos. Acho que os problemas terminaram. Mas lembrem-se: se alguém começa grande, acaba grande. Peça quinze mil. Quanto é que você vai pedir?

BIFF: Puxa, eu nem sei.

WILLY: E não diga "puxa". "Puxa" é uma palavra que só criança usa. Um homem que está falando em quinze mil dólares não diz "puxa"'.

BIFF: Acho que dez já é suficiente.

WILLY: Não seja modesto. Você sempre começou por baixo. Você já entra rindo; não demonstre preocupação. Conte logo uma ou duas piadas que é pro ambiente ficar mais leve. Não é o que se diz . . . é como se diz. O que conta é a personalidade.

LINDA: Oliver sempre teve Biff na mais alta conta. . .

WILLY: Você quer me deixar falar?

BIFF: Não grite com ela, papai, por favor.

WILLY: *(zangado)* Eu estava falando, não estava?

BIFF: Eu só estou lhe dizendo que não gosto de ver você gritando com ela o tempo todo, só isso.

WILLY: Quem é você pra mandar aqui nesta casa?

LINDA: Willy. . .

WILLY: *(virando-se para ela)* E não fique sempre do lado dele. merda !

BIFF: *(furioso)* Pare de gritar com ela !

WILLY: *(subitamente se aprumando, abatido e culpado)* Dê lembranças minhas a Bill Oliver. . . talvez ele se lembre de mim. *(Sai pela porta da sala.)*

LINDA*:* *(em voz baixa)* Por que essa discussão? *(Biff se afasta.)* Você não viu como ele se sentiu bem, assim que você lhe deu uma esperança? *(Dirige-se a Biff.)* Suba e diga boa noite a ele. Não deixe que ele durma desse jeito.

HAPPY: Vamos, Biff, não custa nada.

LINDA: Por favor, querido. É só dizer boa noite. É preciso tão pouco para fazê-lo feliz. *(Sai pela porta da sala e fala para o quarto.)* Seu pijama está pendurado no banheiro, Willy!

HAPPY: *(olhando para onde Linda saiu)* Que mulher! Quebraram o molde quando ela nasceu.

BIFF: Ele não tem salário. Meu Deus, trabalhando por comissão !

HAPPY: Bom, vamos falar a verdade; ele não é um grande vendedor. Mas você tem de admitir que, de vez em quando, ele é uma boa pessoa.

BIFF: *(decidido)* Empreste-me dez dólares. Eu quero comprar umas gravatas novas.

HAPPY: Eu o levo a uma loja que conheço. Coisa fina. E amanhã você pode usar uma das minhas camisas listradas.

BIFF: Ela está de cabelos brancos. Mamãe envelheceu muito. Puxa, amanhã eu vou ver o Oliver e vou arrancar esse dinheiro dele. .

HAPPY: Vamos subir. Diga isso a papai. Ele vai ficar animado. Vamos lá.

BIFF: *(confiante)* Ó rapaz, eu com dez mil dólares!

HAPPY: *(enquanto entram na sala)* Assim é que se fala, Biff, é a primeira vez desde que você chegou que eu ouço você falar assim ! *(Já dentro da sala.)* Você vai viver comigo, rapaz, e qualquer garota que você quiser. . .

(Quase não se ouvem as últimas frases. Eles estão subindo as escadas para o quarto dos pais.)

LINDA: *(entrando no quarto e falando com Willy que está no banheiro; ela está arrumando a cama para ele)* Você já viu esse chuveiro? Fica pingando o tempo todo.

WILLY: *(do banheiro)* De repente tudo cai aos pedaços! Esses miseráveis desses bombeiros deviam ir para a cadeia ! Eu acabei de instalar e já está tudo estragado. (As palavras se perdem.)

LINDA: Eu estava pensando se Oliver vai se lembrar dele. O que é que você acha?

WILLY: *(saindo do banheiro, de pijama)* Se vai se lembrar dele? Você ficou maluca? Se ele tivesse ficado com Oliver, ele hoje estaria feito! Espere só o Oliver dar uma olhada nele! Você não sabe como são os rapazes de hoje. . . *(Sentando-se na cama.)* . . . zero, não valem nada. A melhor coisa que Biff fez foi andar por aí, conhecer o mundo.

(Biff e Happy entram no quarto. Ligeira pausa.)

WILLY: *(olha para Biff; pausa)* Gostei de ver, rapaz.

HAPPY: A gente veio dar boa-noite a você, companheiro.

WILLY: *(a Biff)* É. Dê um baile nele, Biff. Que é que você queria me dizer?

BIFF: Está tudo bem, papai. Boa noite. *(Vira-se para sair.)*

WILLY: *(sem poder resistir)* E se alguma coisa cair da mesa dele enquanto você estiver lá. . . um embrulho, qualquer coisa. . . não se abaixe para apanhar. Eles têm contínuos para isso.

LINDA: Amanhã eu vou fazer um bom café . . .

WILLY: Quer me deixar acabar? *(A Biff)* Diga que você tinha um negócio no oeste. Não diga que trabalhou numa granja.

BIFF: Está bem, papai.

LINDA: Acho que tudo . . .

WILLY: *(em cima da frase dela)* E não se diminua. Nada menos que quinze mil dólares.

BIFF: *(incapaz de suportá-lo)* Está bem. Boa noite, mamãe. *(Começa a sair.)*

WILLY: Porque você tem grandeza, Biff, não se esqueça disso. Você tem uma grandeza imensa. . . *(Deita-se, exausto. Biff sai.)*

LINDA: *(a Biff)* Durma bem, querido!

HAPPY: Eu vou me casar, mamãe. Queria lhe contar.

LINDA: Vá dormir, querido.

HAPPY: *(saindo)* Eu só queria lhe contar.

WILLY: Continue trabalhando bem. *(Happy sai.)* Meu Deus. . . lembra daquele jogo em Ebbets Field? O campeonato da cidade?

LINDA: Descanse. Quer que eu cante para você?

WILLY: Quero. Cante. *(Linda cantarola suavemente uma canção de ninar.)* Lembra quando o time entrou em campo? Ele era o mais alto.

LINDA: Lembro. Todo de dourado.

(Biff entra na cozinha escura, pega um cigarro e sai da casa. Desce o palco, fica embaixo de um foco de luz dourado. Fuma, olhando a noite.)

WILLY: Parecia um jovem deus. Hércules ... ou coisa parecida. E todo aquele sol, aquele sol em volta dele. Lembra quando ele acenou para mim? Lá do meio do campo, com os diretores de três colégios do lado dele? E os compradores que eu levei, e os aplausos, a gritaria quando ele apareceu. . . Loman, Loman, Loman ! Oh, meu Deus Todo-Poderoso, ele ainda há de ser grande. Uma estrela reluzente como essa não se extingue jamais!

(A luz sobre Willy vai se extinguindo. O aquecedor de gás começa a brilhar através da parede da cozinha, perto da escada — uma chama azul entre espirais vermelhas.)

LINDA: *(timidamente)* Willy querido, que é que ele tem contra você?

WILLY: Estou tão cansado. Não quero falar mais.

(Biff volta à cozinha. Pára, olhando o aquecedor.)

LINDA: Você vai pedir a Howard que deixe você trabalhar na cidade.

WILLY: Amanhã de manhã, cedinho. Vai dar tudo certo.

(Biff remexe no aquecedor e retira um tubo de borracha. Fica horrorizado e olha para o quarto de Willy, ainda na penumbra e do qual cresce o desesperado e monótono cantarolar de Linda.)

WILLY: *(olhando a luz do luar que entra pela janela)* Puxa, olha a lua caminhando entre os edifícios. . .

(Biff enrola o tubo nas mãos e sobe rapidamente a escada.)

ATO II

Ouve se uma música alegre e brilhante. O pano sobe enquanto a música termina. Willy, em mangas de camisa, está sentado à mesa da cozinha, com o chapéu no joelho. Linda lhe enche a xícara, quando pode.

WILLY: Café esplêndido. Vale uma refeição.

LINDA: Quer que eu lhe faça uns ovos?

WILLY: Não. Descanse um pouco.

LINDA: Você parece tão bem, querido.

WILLY: Dormi como uma pedra. Há meses que eu não dormia assim.

Imagine só, dormir até dez da manhã numa terça-feira. Os meninos saíram bem cedinho, hein?

LINDA: Antes das oito.

WILLY: ótimo.

LINDA: Foi tão bonito ver os dois saindo juntos. Você está sentindo o perfume da loção de barba?

WILLY: *(sorrindo)* Mmmmm. . .

LINDA: Biff estava outro, hoje de manhã. Cheio de esperança. Não via a hora de se encontrar com Oliver.

WILLY: Ele vai mudar, nem há dúvida. Há certos homens que demoram pra acertar na vida, só isso. Como é que ele estava vestido?

LINDA: Com o terno azul. Ele fica tão bonito naquela roupa. Ele podia ser um... sei lá, qualquer coisa, com aquela roupa.

(Willy se levanta. Linda segura o paletó dele.)

WILLY: Não há dúvida, a menor dúvida. Puxa, quando eu voltar pra casa hoje, vou comprar umas sementes.

LINDA: *(rindo)* Ótimo. Mas o sol não bate mais aqui. Acho que não cresce mais nada.

WILLY: Você vai ver só, menina, antes que tudo isso acabe, nós ainda vamos ter uma bela casinha no campo, e eu vou ter um pomarzinho, vou criar umas galinhas . . .

LINDA: Você ainda vai fazer isso, querido.

(Willy se afasta do paletó. Linda o segue.)

WILLY: E eles vão se casar e vão passar o fim de semana conosco. Eu vou fazer uma casinha de hóspedes. Porque eu tenho ferramentas esplêndidas, eu só preciso é de um pouco de madeira e paz de espírito.

LINDA: *(alegremente)* Eu costurei o forro do paletó . . .

WILLY: Eu poderia construir duas casas de hóspedes, assim os dois poderiam vir. Ele já decidiu quanto é que ele vai pedir a Oliver?

LINDA: *(enfiando o paletó nele)* Ele não disse, mas acho que uns dez ou quinze. Você vai falar com Howard hoje?

WILLY: Vou. Vou ser simples e direto: ele tem que me tirar da estrada, pronto.

LINDA: E, Willy, não esqueça de pedir um adiantamento, porque temos que pagar o prêmio do seguro. Só falta essa prestação.

WILLY: Ê cento e quanto?

LINDA: Cento e oito dólares e sessenta e oito centavos. E nós não temos tudo isso.

WILLY: E por que não temos?

LINDA: Bom, você teve que mandar o carro pra oficina . . .

WILLY: Essa porcaria de Studebaker !

LINDA: E ainda falta uma prestação da geladeira. . .

WILLY: Mas ela já quebrou de novo !

LINDA: Ela é velha, querido.

WILLY: Eu falei que a gente devia comprar uma geladeira bem anunciada. Charley comprou uma General Electric há vinte anos e ela ainda funciona, esse filho da mãe.

LINDA: Mas, Willy. . .

WILLY: Quem é que já ouviu falar de uma geladeira Hastings? Pelo menos uma vez na vida eu gostaria de ter alguma coisa que não quebrasse antes de estar paga. Parece que eu estou apostando uma corrida! Mal acabei de pagar o carro e eleja não presta pra nada. A geladeira parte uma correia atrás da outra. Acho que eles calculam isso. Calculam de um jeito que. quando você acaba de pagar uma. já tem que comprar outra

LINDA: *(abotoando o paletó que ele desabotoa)* No total, uns duzentos dólares resolvem tudo. Mas isso inclui o último pagamento da hipoteca da casa. Depois desse pagamento, Willy, a casa é nossa.

WILLY: Vinte e cinco anos !

LINDA: Biff tinha nove anos quando a gente comprou.

WILLY: Bom, isso é uma grande coisa. Pagar uma hipoteca de vinte e cinco anos . . .

LINDA: É um grande sucesso.

WILLY: Quanto cimento, quanta madeira eu pus nessa casa! Não se encontra nela uma fenda, cm lugar nenhum.

LINDA: Ela cumpriu sua missão.

WILLY: Que missão? Qualquer dia desses aparece aí um estranho, muda pra cá e acabou-se. Se pelo menos Biff quisesse viver aqui, se se casasse, tivesse filhos. . . *(Começa a sair.)* Até logo, estou atrasado.

LINDA: *(lembrando de repente)* Ah, esqueci. Você deve ir se encontrar com eles para jantar.

WILLY: Eu?

LINDA: No Restaurante Frank's. rua 48, esquina de Sexta Avenida.

WILLY: É mesmo? E você?

LINDA: Não, só vocês três. Vão oferecer-lhe um banquete !

WILLY: Mas é mesmo? De quem foi a idéia?

LINDA: Biff chegou pra mim de manhã e disse: "Mamãe, avise ao papai que nós vamos oferecer a ele um banquete". Esteja lá às seis horas. Você e seus dois filhos vão jantar juntos.

WILLY: Puxa, isso sim! Menina, eu vou botar o Howard no bolso. Vou conseguir um adiantamento e vou voltar pra casa com um emprego na cidade. Se vou ! Você vai ver só !

LINDA: Isso, Willy, assim é que eu gosto !

WILLY: Não vou nunca mais viver atrás de uma direção.

LINDA: As coisas estão mudando, Willy, eu sinto que estão !

WILLY: Claro que estão. Até logo, estou atrasado.

(Começa a sair de novo.)

LINDA: *(chamando-o, enquanto corre à mesa para buscar um lenço)* Está levando seus óculos?

WILLY: *(procura, depois volta)* Estou.

LINDA: *(dá o lenço a ele)* E o lenço.

WILLY: É, um lenço.

LINDA: E a Sacarina?

WILLY: A Sacarina.

LINDA: Cuidado na escadaria do metrô. *(Dá-lhe um beijo. Está com uma meia nas mãos e Willy percebe.)*

WILLY: Você quer parar de remendar essas meias? Peto menos enquanto eu estiver em casa? Deixa-me nervoso. Não sei por quê. Por favor.

(Linda esconde a meia enquanto acompanha Willy pelo palco até a saída da casa.)

LINDA: Não se esqueça: Restaurante Frank's.

WILLY: *(contempla o chão)* Acho que beterraba é capaz de nascer aí.

LINDA: *(rindo)* Mas você já plantou tantas vezes. . .

WILLY: É verdade. Bem, veja se não trabalha muito hoje. *(Desaparece à direita da casa.)*

LINDA: Cuidado!

(Enquanto Willy desaparece, Linda acena para ele. O telefone toca. Ela corre através do palco, entra na cozinha e atende.)

LINDA: Alô? Oh, Biff, que bom que você chamou, eu acabei. . . Pois é, acabei de dizer a ele. Ele vai. sim. Seis horas, no restaurante.
Não esqueci. Escute, eu estava louca pra contar a você. Sabe aquele tubo de borracha de que eu falei? Que estava ligado ao aquecedor de gás? Pois é, eu finalmente resolvi descer ao porão hoje de manhã e tirá-lo de lá. Mas ele sumiu! Imagine! Ele mesmo o tirou, não está mais lá! *(Ela presta atenção.)* Quando?
Ah, foi você que tirou. Não, nada, é que eu pensei que tivesse sido ele. Oh, não estou mais preocupada, meu bem, porque hoje ele saiu tão bem disposto, como antigamente ! Não tenho mais medo. Já falou com o senhor

Oliver? Então espere mais um pouco. Veja se o impressiona bem, querido. Não transpire muito antes de falar com ele. E divirta-se no jantar com papai. Quem sabe ele também terá grandes novidades? Isso, um trabalho aqui mesmo em Nova York. E trate bem dele hoje, meu querido. Seja carinhoso com ele. Porque ele é um barco à procura de um porto. *(Ela treme, de piedade e alegria.)* Oh, isso é maravilhoso, Biff, você vai salvar a vida dele. Obrigada, meu bem. Quando ele entrar no restaurante, ponha o braço no ombro dele. E sorria para ele. Esse é o meu filho. . . Até logo, querido. Você levou seu pente? Até logo, Biff, querido.

(No meio da fala dela, Howard Wagner, trinta e seis anos, gira uma pequena mesa com uma máquina de escrever, na qual existe um gravador, e o liga. Isto é à esquerda do cenário. A luz se apaga lentamente sobre Linda, enquanto cresce sobre ele. Howard está ocupado com os fios do gravador e apenas olha sobre os ombros quando Willy aparece.)

WILLY: Pst! Pst!

HOWARD: Alô, Willy, entre.

WILLY: Queria ter uma conversinha rápida com você. Howard.

HOWARD: Desculpe fazer você esperar. Já falo com você já. já.

WILLY: O que é isso, Howard?

HOWARD: Você nunca viu um destes? É um gravador.

WILLY: Oh. Será que a gente poderia conversar um pouquinho?

HOWARD: Ele grava as coisas. Recebi ontem. Está me deixando louco, é a coisa mais sensacional que eu já vi na vida. Passei a noite inteira acordado com ele.

WILLY: Que é que você faz com ele?

HOWARD: Eu comprei pra fazer ditados, mas pode-se fazer o que quiser. Escuta só isto aqui. Gravei lá em casa, ontem à noite. Primeiro é minha

filha. Veja só. *(Aperta um botão e ouve-se uma canção assobiada.)* Veja só como essa garota assobia.

WILLY: Parece de verdade, não?

HOWARD: Sete anos. Olha só a afinação.

WILLY: Ts, ts. Eu queria lhe pedir um favorzinho . . .

(Cessa o assobio e ouve-se a voz da filha de Howard.)

A FILHA: "Agora você, papai!"

HOWARD: Ela é, louca por mim ! *(Ouve-se a mesma canção com outro assobio.)* Esse sou eu ! Ha! Ha! Ha! *(Dá uma piscadela.)*

WILLY: Você é muito bom !

(O assobio pára de novo. O gravador funciona em silêncio por algum tempo.)

HOWARD: Pssiu! Ouve isso agora, é meu filho.

O FILHO: "A capital do Alabama é Montgomery; a capital do Arizona é Phoenix; a capital do Arkansas é Little Rock; a capital da Califórnia é Sacramento . . ." *(E assim por diante.)*

HOWARD: *(levantando a mão e mostrando os cinco dedos)* Cinco anos, Willy!

WILLY: Puxa, ele pode ser um locutor esplêndido !

O FILHO: *(continuando)* "... a capital. . ."

HOWARD: Tá vendo só? Em ordem alfabética! *(A máquina pára de repente.)* Espere um pouco. A empregada desligou a tomada.

WILLY: Mas ê mesmo uma coisa . . .

HOWARD: St! Silêncio.

O FILHO: "Já são nove horas, hora Bulova. Devo ir dormir."

WILLY: Mas isso é . . .

HOWARD: Espere um pouco ! Agora vem minha mulher.

VOZ DE HOWARD: "Vá, diga alguma coisa." *(Pausa.)* "Você vai falar ou não vai?"

A MULHER: "Mas o que é que eu vou dizer?"

VOZ DE HOWARD: "Bom, fala. Está ligado."

A MULHER: *(tímida, derrotada)* "Alô ! *(Silêncio.)* Oh, Howard, eu não sei falar nessa coisa..."

HOWARD: *(desligando a máquina)* Essa era minha mulher.

WILLY: Mas é uma máquina esplêndida. Será que nós podemos. . .

HOWARD: Quer saber de uma coisa, Willy? Eu vou pegar minha câmara, minha serra-de-fita, tudo, e vou jogar tudo fora. Esta é a melhor diversão que eu já vi na vida.

WILLY: Acho que eu vou comprar um pra mim.

HOWARD: Compre sim, custa só cento e cinqüenta dólares. Não se pode deixar de ter um. Por exemplo, você quer ouvir o Jack Benny; mas não está em casa na hora do programa. Você diz pra empregada ligar o rádio na hora do Jack Benny, e automaticamente o gravador grava tudo . . .

WILLY: E quando a gente chegar em casa. . .

HOWARD: Você pode chegar em casa à meia-noite, à uma da manhã, a hora que for, você pega uma Coca-Cola, senta-se gostoso, liga o gravador e pronto! Você ouve o programa do Jack Benny no meio da madrugada!

WILLY: Já decidi; vou comprar um! Quantas vezes na estrada eu não penso o que estou perdendo no rádio !

HOWARD: Você não tem rádio no carro?

WILLY: Bem, tenho, mas quem lembra de ligar o rádio do carro?

HOWARD: Escuta, você não devia estar em Boston?

WILLY: Sobre isso é que eu queria lhe falar, Howard. Você tem um minuto? *(Pega uma cadeira dos bastidores.)*

HOWARD: Que aconteceu? O que é que você está fazendo aqui?

WILLY: Bem, eu...

HOWARD: Você não teve outro acidente, teve?

WILLY: Não, não, eu...

HOWARD: Puxa, fiquei preocupado. Qual é o problema?

WILLY: Bom, vou lhe dizer a verdade, Howard. Decidi não viajar mais.

HOWARD: Não vai mais viajar ! E o que é que vai fazer?

WILLY: Você se lembra da festa de Natal, aqui? Você disse que ia pensar num lugar para mim aqui na cidade.

HOWARD: Aqui na companhia?

WILLY: Claro.

HOWARD: Ah, é mesmo, eu me lembro, sim. Mas, não achei nada para você, Willy.

WILLY: Olhe, Howard, os meus filhos já estão adultos, eu não preciso de muito. Se pudesse levar pra casa . . . sessenta e cinco dólares por semana, eu já me arranjaria.

HOWARD: Eu sei, Willy, mas olhe. . .

WILLY: Eu lhe explico por que, Howard. Falando francamente, e só aqui entre nós ... eu me sinto um pouco cansado.

HOWARD: Eu compreendo, Willy. Mas você é um caixeiro-viajante, e o que a companhia precisa é de caixeiros-viajantes. Aqui na loja nós só temos uma meia dúzia de vendedores.

WILLY: Howard, Deus sabe que nunca pedi favor a ninguém. Mas eu já trabalhava aqui quando seu pai ainda carregava você no colo.

HOWARD: Sei disso, Willy, mas. . .

WILLY: No dia em que você nasceu, seu pai, que descanse em paz, me perguntou o que é que eu achava do nome Howard.

HOWARD: Eu agradeço, Willy, mas não tenho um lugar para você. Se eu tivesse, colocaria você agora mesmo, mas não tenho mesmo.

(Procura o isqueiro. Willy o apanha e dá a ele. Pausa.)

WILLY: *(com raiva crescente)* Howard, tudo que eu preciso para viver são apenas cinqüenta dólares por semana.

HOWARD: Mas onde é que eu vou botar você, rapaz?

WILLY: Olhe aqui, não se trata de discutir se eu sei ou não sei vender, não é?

HOWARD: Claro, Willy, mas isso aqui é uma empresa.

WILLY: *(desesperado)* Deixe-me contar-lhe uma história, Howard.

HOWARD: Porque você tem que admitir: negócios são negócios.

WILLY: *(zangado)* Eu sei que negócios são negócios, mas escute um minutinho só. Você não entende a situação. Quando eu ainda era um menino — dezoito, dezenove anos — eu já era viajante. E eu ficava me perguntando se essa profissão tinha futuro. Porque naquela época eu andava pensando em ir para o Alaska. Houve três corridas de ouro no Alaska, e eu quase fui.

HOWARD: *(sem interesse)* Não diga.

WILLY: É mesmo, meu pai viveu muitos anos no Alaska. Era um homem que gostava de aventuras. Na nossa família nós temos confiança em nós mesmos. Eu pensei que poderia ir com meu irmão mais velho e encontrar meu pai, e talvez ficar com ele lá no Alaska. E eu estava quase decidido a ir, quando conheci um caixeiro-viajante na Parker House. Chamava-se Davé Singleman. Tinha oitenta e quatro anos e já tinha vendido mercadorias em trinta e um Estados. O velho Dave subia pro quarto, compreende, botava os chinelos de veludo verde — nunca vou me esquecer disso —, pegava o telefone e chamava os compradores. E mesmo sem sair de seu quarto, com oitenta e quatro anos, ganhava a vida. Quando eu vi isso, percebi que a carreira de um viajante era a maior carreira que um homem podia desejar. Por acaso há no mundo alguma coisa mais formidável do que uma pessoa com oitenta e quatro anos capaz de viajar por vinte, trinta cidades diferentes, e ser lembrado, amado e ajudado por tantas pessoas diferentes? Sabe? Quando ele morreu — e por falar nisso, morreu a morte de um caixeiro-viajante, com seus chinelos de veludo verde, no vagão de fumar do trem Nova York—Nova Haven—Hartford, a caminho de Boston —, quando morreu, centenas de caixeiros-viajantes e de compradores foram a seus funerais. Durante meses falou-se dele em todos os trens. *(Levanta-se. Howard nem olhou para ele.)* Naquele tempo, esta profissão tinha personalidade. Havia respeito, companheirismo e gratidão. Hoje, tudo é seco, agressivo. Não há chance para se cultivar a amizade. . . nem há mais personalidade. Entende o que eu digo? Ninguém me conhece mais. f. I.

HOWARD: *(andando para a direita)* É esse o problema, Willy.

WILLY: Se eu ganhasse quarenta dólares por semana. É só o que eu preciso, Howard. Quarenta dólares.

HOWARD: Mas, rapaz, eu não posso tirar leite da pedra, eu ...

WILLY: *(agora já está desesperado)* Howard, no ano que Al Smith foi candidato, seu pai me disse. . .

HOWARD: *(começando a sair)* Há gente me esperando, Willy.

WILLY: *(impedindo que ele saia)* Eu estou falando de seu pai! Foram feitas promessas aqui nesta mesa! Você não pode me dizer que há gente

esperando, Howard! Eu dei trinta e quatro anos da minha vida a esta companhia e agora não posso nem pagar o meu seguro! Um ser humano não é igual a uma laranja, que você chupa e joga o bagaço fora! *(Depois de uma pausa.)* Agora preste atenção. Seu pai. . . 1928 foi um grande ano para mim. Ganhei uma média de cento e setenta dólares por semana em comissões.

HOWARD: Ora, Willy, você nunca na vida . . .

WILLY: *(dando um murro na mesa)* Ganhei! Ganhei cento e setenta dólares por semana de comissão, no ano de 1928 ! E seu pai chegou — ou melhor, eu estava aqui, no escritório ... foi bem aqui, nesta mesa —, pôs a mão no meu ombro . . .

HOWARD: *(levantando-se)* Você vai me desculpar, Willy, mas há gente me esperando. Controle-se. *(Saindo)* Eu volto já.

(Com a saída de Howard, a luz sobre a cadeira dele fica muito forte e brilhante.)

WILLY: "Controle-se"? Mas o que foi que eu disse a ele? Meu Deus, eu estava gritando com ele! Como é que eu pude fazer uma coisa dessas? *(Interrompe-se, olhando para a luz que ilumina e ocupa a cadeira. Aproxima-se da cadeira, ficando separado dela pela mesa.)* Frank, Frank, não se lembra do que você me disse aquela vez? Como você pôs a mão no meu ombro, Frank, e. . .

(Ele se inclina sobre a mesa e, quando pronuncia o nome do morto, acidentalmente bate no gravador e o liga. Ouve-se instantaneamente.)

VOZ DO FILHO: "... de Nova York é Albany. A capital de Ohio é Cincinatti. a capital de Rhode Island é . . ." *(A recitação continua.)*

WILLY: *(afastando-se apavorado e gritando)* Ai! Howard ! Howard ! Howard !

HOWARD: *(entra correndo)* O que foi?

WILLY: *(apontando o gravador que continua com a voz infantil e anasalada, dizendo o nome das capitais)* Desligue isso ! Desligue isso !

HOWARD: *(desligando)* Escute, Willy . . .

WILLY: *(apertando os dedos nos olhos)* Preciso tomar um café. Vou buscar um café.

(Willy começa a sair. Howard o detém.)

HOWARD: *(enrolando os fios)* Olhe aqui, Willy . . .

WILLY: Eu vou a Boston.

HOWARD: Willy, você não pode ir a Boston pela companhia.

WILLY: Por que não?

HOWARD: Eu não quero mais que você seja nosso representante. Há muito tempo que eu queria lhe dizer isso.

WILLY: Howard, você está me despedindo?

HOWARD: Acho que você precisa de um bom descanso, Willy.

WILLY: Howard. . .

HOWARD: E quando você se sentir melhor, volte, e vamos ver o que se pode fazer.

WILLY: Mas eu preciso ganhar dinheiro, Howard. Eu não estou em condições de...

HOWARD: Onde é que estão seus filhos? Por que é que seus filhos não o ajudam?

WILLY: Eles estão trabalhando num projeto muito importante.

HOWARD: Não é hora de falso orgulho, Willy. Procure seus filhos e diga a eles que você está cansado. Você tem dois filhos grandes, não tem?

WILLY: Claro, não tem dúvida, mas enquanto isso. . .

HOWARD: Está combinado então, não está?

WILLY: Está. Mas eu vou a Boston amanhã.

HOWARD: Não, não.

WILLY: Não posso ser sustentado pelos meus filhos! Não sou aleijado !

HOWARD: Escuta, rapaz, eu estou muito ocupado hoje.

WILLY: *(segurando o braço de Howard)* Howard, você tem que me deixar ir a Boston !

HOWARD: *(duro, mantendo o controle)* Eu tenho uma fila de pessoas para atender. Willy. Sente-se aí por uns cinco minutos, acalme-se e depois vá pra casa, está bem? Eu preciso do escritório. *(Começa a sair, depois se lembra do gravador e volta para apanhá-lo e empurra a mesa onde ele está.)* Ah! Sim. Quando você puder, esta semana, passe aqui e devolva os mostruários. Você se sentirá melhor, Willy. volte e a gente conversa. Controle-se, rapaz, há muita gente aí fora.

(Howard sai, levando a mesa consigo. Willy contempla o espaço, exausto. Ouve-se música — o tema de Ben — primeiro à distância, depois cada vez mais perto. Enquanto Willy fala, Ben entra da direita. Carrega uma maleta e um guarda-chuva.)

WILLY: Oh, Ben, como é que você conseguiu? Qual é a resposta? Você já fechou o negócio do Alaska?

BEN: Não demora muito, se você sabe o que faz. Uma pequena viagem de negócios. Vou pegar o navio daqui a uma hora. Queria dizer adeus.

WILLY: Ben, eu preciso falar com você.

BEN: *(olhando o relógio)* Não tenho tempo, William.

WILLY: *(dirigindo-se a ele)* Nada dá certo, Ben. Não sei o que fazer.

BEN: Preste atenção, William. Comprei uns bosques de boa madeira no Alaska e preciso de um homem para tomar conta deles para mim.

WILLY: Meu Deus, bosques, madeira! Eu e meus filhos naqueles espaços abertos!

BEN: Há um novo continente bem diante de você, William. Saia destas cidades, elas estão cheias de conversas, prazos, tribunais. Tenha coragem e você ganha uma fortuna lá.

WILLY: É isso, é isso ! Linda. Linda !

(Linda entra como antigamente, com a cesta.)

LINDA: Oh, você voltou?

BEN: Não tenho muito tempo.

WILLY: Não, espere! Linda, ele tem uma proposta para mim no Alaska!

LINDA: Mas você tem . . . *(A Ben)* E!e tem um bom emprego aqui.

WILLY: Mas, menina, no Alaska eu poderia. . .

LINDA: Você está indo muito bem, Willy !

BEN: *(a Linda)* Bem para que, minha querida?

LINDA: *(com medo de Ben e zangada com ele)* Não encha a cabeça dele! Bem para ser feliz aqui mesmo e agora mesmo! *(A Willy enquanto Ben ri)* Por que todos têm que conquistar o mundo? Você é estimado, os meninos o adoram e algum dia. . . *(A Ben)* ... o velho Wagner disse a ele outro dia que, se ele continua assim, vai ser sócio da firma, não disse, Willy?

WILLY: Disse, claro. Eu estou construindo alguma coisa nessa companhia, Ben, e, se um homem está construindo, está no caminho certo, não está?

BEN: O que é que você está construindo? Mostre-me. Onde está?

WILLY: *(hesitante)* É verdade, Linda, não há nada.

LINDA: Por quê? *(A Ben)* Existe um homem que tem oitenta e quatro anos e. . .

WILLY: É verdade, Ben, é verdade. Quando eu olho para aquele homem eu digo: qual é o problema?

BEN: Ora!

WILLY: É verdade, Ben! Ele chega numa cidade, pega o telefone e ganha a vida, e você sabe por quê?

BEN: *(apanhando a maleta)* Tenho que ir embora.

WILLY: *(segurando Ben)* Olha só pra esse garoto! *(Biff, com seu blusão de ginásio, entra carregando uma valise. Happy vem com ele, carregando as ombreiras, um capacete dourado e calças de futebol.)* Sem ter um tostão, há três universidades implorando por ele, e daí pra frente o céu é o limite, porque não é o que você faz, Ben! É quem você conhece e o sorriso nos lábios! Contatos, Ben, contatos! Toda a riqueza do Alaska passa pelo restaurante do Hotel Comodoro, e aí é que está a maravilha, a grande maravilha deste país: é que aqui um homem pode terminar cheio de diamantes, desde que seja estimado, querido *! (Vira-se para Biff)* Por isso é tão importante esse jogo de hoje. Porque haverá milhares de pessoas torcendo por você e apaixonadas por você! *(A Ben, que começou de novo a sair)* E Ben !
Quando ele entrar num escritório o nome dele vai tilintar como um sino e todas as portas se abrirão para ele! Eu já vi isso, Ben, já vi isso milhares de vezes! A gente não sente na mão como se fosse madeira, mas existe!

BEN: Adeus, Wíllíam.

WILLY: Estou certo, Ben? Diga-me se estou certo. Quero ouvir sua opinião.

BEN: Há um novo continente bem a sua frente, William. Você poderia sair dele rico. Rico ! *(Sai.)*

WILLY: Nós vamos ficar ricos aqui mesmo! Ouviu, Ben? Nós vamos ficar ricos aqui!

(Entra o jovem Bernard. Ouve-se a alegre música dos rapazes.)

BERNARD: Puxa, pensei que você já tivesse ido !

WILLY: Por quê? Que horas são?

BERNARD: Mais de uma e meia!

WILLY: Vamos embora, todo mundo! A próxima parada é Ebbets Field! Cadê os estandartes? *(Corre "através" da parede da cozinha e daí para a sala.)*

LINDA: *(a Biff)* Você está levando cuecas limpas?

BIFF: *(que estava fazendo flexões)* Estou pronto.

BERNARD: Biff, eu vou carregar seu capacete, não vou?

HAPPY: Não, eu é que vou carregar o capacete.

BERNARD: Oh, Biff, você prometeu.

HAPPY: Eu carrego o capacete.

BERNARD: E como é que eu vou entrar no vestiário?

LINDA: Deixe-o carregar as ombreiras. *(Põe o casaco e o chapéu na cozinha.)*

BERNARD: Posso levar, Biff? Porque eu disse a todo mundo que eu ia entrar no vestiário.

HAPPY: Em Ebbets Field está a casa do clube.

BERNARD: A casa do clube, Biff!

BIFF: *(majestoso, depois de pequena pausa)* Deixe-o carregar as ombreiras.

HAPPY: *(enquanto dá as ombreiras a Bernard)* Não fique longe de nós.

(Willy entra com os estandartes.)

WILLY: *(distribuindo os estandartes)* Quando Biff entrar em campo, todo mundo agita os estandartes. *(Happy e Bernard saem correndo.)* Está pronto, rapaz?

(A música acabou.)

BIFF: Prontinho, papai. Todos os músculos estão prontos.

WILLY: *(quase no fim do palco)* Você compreende o que isto significa?

BIFF: Compreendo, papai.

WILLY*: (apertando os músculos de Biff)* Você hoje vai voltar pra casa como capitão do time vencedor do Campeonato Escolar da Cidade de Nova York.

BIFF: Eu sei, papai. E não se esqueça: quando eu tirar o capacete, aquele gol vai ser pra você.

WILLY: Vamos embora! *(Começa a sair, abraçado a Biff, quando Charley entra, como antigamente, de bombachas.)* Não tenho lugar pra você, Charley !

CHARLEY: Lugar? Pra quê?

WILLY: No carro.

CHARLEY: Você vai passear? Eu queria jogar um pouco de cassino.

WILLY: *(furioso)* Cassino ! *(Incrédulo)* Você não sabe que dia é hoje, não?

LINDA: Claro que sabe, Willy. Ele está brincando com você.

WILLY: Não há motivo pra brincar!

CHARLEY: Não sei não. Linda, o que é?

LINDA: Ele vai jogar em Ebbets Field !

CHARLEY: Beisebol com esse tempo?

WILLY: Não perca tempo com ele. Vamos, vamos*! (Empurra-os para fora.)*

CHARLEY: Espere um pouco, você não ouviu o rádio?

WILLY: O que é?

CHARLEY: Não ouviu, não? Ebbets Field explodiu.

WILLY: Vá à merda! *(Charley ri. Willy empurra-os.)* Vamos embora, vamos embora! Já estamos atrasados!

CHARLEY: É bola-ao-cesto ou vôlei, Biff?

WILLY: *(o último a sair, virando-se para Charley)* Não achei graça nisso, Charley. Hoje é o dia mais importante da vida dele.

CHARLEY: Oh, Willy, quando é que você vai crescer?

WILLY: E, não é? Pois quando esse jogo acabar, eu só quero ver qual de nós dois vai estar rindo. Eles vão chamar Biff de o novo Red Grange. Vinte e cinco mil dólares por ano.

CHARLEY*: (brincando)* É mesmo?

WILLY: É mesmo.

CHARLEY: Bom, então desculpe, Willy. Mas, me diga só uma coisa.

WILLY: O que é?

CHARLEY: Quem é Red Grange?

WILLY: Venha cá, se você for homem ! Venha cá, quero ver! *(Charley, rindo, balança a cabeça e sai pelo lado esquerdo do palco. Willy vai atrás dele. A música aumenta e se transforma num frenesi.)* Quem é que você pensa que é, pensa que é melhor que os outros? Você não sabe nada ! Seu bobão, ignorante, estúpido! Venha cá, se for homem !

(A luz se acende à direita, sobre uma pequena mesa, na sala de recepção do escritório de Charley. Ouvem-se os ruídos do tráfego. Bernard, já maduro,

senta-se assobiando. No chão, perto dele, estão um par de raquetes de tênis e uma sacola.)

WILLY: *(fora de cena)* Por que você está fugindo? Não fuja! Se tem que me dizer alguma coisa, diga na minha cara! Eu sei que você ri de mim nas minhas costas. Pois, quando esse jogo acabar, eu só quero ver qual de nós dois vai estar rindo. Gol ! Gol! Oitenta mil pessoas ! Gol! Gol!

(Bernard é jovem, mas sério e responsável. Ouve-se a voz de Willy vindo agora da direita do palco. Bernard tira os pés de cima da mesa e escuta. Entra Jenny, secretária de seu pai.)

JENNY: *(aborrecida)* Escuta, Bernard, será que você podia ir até o hall?

BERNARD: Que barulho é esse? Quem é?

JENNY: O senhor Loman. Acaba de sair do elevador.

BERNARD: *(levantando-se)* Com quem ele está discutindo?

JENNY: Com ninguém. Ele está sozinho. Eu já não sei mais o que fazer com ele, e seu pai fica muito nervoso cada vez que ele vem aqui. Eu tenho que bater uma porção de cartas e seu pai está esperando para assinar. Será que você pode cuidar dele?

WILLY: *(entrando)* Gol! Gol! *(Vê Jenny.)* Jenny! Jenny, que bom ver você de novo ! Trabalhando muito? Ainda honesta?

JENNY: Vou bem. Como está o senhor?

WILLY: Já fui melhor. Jenny, já fui melhor! Ha! Ha! *(Surpreende-se ao ver as raquetes.)*

BERNARD: Alô, tio Willy.

WILLY: *(quase chocado)* Bernard! Ora vejam só quem está aqui. *(Aproxima-se rapidamente de Bernard, com ar de culpado, e aperta calorosamente a mão dele.)*

BERNARD: Como vai o senhor? Que prazer em vê-lo.

WILLY: Que é que você está fazendo aqui?

BERNARD: Dei um pulo aqui pra ver papai. Estirar um pouco as pernas até a hora do meu trem. Vou a Washington daqui a pouco.

WILLY: Ele está?

BERNARD: Está conversando com o contador. Mas sente-se.

WILLY: *(sentando-se)* Que é que você vai fazer em Washington?

BERNARD: Nada, é uma causa que eu tenho lá.

WILLY: Ah, é? *(Indicando as raquetes)* Você vai jogar tênis lá?

BERNARD: Vou ficar na casa de um amigo que tem uma quadra.

WILLY: Não diga. Uma quadra de tênis em casa. Aposto que é gente fina.

BERNARD: São muito simpáticos. Papai me disse que Biff está por aqui.

WILLY: *(com um grande sorriso)* Está sim. Está tratando de um assunto muito importante.

BERNARD: Que é que ele anda fazendo?

WILLY: Bom, ele andou fazendo umas coisas muito importantes lá no oeste. Mas decidiu se estabelecer aqui. Coisa grande. Nós vamos jantar juntos. Disseram-me que você já é pai?

BERNARD: É. É o segundo filho.

WILLY: Dois filhos! Puxa vida.

BERNARD: Qual é o negócio de Biff?

WILLY: Bem, Bill Oliver. . . é muito importante no ramo de artigos de esporte... ele está precisando muito de Biff. Chamou-o lá do oeste. Interurbano, carta branca, tudo de primeira. . . Os seus amigos têm uma quadra de tênis em casa?

BERNARD: Você continua na mesma companhia, Willy?

WILLY: *(depois de uma pausa)* Estou. . . estou muito satisfeito de ver você tão bem encaminhado, Bernard. Satisfeitíssimo. É uma coisa ótima ver um jovem assim . . . assim . . . É uma coisa muito boa para Biff. . . muito. . . *(Interrompe-se e depois diz)* Bernard. . . *(Está tão emocionado que pára de novo.)*

BERNARD: O que é, Willy?

WILLY: *(humilde e desamparado)* Qual é o segredo?

BERNARD: Que segredo?

WILLY: Como é que você fez? Por que é que Biff nunca conseguiu?

BERNARD: Não sei, Willy.

WILLY: *(confidencial, desesperado)* Você era amigo dele, amigo de infância. Há uma coisa que eu não entendo. A vida dele acabou depois daquele jogo. De pois dos dezessete anos, não aconteceu mais nada de bom a ele.

BERNARD: Ele nunca se preparou para nada.

WILLY: Mas ele se preparou, sim. Depois do ginásio, ele fez uma porção de cursos por correspondência: rádio, mecânica, televisão, Deus sabe o que, e nunca conseguiu nada.

BERNARD: *(tirando os óculos)* Willy, quer que eu fale francamente?

WILLY: *(levanta-se, encara Bernard)* Considero você um homem brilhante, Bernard. Dou muito valor a seu conselho.

BERNARD: Oh, ao diabo com o conselho, Willy. Eu não posso lhe dar conselho algum. Há só uma coisa que eu sempre quis perguntar-lhe. Quando ele estava quase se formando, e o professor de matemática o reprovou . . .

WILLY: Aquele filho da mãe arruinou a vida dele . . .

BERNARD: Mas, Wílly, a única coisa que ele tinha que fazer era prestar p exame de segunda época.

WILLY: Eu sei, eu sei.

BERNARD: Você disse a ele que não prestasse o exame?

WILLY: Eu? Eu implorei que ele fizesse! Eu ordenei que ele fizesse!

BERNARD: E por que ele não fez?

WILLY: Por quê? Por quê! Bernard, essa pergunta tem torturado a minha vida nos últimos quinze anos. Ele foi reprovado e abandonou tudo e se abateu, como se tivesse sido golpeado por um martelo!

BERNARD: Calma, Willy.

WILLY: Deixe-me conversar com você ... Eu não tenho ninguém com quem conversar. Bernard, Bernard, a culpa foi minha? Você compreende? É uma coisa que fica martelando aqui na minha cabeça. Será que eu fiz algum mal a ele? Eu não tinha nada para dar a ele.

BERNARD: Eu sei, estou indo. *(Pega a garrafa.)* Obrigado, papai. *(Apanha as raquetes e a sacola.)* Adeus. Willy, e não se preocupe com isso. Você sabe. "se da primeira vez não dá certo . . . "

WILLY: Eu sei. eu acredito nisso.

BERNARD: Mas às vezes, Willy, é melhor que um homem esqueça.

WILLY: Esqueça?

BERNARD: Isso.

WILLY: E se a gente não consegue esquecer?

BERNARD: *(depois de uma pausa)* Então acho que deve ser muito duro. *(Estendendo a mão)* Adeus, Willy.

WILLY: *(apertando a mão dele)* Adeus, garoto.

CHARLEY: *(com um braço no ombro de Bernard)* Que é que você me diz deste menino? Vai defender uma causa no Supremo Tribunal.

BERNARD: *(protestando)* Papai!

WILLY: *(verdadeiramente chocado, sentido e feliz)* Não ! No Supremo Tribunal!

BERNARD: Tenho que ir correndo. Adeus, papai!

CHARLEY: Acabe com eles, Bernard !

(Bernard sai.)

WILLY: *(enquanto Charley tira a carteira)* O Supremo Tribunal! E ele nem me falou nisso !

CHARLEY: *(contando o dinheiro na mesa)* Não tem que falar . . . tem que fazer.

WILLY: E você nunca disse o que é que ele tinha de fazer, não é? Você nunca teve maior interesse.

CHARLEY: Minha salvação é que eu nunca tive maior interesse em coisa nenhuma. Aqui tem algum dinheiro. . . cinqüenta dólares. Tenho um contador me esperando.

WILLY: Escute, Charley. . . *(Com dificuldade)* Eu tenho que pagar meu seguro. Se você pudesse me arranjar... eu preciso de cento e dez dólares. *(Charley não responde logo; pára de andar.)* Eu podia sacar do meu banco, mas Linda ia perceber e. . .

CHARLEY: Sente-se, Willy.

WILLY: *(andando em direção à cadeira)* Eu estou tomando nota de tudo muito direitinho. Vou pagar tudo tintim por tintim. *(Senta-se.)*

CHARLEY: Agora preste atenção, Willy.

WILLY: Quero que você saiba que eu aprecio . . .

CHARLEY: *(sentando-se na mesa)* Willy, o que é que há com você? Que é que se passa nessa cabeça?

WILLY: Por quê? Eu só estou . . .

CHARLEY: Eu lhe ofereci um emprego. Pago cinqüenta dólares por semana. E você não precisa viajar.

WILLY: Eu tenho um emprego.

CHARLEY: Sem salário? Que emprego é esse, sem salário? *(Levanta-se.)* Bem, rapaz, agora chega. Eu não sou um gênio, mas sei quando me ofendem.

WILLY: Mas quem o ofendeu?

CHARLEY: Por que é que você não quer trabalhar para mim?

WILLY: Mas o que é isso agora? Eu tenho um emprego.

CHARLEY: Então o que é que você vem fazer aqui toda semana?

WILLY*: (levantando-se)* Bom, se você não quer que eu venha mais aqui. . .

CHARLEY: Eu estou lhe oferecendo um emprego.

WILLY: Não preciso do seu maldito emprego !

CHARLEY: Oh, meu Deus, quando será que você vai crescer?

WILLY: *(furioso)* Oh, seu grande ignorante, se você repetir isso, eu lhe parto a cara! Não tenho medo de você, não ! *(Está em posição de luta. Pausa.)*

CHARLEY: (bondosamente, dirigindo-se para ele) De quanto é que você precisa, Willy?

WILLY: Charley, eu estou liquidado. Liquidado. Não sei o que fazer. Fui despedido.

CHARLEY: Howard despediu você?

WILLY: Aquele ranhento. Você já viu coisa igual? Fui eu que dei o nome que ele tem. Eu lhe dei o nome de Howard.

CHARLEY: Willy, quando é que você vai perceber que essas coisas não significam nada? Você deu a ele o nome de Howard, mas você não pode vender isso. A única coisa que se tem neste mundo é aquilo que se pode vender. O mais engraçado é que você é um vendedor e não sabe disso.

WILLY: Acho que eu sempre quis pensar de outro modo. Sempre achei que, se um homem causasse boa impressão e fosse estimado, que nada. . .

CHARLEY: Por que é que as pessoas precisam gostar de você? Quem gostava de J. P. Morgan? Ele dava boa impressão? Numa sauna ele devia parecer um açougueiro. Mas, com os bolsos cheios, ele era muito querido. Agora escute, Willy, eu sei que você não gosta de mim, e eu não estou apaixonado por você, não. mas eu lhe ofereço um emprego porque. . . porque sim, ora! O que você me diz?

WILLY: Eu ... eu não posso trabalhar para você, Charley.

CHARLEY: Por que você tem ciúme de mim?

WILLY: Eu não posso trabalhar para você, só isso. Não me pergunte por quê.

CHARLEY: *(zangado,pega mais algumas notas da carteira)* Você teve ciúme de mim a vida inteira, seu bobão! Olhe aqui, pague seu seguro. *(Põe o dinheiro na mão de Willy.)*

WILLY: Eu estou tomando nota de tudo.

CHARLEY: Tenho que trabalhar. Tome cuidado com você. E pague o seguro.

WILLY: *(caminhando para a direita)* É engraçado, sabe? Depois de todas as estradas, todos os trens, todas as visitas, todos os anos e anos. a gente termina valendo mais morto do que vivo.

CHARLEY: Willy, morto ninguém vale nada. *(Depois de pequena pausa.)* Ouviu o que eu disse?

(Willy permanece parado, sonhando.)

CHARLEY: Willy !

WILLY: Quando você se encontrar com Bernard, peça desculpas por mim. Não queira discutir com ele. Ele é um ótimo rapaz. Todos eles são ótimos rapazes, e todos vão fazer sucesso. Todo:-,. Algum dia todos vão jogar tênis juntos. Deseje-me boa sorte, Charley. Ele foi se encontrar com Bill Oliver hoje.

CHARLEY: Boa sorte.

WILLY: *(quase chorando)* Charley, você é o único amigo que eu tenho. Não é uma coisa notável? *(Sai.)*

CHARLEY: Meu Deus do céu!

(Charley olha-o por um instante e depois sai pelo mesmo lugar. Todas as luzes se apagam. Ouve-se uma música roufenha e vê-se um resplendor avermelhado, à direita. Stanley, um jovem garçom, aparece carregando uma mesa, seguido por Happy, que carrega duas cadeiras.)

STANLEY: *(pondo a mesa no chão)* Pode deixar, senhor Loman. Deixe que eu arrumo. *(Vira-se, pega as cadeiras de Happy e as põe junto à mesa.)*

HAPPY: *(olhando à sua volta)* Ah, aqui é melhor.

STANLEY: Claro, lá na frente o senhor estava no meio da barulheira. Quando o senhor quiser ficar tranqüilo, senhor Loman, é só me dizer e eu coloco o senhor aqui. Sabe, há uma porção de gente que não gosta dum lugar mais tranqüilo porque, quando vão jantar fora, querem ver um bocado de confusão porque eles estão com o saco cheio de ficar em casa o tempo todo. Mas o senhor eu conheço, o senhor não é cretino. Entende?

HAPPY: *(sentando-se)* Como é que vai a vida, Stanley?

STANLEY: É uma vida de cachorro. Eu só queria que o Exército tivesse me chamado durante a guerra. Quem sabe a essa hora eu já estivesse morto?

HAPPY: Meu irmão voltou, Stanley.

STANLEY: Ah, voltou, não é? Lá do oeste.

HAPPY: É, meu irmão é um grande fazendeiro, portanto, trate bem dele. E meu pai vem também.

STANLEY: Ah, seu pai também!

HAPPY: Você tem aí uma boa lagosta?

STANLEY: Cem por cento. Enormes.

HAPPY: Quero com pinça e tudo.

STANLEY: Fique tranqüilo que eu não vou lhe dar siri. *(Happy ri.)* E vinho? Com lagosta um vinho branco vai bem.

HAPPY: Não. Você se lembra daquela receita que eu trouxe para você da Europa? Com champanha?

STANLEY: Claro. Ainda a tenho guardada na cozinha. Mas isso vai custar pelo menos um dólar cada taça.

HAPPY: Não há problema.

STANLEY: O que foi, ganhou na loteria?

HAPPY: Não, é pra celebrar uma coisa. Meu irmão. . . acho que ele fechou um grande negócio hoje. Acho que vamos trabalhar juntos.

STANLEY: Ótimo! Isso é que é bom. Porque um negócio em família, entende? . . . é melhor.

HAPPY: Também acho.

STANLEY: Por que, qual é o problema? Se alguém rouba, está tudo em família. Entende? *(Em voz baixa)* Como o cara do bar aqui. O patrão já tá

ficando maluco com a caixa registradora. O dinheiro entra, mas não sai.

HAPPY: *(levantando a mão)* Shhh!

STANLEY: O que foi?

HAPPY: Você percebeu que eu não estava olhando pra lugar nenhum, não é?

STANLEY: É.

HAPPY: E meus olhos estão fechados.

STANLEY: Bom, mas qual é. . .

HAPPY: Vem mulher chegando.

STANLEY: *(olhando para todos os lados)* Não, não há ninguém

. . .

(Interrompe-se no momento exato em que entra uma moça vestida exageradamente, com uma pele, e senta-se na mesa vizinha. Ambos a seguem com o olhar.)

STANLEY: Puxa, como é que o senhor sabia?

HAPPY: Acho que eu tenho radar. *(Olhando diretamente para ela.)* Oh . . . Stanley !

STANLEY: Acho que é o seu tipo, senhor Loman.

HAPPY: Olha só aquela boca. Meu Deus. E os olhos !

STANLEY: Puxa, o senhor é que leva a vida, senhor Loman.

HAPPY: Vá ver o que ela quer.

STANLEY: *(indo à mesa da moça)* A senhora quer ver o cardápio, madame?

A MOÇA: Estou esperando uma pessoa, mas acho que quero . . .

HAPPY: Por que é que você não traz. . . me desculpe, senhorita, mas eu sou vendedor de champanha, e gostaria que você experimentasse a minha marca. Traga uma champanha para ela, Stanley.

A MOÇA: Mas que coisa tão simpática.

HAPPY: Nem pense nisso. É dinheiro da companhia. *(Ri.)*

A MOÇA: É um artigo agradável de vender, não é?

HAPPY: Como qualquer outro. Vendas são vendas, você sabe.

A MOÇA: É, acho que sim.

HAPPY: Você não vende nada, vende?

A MOÇA: Não, não vendo nada.

HAPPY: Você se incomoda com o elogio de um estranho? Você devia estar na capa das revistas.

A MOÇA: *(olhando para ele, um pouco maliciosa)* Já estive.

(Stanley volta com uma garrafa de champanha.)

HAPPY: Que foi que eu lhe disse, Stanley? Está vendo? Ela é uma modelo.

STANLEY: Está na cara.

HAPPY: *(à moça)* Que revista?

A MOÇA: Uma porção. *(Pega o drinque.)* Obrigada.

HAPPY: Sabe o que dizem na França, não é? "Champanha é a bebida do espírito". . . Ei, Biff!

(Biff entra e senta-se com Happy.)

BIFF: Oi, garoto. Desculpe o atraso.

HAPPY: Acabei de chegar. Aqui, a senhorita. . . ?

A MOÇA: Forsythe.

HAPPY: Senhorita Forsythe, este é meu irmão.

BIFF: Papai chegou?

HAPPY: O nome dele é Biff. Você deve ter ouvido falar nele. Grande campeão de futebol.

A MOÇA: É mesmo? Que time?

HAPPY: Você entende de futebol?

A MOÇA: Não.

HAPPY: Biff é o zagueiro dos Gigantes de Nova York.

A MOÇA: Puxa, que maravilha. *(Bebe.)*

HAPPY: Saúde.

A MOÇA: Foi um prazer conhecer você.

HAPPY: Meu nome é Happy. Hap. O nome mesmo é Harold, mas em West Point eles me chamavam Happy.

A MOÇA: *(agora impressionada mesmo)* Ah, sei. Encantada!

(Vira-se de perfil.)

BIFF: Papai não vem?

HAPPY: Você quer ficar com ela?

BIFF: Eu jamais conseguiria.

HAPPY: Houve tempo em que uma idéia assim nem lhe passaria pela cabeça, Biff. Cadê a velha confiança?

BIFF: Eu acabei de ver Oliver. . .

HAPPY: Espere um pouco. Quero ver aquela velha confiança de novo. Está vendo? Ela está dando sopa.

BIFF: Não, não. *(Vira-se para olhar a moça.)*

HAPPY: Estou lhe dizendo. Espia só. *(Virando-se para ela)* Meu bem? *(Ela se vira para ele.)* Você está livre?

A MOÇA: Não, livre não estou. . . mas eu podia dar um telefonema. . .

HAPPY: Então telefone, tá? E veja se arranja uma amiga. Nós vamos ficar um pouco por aqui. Biff é um dos maiores jogadores do país.

A MOÇA: *(levantando-se)* Bem, eu gostei muito de conhecer vocês.

HAPPY: Volte logo.

A MOÇA: Vou ver.

HAPPY: Não veja, meu bem, volte no duro. *(A moça sai. Stanley a segue, balançando a cabeça com grande admiração.)* Mas não é uma vergonha? Uma moça bonita dessas? Por isso é que eu não quero me casar. Você não encontra uma moça decente em mil. Nova York está cheia delas, menino!

BIFF: Escuta, Hap . . .

HAPPY: Eu lhe falei que ela estava dando sopa!

BIFF: *(estranhamente nervoso)* Pare com isso, sim? Eu quero lhe dizer uma coisa.

HAPPY: Você viu Oliver?

BIFF: Vi. Agora escute, eu quero dizer umas coisas a papai e quero que você me ajude.

HAPPY: O quê? Ele vai readmiti-lo?

BIFF: Você ficou maluco? O que é que você tem na cabeça?

HAPPY: Por quê? O que aconteceu?

BIFF: *(sem fôlego)* Eu fiz uma coisa terrível hoje, Hap. Foi o dia mais estranho da minha vida. Eu estou paralisado até agora.

HAPPY: Ele não quis falar com você?

BIFF: Eu esperei mais de seis horas por ele, entende? O dia inteiro. Minha visita foi anunciada sei lá quantas vezes. Tentei até dar em cima da secretária, pra ver se ela conseguia me fazer entrar. Tudo em vão.

HAPPY: É porque você não está mostrando a velha confiança, Biff. Ele se lembrava de você, não é?

BIFF: *(interrompendo Happy com um gesto)* Finalmente, lá pelas cinco horas, ele saiu. Não se lembrava de mim nem nada. Senti-me um perfeito idiota, Hap.

HAPPY: Você falou da minha idéia da Flórida?

BIFF: Ele foi embora. Eu o vi por um minuto. Fiquei tão furioso que poderia destruir o escritório! Como é que passou pela minha cabeça que eu fui vendedor daquela firma? Eu mesmo cheguei a acreditar nisso! E aí ele me deu uma olhada. . . e eu compreendi a mentira ridícula que tem sido a minha vida! Estamos vivendo num sonho há quinze anos. Lá eu era só um empregado na expedição.

HAPPY: Que é que você fez?

BIFF: *(com grande tensão)* Ele foi embora. E a secretária saiu. Eu fiquei sozinho na sala de espera. Não sei o que me deu, Hap. De repente, eu estava dentro do escritório dele, paredes com painéis de madeira, etc. Não sei explicar. Hap, eu roubei a caneta dele.

HAPPY: Puxa, e ele pegou você?

BIFF: Fugi. Eu desci correndo os onze andares. E vim correndo de lá até aqui.

HAPPY: Mas isso foi uma besteira. Por que é que você fez isso?

BIFF: *(agoniado)* Eu não sei, eu só queria. . . tirar alguma coisa dele. Você tem que me ajudar, Hap, tenho que contar a papai.

HAPPY: Você ficou maluco? Pra quê?

BIFF: Happy, ele tem que compreender que eu não sou o tipo de pessoa a quem os outros emprestam dinheiro. Ele pensa que eu o estou magoando de propósito e isso o deixa acabrunhado.

HAPPY: Pois é isso mesmo. Você tem que dizer a ele alguma coisa agradável.

BIFF: Não posso.

HAPPY: Diga que você vai almoçar com Oliver amanhã.

BIFF: E o que é que eu faço amanhã?

HAPPY: Amanhã você sai de casa, volta de noite e diz que Oliver está pensando no assunto. Ele fica pensando no assunto por uns quinze dias, a coisa toda vai sendo esquecida e ninguém fica triste.

BIFF: Mas isso vai ser assim sempre!

HAPPY: Nada deixa papai tão feliz quanto uma esperança. *(Willy entra.)* Alô, campeão!

WILLY: Puxa, fazia anos que eu não vinha aqui!

(Stanley veio atrás de Willy, trazendo uma cadeira para ele. Depois vai embora, mas Happy o detém.)

HAPPY: Stanley!

(Stanley pára, esperando o pedido.)

BIFF: *(indo a Willy, cheio de culpa, como a um inválido)* Sente-se, papai. Você quer um drinque?

WILLY: Acho que é uma boa idéia.

BIFF: Isso, vamos beber alguma coisa.

WILLY: Você parece preocupado.

BIFF: N ... não. *(A Stanley)* Uísque pra todo mundo. Duplo.

STANLEY: Duplos. *(Sai.)*

WILLY: Vocês já tomaram alguns, não é?

BIFF: limou dois.

WILLY: Muito bem, como é que foi, rapaz? *(Sorrindo e assentindo com a cabeça)* Tudo bem?

BIFF: *(respira e depois pega a mão de Willy)* Papai. . . *(Sorri, Willy também.)* Hoje tive uma grande experiência.

HAPPY: Notável, papai.

WILLY: É mesmo? O que aconteceu?

BIFF: *(meio alto, meio bêbado, como se estivesse nas nuvens)* Eu vou lhe contar tudo tintim por tintim. Foi um dia muitc estranho. *(Silêncio. Olha à sua volta, arruma-se o melhor que pode, mas a respiração continua quebrando o ritmo de sua fala.)* Eu tive que esperar um tempão por ele e...

WILLY: Oliver?

BIFF: É, Oliver. Para falar a verdade, tive que esperar o dia inteiro. E uma porção de fatos e lembranças da minha vida vieram a mim, papai. Quem foi, papai? Quem foi que disse que eu um dia fui vendedor para Oliver?

WILLY: Bom, você foi.

BIFF: Não papai, eu trabalhava na expedição.

WILLY: Mas você praticamente. . .

BIFF: *(com determinação)* Papai, eu não sei qual de nós disse, mas eu nunca fui um vende dor para Oliver.

WILLY: Mas que conversa é essa agora?

BIFF: Vamos enfrentar os fatos hoje, papai. Nós não vamos chegar a lugar nenhum com mentiras. Eu trabalhava na expedição.

WILLY: *(zangado)* Muito bem, agora escute aqui. . .

BIFF: Por que é que você não me deixa acabar?

WILLY: Eu não estou interessado em histórias do passado nem em nenhuma besteira desse tipo, porque a casa está pegando fogo. E nós estamos bem no meio do incêndio. Eu fui despedido hoje.

BIFF: *(chocado)* Mas como é possível?

WILLY: Fui despedido, e estou procurando uma boa notícia para dar a sua mãe, porque essa mulher tem esperado e tem sofrido. E o problema maior é que não restou nenhuma história na minha cabeça. Portanto, não me venha com uma conferência sobre fatos e memórias, porque não me interessa. Que é que você tem a me dizer?

(Stanley entra com três drinques. Eles esperam até que ele vá embora.)

WILLY: Você viu Oliver?

BIFF: Meu Deus, papai!

WILLY: Você está dizendo que nem foi lá?

HAPPY: Claro que ele foi lá, papai.

BIFF: Fui. Eu o vi. Como é que eles despediram você?

WILLY: *(na ponta da cadeira)* Como é que ele o recebeu?

BIFF: Mas eles não deixaram nem você trabalhar por comissão?

WILLY: Estou na rua. *(Continuando)* Ele o recebeu bem?

HAPPY: Claro, papai, muito bem!

BIFF: *(vencido)* Bom, foi como se...

WILLY: E eu estava pensando se ele ia se lembrar de você! *(A Happy)* Imagine, o homem não o vê por dez, doze anos, e o recebe desse jeito!

HAPPY: Pois é!

BIFF: *(tentando voltar à carga)* Escute, papai. . .

WILLY: Sabe por que ele se lembrou de você, não sabe? Porque você o impressionou bem naquele tempo.

BIFF: Vamos falar com calma e nos restringir aos fatos, está bem?

WILLY: Bom, o que aconteceu? É uma notícia ótima, Biff! Ele falou com você na sala de espera ou levou você ao escritório?

BIFF: Bom, ele chegou, viu, e. . .

WILLY: *(num largo sorriso)* Que disse ele? Aposto que lhe deu um abraço.

BIFF: Bom, ele...

WILLY: Ê um sujeito formidável. *(A Happy)* E é muito difícil falar com ele.

HAPPY: *(concordando)* Eu sei, eu sei.

WILLY: *(a Biff)* Foi lá que você tomou uns drinques?

BIFF: É, ele me deu um ou dois. . . não!

HAPPY: *(intervindo)* Biff falou da minha idéia da Flórida.

WILLY: Não interrompa. *(A Biff)* Como é que ele reagiu à idéia da Flórida?

BIFF: Papai, será que você pode me dar um minuto para eu explicar?

WILLY: Estou esperando que você explique, desde que me sentei aqui. Como é que foi? Ele levou você ao escritório, e daí?

BIFF: Bom ... eu falei. E... ele escutou, entende?

WILLY: É um homem que escuta o que se diz, é famoso por isso. Qual foi a resposta dele?

BIFF: Ele disse que. . . *(Interrompe-se subitamente, raivoso.)* Papai, você não está me deixando dizer o que eu quero!

WILLY: *(acusando, zangado)* Você nem o viu, não é?

BIFF: Eu vi, sim!

WILLY: E o que foi que você fez, você o insultou? Você o insultou, não foi?

BIFF: Escute, quer deixar-me falar! Quer deixar-me falar? !

HAPPY: Droga!

WILLY: Diga-me o que foi que houve !

BIFF: *(para Happy)* Eu não consigo falar com ele !

(Ouve-se uma nota de pistom. A luz de folhas verdes envolve a casa, que tem um ar noturno e de sonho, o jovem Bernard entra e bate na porta da casa.)

O JOVEM BERNARD: *(desesperado)* Senhora Loman! Senhora Loman!

HAPPY: Diga a ele o que houve!

BIFF: *(a Happy)* Cale a boca e me deixe em paz !

WILLY: Não, não! Você tinha que chegar lá e ser reprovado em matemática !

BIFF: Que matemática? O que é isso agora?

O JOVEM BERNARD: Senhora Loman! Senhora Loman!

(Linda aparece na casa, como antigamente.)

WILLY: *(selvagemente)* Matemática, matemática!

BIFF: Calma, papai!

O JOVEM BERNARD: Senhora Loman!

WILLY: *(furioso)* Se você não tivesse sido reprovado em matemática, hoje você seria alguém!

BIFF: Olhe aqui, eu vou lhe contar o que houve e você vai me escutar!

O JOVEM BERNARD: Senhora Loman!

BIFF: Eu esperei seis horas . . .

HAPPY: Mas o que é isso que você está dizendo?

BIFF: Fiquei lá o tempo todo, mas ele não me recebia. Até que finalmente ele... *(Continua sem ser ouvido, enquanto as luzes sobre o restaurante se apagam.)*

O JOVEM BERNARD: Biff foi reprovado em matemática!

LINDA: Não!

O JOVEM BERNARD: É, sim ! Ele não vai se formar !

LINDA: Mas ele tem que tirar o diploma. Tem que ir para a universidade ! Onde é que ele está? Biff! Biff!

O JOVEM BERNARD: Ele foi embora. Ele foi para a estação!

LINDA: Para a estação? Quer dizer que ele foi a Boston !

O JOVEM BERNARD: Tio Willy está em Boston?

LINDA: Oh, talvez Willy possa falar com o professor. Coitado de Biff, coitado dele!

(As luzes da casa se apagam.)

BIFF: *(à mesa, agora audível, mostrando uma caneta de ouro que tem na mão)* . . . portanto eu estou liquidado com Oliver, compreendeu? Você está me ouvindo?

WILLY: *(perdido)* Claro. Se você não tivesse sido reprovado. . .

BIFF: Reprovado no quê? Que conversa é essa?

WILLY: Não jogue toda a culpa em mim! Eu não fui reprovado em matemática. . . Você foi! Que caneta?

HAPPY: Isso foi uma besteira, Biff, uma caneta dessas vale . . .

WILLY: *(vendo a caneta pela primeira vez)* Você apanhou a caneta de Oliver?

BIFF: *(fraquejando)* Papai, acabei de explicar tudo a você.

WILLY: Você roubou a caneta de Bill Oliver !

BIFF: Não foi bem um roubo! É isso que eu estou lhe explicando!

HAPPY: Ele estava com a caneta na mão, aí Oliver entrou, ele ficou nervoso e botou-a no bolso, só isso!

WILLY: Meu Deus, Biff!

BIFF: Eu não tinha intenção, papai!

VOZ DA TELEFONISTA: Grande Hotel, boa noite!

WILLY: *(gritando)* Não estou no quarto!

BIFF: *(assustado)* Papai, que foi? *(Ele e Happy se levantam.)*

A TELEFONISTA: Chamando o senhor Loman !

WILLY: Pára com isso, eu não estou!

BIFF: *(horrorizado, fica de joelhos diante de Willy)* Papai, eu vou conseguir, eu vou conseguir. *(Willy tenta levantar-se. Biff o segura.)* Fique

sentado.

WILLY: Não, você não presta, você não presta pra nada.

BIFF: Presto sim, papai, eu vou encontrar uma outra coisa, compreende? Agora descanse. *(Levanta o rosto de Willy.)* Fale comigo, papai.

A TELEFONISTA: O senhor Loman não responde. Quer que vá procurá-lo?

WILLY: *(tentando levantar-se, como se quisesse silenciar a telefonista)* Não, não!

HAPPY: Ele vai conseguir alguma coisa, papai.

WILLY: Não, não . . .

BIFF: *(desesperadamente, de pé diante de Willy)* Papai, escute ! Escute, papai! Eu estou lhe dizendo uma coisa boa. Oliver falou com o sócio dele sobre a idéia da Flórida, entende? Está me ouvindo? Ele falou com o sócio, e o sócio me disse. . . vai dar tudo certo, ouviu? Papai, me escute, ele disse que era só acertar a quantia.

WILLY: Então. . .você conseguiu.'

HAPPY: Ele vai ser formidável, papai!

WILLY: *(tentando levantar-se)* Então você conseguiu, não foi? Você conseguiu! Você conseguiu!

BIFF: *(agoniado, faz com que Willy se sente)* Não, não. Escute, papai. Eu tenho um almoço marcado com eles amanhã. Estou lhe dizendo isso só para você saber que eu ainda impressiono bem as pessoas. E eu vou conseguir, num outro lugar, mas amanhã eu não posso ir, sabe?

WILLY: Por que não? Você simplesmente . . .

BIFF: Mas a caneta, papai!

WILLY: Você devolve a ele e diz que foi uma distração!

HAPPY: Claro, vá ao almoço amanhã!

BIFF: Mas eu não posso dizer que . . .

WILLY: Você estava fazendo palavras cruzadas, e, sem querer, pegou a caneta dele!

BIFF: Escute, papai, há anos atrás eu já tirei aquelas bolas, e eu agora apareço com a caneta dele? Uma coisa liga com a outra, você não vê? Eu não posso olhar pra cara dele! Eu vou tentar noutro lugar!

VOZ DO PAJEM: Procurando o senhor Loman !

WILLY: Você não quer ser nada na vida?

BIFF: Papai, como é que eu posso voltar lá?

WILLY: Você não quer ser ninguém, é isso?

BIFF: *(agora raivoso porque Willy não dá crédito a sua simpatia)* Não fale assim ! Você acha que foi fácil para mim ir até aquele escritório depois do que eu tinha feito? Ninguém seria capaz de me carregar até lá!

WILLY: Então por que foi?

BIFF: Por que fui? Por que fui! Mas olhe só para você! Olhe no que você se transformou !

(Fora, à esquerda, a mulher ri.)

WILLY: Biff, ou você vai a esse almoço amanhã ou ...

BIFF: Não posso ir. Não tenho nenhum encontro marcado!

HAPPY: Biff, pelo amor . . .

WILLY: Você está se divertindo à minha custa?

BIFF: Mas não é nada disso, pelo amor de Deus!

WILLY: *(tenta golpear Biff e se afasta da mesa)* Seu cafajeste ! Está se divertindo à minha custa!

A MULHER: Alguém está batendo à porta, Willy !

BIFF: Eu não presto, será que você não vê?

HAPPY: *(apartando os dois)* Ei, vocês estão num restaurante! Vamos parar com isso*! (As moças entram.)* Alô, meninas, sentem-se.

(Fora, à esquerda, a mulher ri.)

SENHORITA FORSYTHE: Vamos sentar um pouquinho. Esta é Letta.

A MULHER: Willy, você não vai se levantar?

BIFF: *(ignorando Willy)* Como vai, tudo bem? Sente se. O que é que você bebe?

FORSYTHE: Letta não pode ficar muito tempo.

LETTA: Tenho que acordar cedo amanhã. Vou ser jurada no tribunal. Estou tão nervosa! Algum de vocês já foi do júri?

BIFF: Não, mas já enfrentei um! *(As moças riem.)* Este é meu pai.

LETTA: Não é uma gracinha? Sente se aqui com a gente, papai.

HAPPY: Faça o sentar, Biff!

BIFF: *(dirigindo-se a Willy)* Vamos lá, campeão, vamos tomar um pileque. Que vá tudo pro inferno. Vem, vamos sentar.

(Willy quase se senta, graças à insistência de Biff.)

A MULHER: *(agora nervosa)* Willy, você não vai atender à porta? !

(O chamado da mulher faz com que Willy se aprume. Tenta sair, aturdido.)

BIFF: Ei, onde é que você vai?

WILLY: Abrir a porta.

BIFF: A porta?

WILLY: O banheiro ... a porta. . . onde é a porta?

BIFF: *(conduzindo Willy para a esquerda)* Siga em frente.

(Willy se move pela esquerda.)

A MULHER: Willy, você vai se levantar, levantar, levantar, levantar?

(Willy sai.)

LETTA: Foi muito simpático você trazer seu pai.

FORSYTHE: Ah, não é realmente o pai dele!

BIFF: *(da esquerda, diz a ela, ressentido)* Senhorita Forsythe, você acaba de ver passar um príncipe. Um nobre príncipe atormentado. Um desprezado príncipe do trabalho. Um amigo, compreende? Um bom companheiro. Que ama seus filhos.

LETTA: Puxa, que bonito.

HAPPY: Bom, pessoal, qual é o programa? Estamos perdendo tempo. Venha pra cá, Biff. Junte-se a nós. Onde é que vocês querem ir?

BIFF: Por que você não o ajuda?

HAPPY: Eu!?

BIFF: Você não liga a mínima para ele, Hap?

HAPPY: Que papo é esse? Sou eu que . . .

BIFF: Entendo muito bem. Você não dá a menor atenção a ele. *(Tira o tubo de borracha do bolso e coloca na mesa, em frente a Happy.)* Olhe o que eu achei no porão. Pelo amor de Deus! Como é que você permite uma coisa dessas?

HAPPY: Eu? Mas quem é que foi embora? Quem é que vive fugindo e. . .

BIFF: Ele não significa nada para você. Você poderia ajudá-lo. . .eu não! Será que você não entende o que eu estou falando? Ele vai se suicidar, você ainda não percebeu?

HAPPY: Se eu não percebi? Eu !

BIFF: Hap, pelo amor de Deus. . . ajude papai! Ajude-o . . . E ajude a mim! Ajude-me, ajude-me! Eu não suporto olhar o rosto dele!

(Quase chorando, sai correndo pela direita.)

HAPPY: *(começando a ir atrás dele)* Onde é que você vai?

FORSYTHE: O que é que ele tem?

HAPPY: Vamos lá, meninas, vamos atrás dele!

FORSYTHE: *(enquanto Happy a empurra)* Olhe, eu não gostei do jeito dele, não !

HAPPY: Está só um pouco nervoso, já passa logo.

WILLY: *(de fora, à mulher)* Não abra! Não abra!

LETTA: Você não prefere dizer a seu pai...

HAPPY: Esse aí não é meu pai, não. É um sujeito qualquer. Vamos lá, vamos alcançar Biff, e vamos fazer uma farra daquelas. Stanley, cadê a conta !? Stanley !

(Saem. Stanley olha à esquerda.)

STANLEY: *(chamando Happy, indignado)* Senhor Loman ! Senhor Loman !

(Stanley pega uma cadeira e sai atrás deles. Fora, ouvem-se batidas numa porta, à esquerda. A mulher entra, rindo. Willy a segue. Ela usa um baby-doll prelo. Ele abotoa a camisa. Uma música sensual acompanha as falas.)

WILLY: Quer parar de rir? Quer parar?

A MULHER: Você não vai atender à porta? Ele vai acordar o hotel inteiro.

WILLY: Não estou esperando ninguém.

A MULHER: Por que você não toma mais um drinque, querido, e se relaxa um pouco?

WILLY: Estou tão solitário.

A MULHER: Sabe que você me conquistou, Willy? De agora em diante, toda vez que você chegar ao escritório, vou botar você imediatamente em contato com os compradores. Você não vai ter que esperar mais. Você é fantástico, Willy.

WILLY: Obrigado. É bom que você diga isso.

A MULHER: Puxa. como você está deprimido! Por que está tão triste? Você é a pessoa mais triste e deprimida que eu já vi. *(Ela ri. Ele a beija.)* Venha para cá, venha! É bobagem vestir a roupa no meio da noite. *(Ouvem-se batidas.)* Você não vai abrir a porta?

WILLY: Estão batendo na porta errada.

A MULHER: Nada, estão batendo aí. E ele nos ouviu conversando. Quem sabe o hotel está pegando fogo?

WILLY: (em crescente terror) E engano!

A MULHER: Então mande-o embora!

WILLY: Não há ninguém aí.

A MULHER: Estou ficando nervosa, Willy. Há alguém aí fora e isso me deixa nervosa.

WILLY: *(afastando-a de si)* Está bem, fique no banheiro e não saia de lá. Acho que nesta cidade é proibido receber mulheres nos hotéis, portanto não saia. Pode ser o novo porteiro. Pareceu me um cara chato. Não saia. É engano, não há incêndio nenhum.

(Ouvem-se novamente as batidas. Ele se afasta um pouco dela e desaparece nos bastidores. A luz o acompanha e ele agora está frente a frente com o jovem Biff, que carrega uma maleta. Biff dá um passo a ele. A música pára.)

BIFF: Por que você não respondeu?

WILLY: Biff! O que é que você está fazendo aqui em Boston?

BIFF: Por que você não respondeu? Estou batendo há mais de cinco minutos, chamei pelo telefone. . .

WILLY: Só agora que eu ouvi. Estava no banheiro, de porta fechada. Aconteceu alguma coisa lá em casa?

BIFF: Papai... eu deixei você mal.

WILLY: Como assim?

BIFF: Papai. . .

WILLY: Biff, que é que há? *(Pondo o braço em tomo de Biff)* Venha cá, vamos descer e tomar um copo de leite. . .

BIFF: Papai, fui reprovado em matemática.

WILLY: Mas e a média do ano?

BIFF: Não basta. Não vou tirar o diploma.

WILLY: Então Bernard não lhe deu as respostas?

BIFF: Deu, ele tentou, mas só consegui sessenta e um . . .

WILLY: E eles não lhe dariam mais quatro pontos?

BIFF: O professor se recusa. Eu implorei a ele, papai, mas ele não quer me dar os quatro pontos. Você tem que falar com ele antes que o colégio feche. Porque se ele vir o tipo de homem que você é, e se você falar com ele do seu jeito, eu tenho a certeza de que ele me dará os pontos. Você fala com ele, papai? Ele gostará de você. Do seu jeito de falar.

WILLY: Claro que falarei. Vamos voltar imediatamente.

BIFF: Oh, papai, que bom! Tenho a certeza de que ele vai mudar a nota!

WILLY: Desça e peça minha conta na portaria. Vá, já!

BIFF: Sim, senhor! Sabe por que que ele me odeia, papai? Porque, um dia, ele estava atrasado e eu o imitei. Fui lá ao quadro-negro e comecei a falar ciciado assim.

WILLY: *(rindo)* Foi? E o pessoal gostou?

BIFF: Eles quase morreram de rir!

WILLY: Como é que você fez?

BIFF: *(ciciando)* A raiz quadrada de sessenta e seis é. . . *(Willy ri muito. Biff o acompanha.)* E ele entrou bem na hora!

(Willy ri e a mulher também, lá fora.)

WILLY: *(sem hesitar)* Corre lá embaixo e. . .

BIFF: Há alguém aí?

WILLY: Não, foi no outro quarto.

(A mulher ri de novo.)

BIFF: Há alguém aí no seu banheiro !

WILLY: Não, é no quarto ao lado, estão dando uma festa. . .

A MULHER: *(entra rindo)* Posso entrar? Acho que há um bicho lá na banheira, Willy, está se mexendo. . .

(Willy olha para Biff, que contempla a mulher, horrorizado e de boca aberta.)

WILLY: Ah. . . É melhor a senhora voltar para seu quarto. Já devem ter acabado a pintura. Estão pintando o quarto dela e ela me pediu para tomar

um banho aqui. . . Vá, vá... *(Empurra-a.)*

A MULHER: *(resistindo)* Mas eu tenho que me vestir, Willy, eu não posso. . .

WILLY: Saia daqui! Vá embora, vá embora. . . *(Tentando naturalidade)* Esta é a senhorita Francis, Biff, é uma compradora. Es-tão pintando o quarto dela. Vá embora, senhorita Francis. vá embora . . .

A MULHER: Mas as minhas roupas, não posso andar nua pelo corredor!

WILLY: *(empurrando-a para fora do palco)* Saia daqui! Vá embora, vá embora!

(Biff senta-se lentamente na maleta, enquanto a discussão prossegue lá fora.)

A MULHER: Cadê as minhas meias? Você me prometeu meias de seda, Willy!

WILLY: Não tenho meia nenhuma aqui!

A MULHER: Você me prometeu duas caixas de tamanho nove, sem costura, e agora eu as quero!

WILLY: Aqui, pronto, pega as tuas meias e vá embora daqui!

A MULHER: *(entra carregando uma caixa de meias)* Tomara que não haja ninguém no corredor. É só isso que eu espero. *(A Biff)* Você joga futebol ou beisebol?

BIFF: Futebol.

A MULHER: *(zangada e humilhada)* É isso que jogam comigo. Boa noite. *(Arranca suas roupas das mãos de Willy e sai.)*

WILLY: *(depois de uma pausa)* Bem, é melhor irmos andando. Eu quero ir ao colégio amanhã bem cedinho. Tire minhas roupas do armário. Eu vou pegar a mala. *(Biff não se mexe.)* O que é que há? *(Biff permanece imóvel, as lágrimas correndo.)* Ela é uma compradora. Trabalha para J. H.

Simmons. Mora aí no andar de baixo. Estão pintando o quarto dela. Você não pense que. . . *(Interrompe-se. Depois de uma pausa)* Escute aqui, meu filho, é só uma freguesa, ela vê as mercadorias no quarto dela e por isso. . . *(Pausa. Assumindo o comando)* Muito bem, pegue as minhas roupas. *(Biff não se mexe.)* Agora pare de chorar e faça o que eu digo. Eu lhe dei uma ordem! É isso que você faz quando eu lhe dou uma ordem? Como é que se atreve a chorar! *(Pondo o braço em volta de Biff)* Escute, Biff, quando você crescer, você vai entender essas coisas. Você não deve. . . não deve dar uma importância exagerada a isso. Vou ver o seu professor amanhã bem cedo.

BIFF: Não precisa.

WILLY: *(agachando-se junto dele)* Como não precisa? Ele vai dar-lhe os pontos que faltam, você vai ver.

BIFF: Ele não vai ligar para você.

WILLY: Claro que vai! Você precisa desses pontos para entrar na Universidade de Virgínia.

BIFF: Eu não vou mais para lá.

WILLY: Hein? Se eu não conseguir que ele dê os pontos, você presta exame de segunda época. Você tem as férias todas . . .

BIFF: *(rompendo em pranto)* Papai. . .

WILLY: *(afetado)* Oh, meu filho. . .

BIFF: Papai. . .

WILLY: Ela não significa nada para mim, Biff. Eu estava sozinho, estava muito sozinho.

BIFF: Você. . . Você deu a ela as meias da mamãe! *(As lágrimas explodem e ele se levanta para sair.)*

WILLY: *(segurando Biff)* Eu lhe dei uma ordem !

BIFF: Não me toque, seu . . . mentiroso!

WILLY: Peça desculpas por isso !

BIFF: Seu farsante... seu farsantezinho vulgar! Farsante ! *(Vencido, ele se vira rapidamente e sai chorando, levando a maleta. Willy permanece no chão, de joelhos.)*

WILLY: Eu lhe dei uma ordem! Biff, volte aqui ou eu lhe darei uma surra! Volte aqui! Eu lhe darei uma surra!

(Stanley surge rapidamente da direita e fica de pé em frente de Willy.)

WILLY: *(grita para Stanley)* Eu lhe dei uma ordem . . .

STANLEY: Ei, vamos levantar, vamos levantar, senhor Loman. *(Ajuda Willy a levantar-se.)* Seus filhos foram com aquelas galinhas. Disseram que encontrarão o senhor em casa.

(Um segundo garçom espia, a distância.)

WILLY: Mas nós íamos jantar juntos. . .

(Ouve-se a música, o tema de Willy.)

STANLEY: Será que o senhor consegue? . . .

WILLY: Eu ... claro. Consigo, sim. *(Repentinamente preocupado com suas roupas.)* Eu ... eu estou bem?

STANLEY: Está, está muito bem. *(Tira um fiapo da lapela de Willy.)*

WILLY: Tome. . . aqui um dólar.

STANLEY: Oh, seu filho já me pagou. Está tudo certo.

WILLY: *(pondo o dinheiro na mão de Stanley)* Não, pegue. Você é um bom rapaz.

STANLEY: Mas não, o senhor não precisa. . .

WILLY: Tome. . . aqui tem mais. Eu não preciso mais disso. *(Depois de uma pausa.)* Diga-me uma coisa... há alguma loja de sementes por aqui?

STANLEY: Sementes? O senhor diz sementes para se plantar?

(Quando Willy se vira, Stanley põe de novo o dinheiro no bolso dele.)

WILLY: É. Cenouras, ervilhas . . .

STANLEY: Há uma loja de ferragens na Sexta Avenida, mas acho que agora já é um pouco tarde.

WILLY: *(ansiosamente)* Então é melhor eu correr. Preciso dessas sementes. *(Começa a sair pela direita.)* Preciso das sementes agora mesmo. Não tenho nada plantado. Nada no quintal.

(Sai correndo, enquanto as luzes se apagam. Stanley o acompanha até a direita e o vê sair. O outro garçom esteve o tempo todo olhando Willy atentamente.)

STANLEY: (ao garçom) Que é que você está olhando?

(O garçom apanha as cadeiras e sai pela direita. Stanley pega a mesa e o acompanha. A luz se apaga nesta área. Uma longa pausa. O som da flauta. A luz gradualmente cresce na cozinha, que está vazia. Happy aparece na porta da casa, seguido de Biff. Happy carrega um grande buquê de rosas de talo longo. Entra na cozinha e procura por Linda. Como não a vê, ele se vira para Biff, que está do lado de fora da porta, e faz um gesto com as mãos como quem diz: acho que não está aqui. Olha para a sala e fica gelado. Lá dentro, sem ser vista, Linda está sentada, com o paletó de Willy sobre os joelhos. Ela se levanta numa atitude estranha e caminha até Happy, que volta de costas à cozinha, amedrontado.)

HAPPY: Ei, que é que você está fazendo de pé? *(Linda não responde mas caminha para ele, implacavelmente.)* Onde está papai? *(Ele continua andando de costas para a direita e agora Linda é vista totalmente, na porta da sala.)* Ele já está dormindo?

LINDA: Onde é que vocês estavam?

HAPPY: *(tentando levar na brincadeira)* Encontramos duas moças, mamãe, gente fina. Olha aqui, a gente trouxe umas flores para você.

(Oferecendo-lhe as rosas) Ponha-as no seu quarto, mamãe. *(Ela joga as flores no chão, aos pés de Biff. Happy entrou e fechou a porta atrás de si. Ela contempla Biff, em silêncio.)* Mamãe, por que é que você fez isso? Eu lhe trouxe essas flores

. . .

LINDA: *(ignorando Happy, violentamente a Biff)* Você não se importa que ele viva ou morra?

HAPPY: *(indo à escada)* Vamos subir, Biff.

BIFF: *(com um traço de desgosto, a Happy)* Vá embora, vá. *(A Linda)* Que quer dizer com viva ou morra? Ninguém está morrendo por aqui.

LINDA: Saiam da minha vista ! Saiam daqui!

BIFF: Quero ver o chefe.

LINDA: Você não vai nem chegar perto dele.

BIFF: Onde é que ele está? *(Entra na sala e Linda o segue.)*

LINDA: *(gritando atrás de Biff)* Você o convida para jantar, ele passa o dia inteiro esperando por isso. . . *(Biff aparece no quarto dos pais, dá uma espiada e sai)*. . . e aí você o abandona lá sozinho. Isso não se faz nem com um estranho !

HAPPY: Mas por quê? Ele se divertiu conosco! Eu quero. . . *(Linda surge de novo da cozinha)*. . . cair morto no dia em que eu abandonar meu pai!

LINDA: Vá embora daqui!

HAPPY: Escute um pouco, mamãe. . .

LINDA: Você não podia passar um dia sem essas mulheres? Você e as suas prostitutas!

(Biff entra de novo na cozinha.)

HAPPY: Mamãe, a gente só foi atrás de Biff para ver se conseguia animá-lo um pouco! (A Biff) Rapaz, que noite você me arranjou !

LINDA: Sumam daqui, vocês dois, e não voltem mais! Não quero mais ver vocês atormentando seu pai. Sumam daqui já, vão pegar suas coisas! *(A Biff)* Você pode dormir no apartamento dele! *(Começa a apanhar as flores, mas desiste.)* E tirem esse lixo daqui, não sou mais sua empregada! Tire isso daqui, seu vagabundo!

(Happy vira as costas para ela, numa recusa. Biff caminha lentamente, ajoelha-se e apanha as flores.)

LINDA: Vocês são dois animais! Não existe um só ser humano que teria a crueldade de abandonar esse homem num restaurante!

BIFF: *(sem olhar para ela)* Foi isso que ele disse?

LINDA: Ele nem precisou dizer nada. Estava tão humilhado quando chegou em casa, que entrou quase se arrastando.

HAPPY: Mas mamãe, ele se divertiu com a gente. . .

BIFF: *(cortando Happy violentamente)* Cale a boca!

(Sem mais uma palavra, Happy sobe.)

LINDA: Você ! Você nem sequer foi ver se ele estava bem !

BIFF: *(ainda no chão, em frente a Linda, com as flores na mão e com repugnância de si mesmo)* Não. Não fui. Não fiz nada. Que é que você me diz disso, hein? Deixei ele falando sozinho num banheiro.

LINDA: Você é um miserável, um...

BIFF: Agora você acertou. *(Levanta-se e joga as flores na cesta de lixo.)* Você está contemplando a escória do mundo !

LINDA: Vá embora daqui!

BIFF: Tenho que falar com o chefe, mamãe. Onde é que ele está?

LINDA: Você nem vai chegar perto dele. Vá embora desta casa!

BIFF: *(com absoluta determinação)* Não, nós vamos ter uma conversa muito franca, ele e eu.

LINDA: Você não vai falar com ele!

(Ouvem-se ruídos de fora da casa, à direita. Biff volta-se na direção do barulho.)

LINDA: *(implorando subitamente)* Quer fazer o favor de deixá-lo em paz?

BIFF: Que é que ele está fazendo lá fora?

LINDA: Está cultivando o jardim.

BIFF: *(em voz baixa)* Agora? Meu Deus!

(Biff sai e Linda o segue. A luz se apaga sobre eles e cresce no meio do tablado, enquanto Willy entra nele. Ele carrega uma lanterna, uma enxada e uma porção de pacotes de sementes. Dá um golpe na ponta da enxada para deixá-la bem firme, e caminha para a esquerda, medindo as distâncias com o pé. Segura a lanterna para poder ler as instruções nos pacotes de sementes. Está debaixo do luar.)

WILLY: Cenouras. . . separadas um centímetro. Fileiras. . . cada trinta centímetros. (Mede.) Trinta centímetros. *(Põe um pacote no chão e mede.)* Beterrabas. *(Põe no chão outro pacote e mede de novo.)* Alface. *(Lê o pacotinho e o põe no chão.)* Trinta centímetros. . . *(Interrompe-se quando Ben aparece à direita e lentamente dirige-se a ele.)* É uma excelente proposta, ts, ts. Formidável. Esplêndida. Porque ela tem sofrido, Ben, essa mulher tem sofrido muito. Você me compreende? Porque um homem não pode partir do jeito que chegou. Tem que deixar alguma coisa. Não se pode, não se pode. *(Ben dirige-se a ele como para interrompê-lo.)* Você tem que ver todos os lados da questão, Ben. Não responda já. Lembre-se. É uma oferta garantida de vinte mil dólares. Agora escute, Ben, eu quero que você estude comigo todos os detalhes do assunto. Eu não tenho ninguém com quem conversar, Ben, e essa mulher tem sofrido muito, está me ouvindo?

BEN: *(parado, de pé, considerando)* Qual é a proposta?

WILLY: Vinte mil dólares na ficha. Garantidos, sem problema, entende?

BEN: Cuidado para não fazer uma tolice. Eles podem não pagar a apólice.

WILLY: Eles não podem se atrever a isso. Trabalhei como um escravo para pagar pontualmente os prêmios. E agora eles não vão pagar? Impossível!

BEN: Há quem diga que isso é uma covardia, Willy.

WILLY: Por quê? É preciso mais coragem para ficar aqui o resto da minha vida sendo um zero à esquerda!

BEN: *(cedendo)* Esse é um ponto a pensar. *(Caminha, pensando, depois se volta.)* E vinte mil... é uma coisa que se pode pegar. Existe.

WILLY: *(agora confiante, com energia crescente)* Oh, Ben, aí é que está a beleza da coisa. Eu a vejo como se fosse um diamante, um diamante duro e áspero, brilhando na escuridão, e que eu posso apanhar e tocar com a minha mão. Não é simplesmente um ... encontro marcado, uma conversa tola que não leva a lugar algum. Uma coisa dessas muda tudo. Só porque ele pensa que eu não valho nada, Ben, ele procura me humilhar. Mas o meu enterro. . . *(endireitando-se)* Ben, meu enterro vai ser impressionante! Todos eles virão, do Maine, Massachusetts, Vermont, Nova Hampshire. Todos os velhos amigos, com aquelas chapas estranhas nos seus automóveis . . . Esse menino vai levar um golpe, Ben, porque ele nunca percebeu... o quanto eu tenho de prestígio! Rhode Island, Nova York, Nova Jersey. . . Porque eu tenho um prestígio imenso, Ben, e ele vai ver isso com seus próprios olhos, de uma vez por todas. Ele vai ver só quem sou eu, Ben! Esse menino vai levar um choque !

BEN: *(descendo para a ponta do jardim)* Ele vai dizer que você foi um covarde.

WILLY: *(repentinamente amedrontado)* Não, não, isso seria terrível!

BEN: E um idiota completo.

WILLY: Não, não, ele não pode fazer uma coisa dessas! Não posso tolerar isso! *(Fica abatido e desesperado.)*

BEN: Ele vai odiar você, William.

(Ouve-se a alegre música dos rapazes.)

WILLY: Oh, Ben, como é que se pode voltar aos bons tempos de antiga mente? Era tudo tão cheio de luz e de carinho, nós passeávamos de trenó no inverno e eu contemplava o rubor nas faces de meu filho! E havia sempre uma boa notícia chegando, e o futuro era tão cheio de esperança! E ele não me deixava nem carregar minhas maletas, quando eu voltava para casa, e como cuidava daquele carrinho vermelho! Limpava, limpava, até que ficasse brilhando! Por que, por que não posso dar alguma coisa a ele e conseguir que ele não me odeie?

BEN: Deixe-me pensar no assunto. *(Espia o relógio.)* Ainda tenho algum tempo. É uma proposta excelente, mas você não pode fazer papel de bobo.

(Caminha para o fundo do palco e desaparece. Biff surge, vindo da esquerda.)

WILLY: *(subitamente cônscio da presença de Biff volta-se e olha para ele, e, muito confuso, começa a apanhar os pacotinhos de semente)* Onde está essa droga de semente !? *(Indignado)* Não se enxerga nada aqui fora! Eles encaixotaram o quarteirão inteiro!

BIFF: Temos gente de todos os lados, ainda não percebeu?

WILLY: Estou ocupado. Não me aborreça.

BIFF: *(tomando a enxada de Willy)* Vim lhe dizer adeus, papai. *(Willy olha para ele, em silêncio, incapaz de se mover.)* Não vou voltar nunca mais.

WILLY: Você não vai se encontrar com Oliver amanhã?

BIFF: Não tenho encontro nenhum, papai.

WILLY: Ele pôs o braço no seu ombro e você não tem encontro nenhum?

BIFF: Papai, compreenda isto de uma vez, está bem? Toda vez que eu fui embora, foi por causa de uma briga. Hoje eu compreendi uma coisa a respeito de mim mesmo e procurei explicar para você e eu... eu acho que não sou inteligente o bastante para fazer você entender. Não interessa de quem é a culpa, isso não importa. *(Pega Willy pelo braço.)* Vamos acabar com isso, está bem? Venha, vamos dizer à mamãe. *(Gentilmente tenta conduzir Willy para a esquerda.)*

WILLY: *(gelado, imóvel, com voz culposa)* Não, eu não quero vê-la.

BIFF: Venha comigo ! *(Puxa de novo e Willy resiste.)*

WILLY: *(muito nervoso)* Não, não, eu não quero vê-la.

BIFF: *(olha bem dentro dos olhos de Willy, como que procurando a resposta lá)* Por que você não quer vê-la?

WILLY: *(ainda mais agressivo)* Quer me deixar em paz?

BIFF: Mas por que você não quer vê-la? Você não quer que ela chame você de covarde, não é? A culpa não é sua, é minha, eu sou um vagabundo. Agora venha para dentro*!* *(Willy tenta soltar-se dele.)* Você ouviu o que eu disse?

(Willy livra-se dele e entra sozinho na casa; Biff o segue.)

LINDA: *(a Willy)* Plantou as sementes, querido?

BIFF: *(na porta, a Linda)* Já combinamos tudo, mamãe. Eu vou embora e não vou escrever mais.

LINDA: *(caminhando para Willy, na cozinha)* Acho que é a melhor solução, querido. Porque é inútil insistir, vocês nunca vão se entender.

(Willy não responde.)

BIFF: Se alguém perguntar onde estou e o que estou fazendo, você não sabe nem se interessa. Assim você não se preocupa mais comigo e as coisas vão melhorar para você. Está bem? Combinado? *(Willy está quieto e Biff vai*

até ele.) Vai me desejar boa sorte, campeão? *(Estende a mão.)* O que me diz?

LINDA: Aperte a mão dele, Willy.

WILLY: *(virando-se para ela, muito dolorido)* Não há necessidade de mencionar a caneta.

BIFF: *(gentilmente)* Não tenho nenhum encontro, papai.

WILLY: *(com um acesso de ira)* Ele pôs o braço no seu ombro. . . ?

BIFF: Papai, você nunca vai me ver como eu sou, o que adianta discutir? Se eu descobrir petróleo eu lhe mando um cheque. Enquanto isso, esqueça que eu existo.

WILLY: *(a Linda)* Você vê quanto rancor?

BIFF: Aperte aqui, papai.

WILLY: Não a minha mão.

BIFF: Não queria ir embora assim.

WILLY: Mas é assim que você vai. Adeus.

(Biff olha para ele por um instante, depois vira-se bruscamente e vai para a escada.)

WILLY: *(Biff pára com o grito)* Se você abandonar esta casa, quero que apodreça no inferno!

BIFF: *(virando-se)* Mas o que é que você quer de mim?

WILLY: Quero que você saiba, nos trens, nas montanhas, nos vales, onde quer que você vá, que você destruiu a sua vida por rancor!

BIFF: Não, não.

WILLY: Rancor, rancor, essa é a palavra! E quando você estiver inteiramente na sarjeta, lembre-se disso ! Quando você estiver apodrecendo

por aí, no meio da rua, lembre-se disso e não ouse pôr a culpa em mim !

BIFF: Eu não estou pondo a culpa em você !

WILLY: Isso você não vai jogar na minha cara, ouviu?

(Happy desce a escada e pára no último degrau, olhando.)

BIFF: Mas é isso mesmo que eu estou lhe dizendo !

WILLY: *(afundando numa cadeira, acusador)* Você está querendo enterrar uma faca no meu peito, não pense que eu não percebi!

BIFF: Muito bem, seu farsante. Vamos pôr tudo em pratos limpos.

(Tira do bolso o tubo de borracha e o põe em cima da mesa.)

HAPPY: Seu maluco. . .

LINDA: Biff! *(Faz um gesto para pegar o tubo, mas Biff não deixa.)*

BIFF: Deixe isso aí! Não mexa!

WILLY: *(sem olhar)* O que é isso?

BIFF: Você sabe muito bem o que é.

WILLY: *(encurralado, tentando escapar)* Eu nunca vi isso.

BIFF: Viu, sim. Não foi o rato que levou isso para o porão. Que é que você pretendia com isso, bancar o herói? Isso era pra eu ficar com pena de você?

WILLY: Não sei o que é isso.

BIFF: Ninguém vai sentir pena de você, entendeu? Ninguém !

WILLY: *(a Linda)* Você vê quanto rancor?

BIFF: Você vai ouvir a verdade... o que você é e o que eu sou !

LINDA: Pare com isso!

WILLY: Rancor!

HAPPY: *(descendo em direção a Biff)* Agora chega!

BIFF: *(a Happy)* O homem não sabe quem somos nós! Agora ele vai saber! *(A Willy)* Nenhum de nós jamais disse a verdade nesta casa!

HAPPY: Nós sempre dissemos a verdade !

BIFF: *(virando-se para ele)* Você, seu grande palhaço ! Você é assistente da gerência? Você é um dos dois assistentes do assistente, não é?

HAPPY: Bem, eu praticamente . . .

BIFF: Você praticamente é merda nenhuma! Nós todos somos. E eu estou cheio disso. *(A Willy)* Agora, Willy, preste atenção: este sou eu.

WILLY: Eu conheço você!

BIFF: Você sabe por que eu não tive endereço durante três meses? Eu roubei um terno em Cansas City e estava na cadeia. *(a Linda, que está soluçando)* Pare de chorar. Não agüento mais isso.

(Linda se afasta deles, cobrindo o rosto com as mãos.)

WILLY: E a culpa é minha?

BIFF: E eu saí de todo bom emprego que tive desde que deixei o ginásio!

WILLY: E de quem é a culpa?

BIFF: E eu nunca consegui nada na vida porque você me encheu a cabeça de vento e eu jamais suportei receber ordens de ninguém ! Aí está de quem é a culpa!

WILLY: E eu ainda tenho que ouvir isso!

LINDA: Chega, Biff!

BIFF: Já está na hora de ouvir isso! Eu tinha que ser o patrão e o dono por quinze dias, e estou cheio disso!

WILLY: Então enforque-se ! Vá, rancoroso, enforque-se !

BIFF: Não! Ninguém vai se enforcar, Willy ! Hoje eu desci onze andares correndo, com uma caneta na mão. E de repente eu parei. Ouviu? E no meio daquele prédio, ouviu bem? Eu parei no meio daquele prédio e eu vi... o céu. E vi as coisas que eu amo neste mundo. O trabalho e a comida e o tempo de sentar e fumar um cigarro. Olhei para a caneta e me perguntei: por que é que eu estou roubando isto? Por que estou tentando ser uma coisa que eu não quero ser? O que é que eu estou fazendo num escritório, como um idiota, quando tudo que eu quero está lá fora, esperando por mim no minuto em que eu disser que eu sei quem eu sou? Por que não posso dizer isso, Willy? *(Tenta fazer com que Willy olhe para ele, mas Willy o repele e anda para a esquerda.)*

WILLY: *(com ódio, ameaçador)* As portas de sua vida estão abertas de par em par!

BIFF: Papai, eu sou um zero à esquerda, e você também !

WILLY: *(virando-se para Bijf,furioso e sem controle)* Eu não sou um zero à esquerda! Eu sou Willy Loman, e você é Biff Loman!

(Biff avança para Willy, mas é contido por Happv. Na sua fúria, Biff parece que vai bater no pai.)

BIFF: Eu não sou um grande homem, Willy, e você também não. Você nunca passou de um homem que trabalhou duro a vida inteira e terminou na lata de lixo, como todos os outros! E eu, Willy, eu sou um assalariado de um dólar por hora! Tentei em sete Estados e não consegui mais. Um dólar por hora! Será que você compreende o que eu digo? Eu já não trago prêmios para casa e você tem que se acostumar com isso!

WILLY: *(diretamente a Biff)* Vingativo, rancoroso!

(Biff livra-se. de Happv. Willv, com medo, vai subir a escada. Biff o agarra.)

BIFF: *(no auge da fúria)* Papai, eu não sou nada! Eu não sou nada, papai! Será que você não compreende isso? Não há mais nenhum rancor. Eu só

sou o que eu sou, nada mais.

(A fúria de Biff se extinguiu. Ele cai, soluçando, e se apóia em Willy, que procura o rosto de seu filho.)

WILLY: *(atônito)* O que é isso? O que é isso? *(A Linda)* Por que ele está chorando?

BIFF: *(chorando, alquebrado)* Você quer me deixar ir embora, pelo amor de Deus? Você quer abandonar esse sonho inútil antes que aconteça o pior? *(Lutando para se conter, ele se levanta e vai à escada.)* Eu vou embora de manhã. Leve-o. . . leve-o para a cama. *(Exausto, Biff sobe a escada e vai para seu quarto.)*

WILLY: *(depois de uma longa pausa, atônito e reconfortado)* Mas não é. . . não é uma coisa notável? Biff. . . Ele gosta de mim !

LINDA: Ele ama você, Willy !

HAPPY *(muito comovido)* Sempre amou, papai.

WILLY: Oh, Biff! *(Com os olhos muito abertos)* Ele chorou! Chorou para mim! *(Está afogado de carinho, e agora grita sua promessa.)* Esse menino. . . esse menino vai ser formidável!

(Ben aparece na luz da cozinha.)

BEN: Excepcional. . . com vinte mil dólares atrás dele.

LINDA: *(percebendo os vertiginosos pensamentos de Willy, com muito cuidado)* Agora venha dormir, Willy. Já está tudo acertado.

WILLY: *(achando difícil não sair correndo da casa)* Isso. Vamos dormir. Vamos. Vá dormir, Hap.

BEN: E só um grande homem é que se impõe numa selva.

(O tema de Ben surge, em tons temíveis.)

HAPPY: *(com o braço à volta de Linda)* Eu vou me casar, papai, não se esqueça. Vou mudar em tudo. Vou ser chefe do meu departamento, antes do fim do ano. Você vai ver, mamãe. *(Beija-a.)*

BEN: A selva é escura, mas está cheia de diamantes, Willy.

(Willy se volta e anda, prestando atenção em Ben.)

LINDA: Seja bom. Vocês são dois bons meninos; procedam como tal. Só isso.

HAPPY: Boa noite, papai. (Sobe.)

LINDA: *(a Willy)* Vamos, querido.

BEN: *(com mais força)* É preciso entrar nela para extrair um diamante.

WILLY: *(a Linda, enquanto caminha lentamente em direção à porta da cozinha)* Quero me acalmar um pouco, Linda. Deixe-me ficar sozinho um instante.

LINDA: *(quase revelando seu temor)* Quero você lá em cima.

WILLY: *(tomando-a nos braços)* Daqui a pouquinho, Linda. Agora eu não vou conseguir dormir. Vá você, você está muito cansada. *(Ele a beija.)*

BEN: Não é conversa fiada. Um diamante é uma coisa tangível.

WILLY: Vá, meu bem. Eu subo já.

LINDA: Acho que foi o melhor jeito, Willy.

WILLY: Claro, o melhor.

BEN: O melhor!

WILLY: O único jeito. Tudo vai ser. . . suba, menina, vá dormir. Você parece tão cansada.

LINDA: Venha logo.

WILLY: Dois minutos. *(Linda entra na sala, e depois reaparece em seu quarto. Willy sai pela porta da cozinha.)* Ele me ama. *(Maravilhado.)* Sempre me amou. Não é notável? Ben, ele vai me adorar, agora.

BEN: *(prometendo)* Lá é escuro, mas está cheio de diamantes.

WILLY: Você já imaginou esse rapaz maravilhoso, com vinte mil dólares no bolso?

LINDA: *(chamando do quarto)* Willy ! Suba, meu bem.

WILLY: *(para o lado da cozinha)* Já vou, já vou! É uma coisa inteligente, você percebe, não é, meu amor? Até Ben concorda. Eu tenho que ir, meu amor. Adeus. *(Indo para Ben, quase dançando)* Já pensou? Assim que o correio chegar, ele estará de novo na frente de Bernard !

BEN: Um negócio perfeito em todos os sentidos.

WILLY: Você viu como ele chorou para mim? Oh, se eu pudesse beijá-lo, Ben !

BEN: O tempo, William, o tempo !

WILLY: Oh, Ben, eu sempre soube que mais cedo ou mais tarde nós íamos nos entender, Biff e eu !

BEN: *(olhando o relógio)* O navio. Vamos chegar atrasados. *(Lentamente, desaparece na escuridão.)*

WILLY: *(virando-se para a casa, como num lamento)* Agora, menino, quando o jogo começar, eu quero ver você correndo na frente de todos, e quando você atirar em gol, atire forte, meu filho, porque isso é muito importante. *(Gira sobre si mesmo e contempla a platéia.)* Há muita gente importante prestando atenção em você, e a primeira coisa é. . . *(De repente, percebendo que está sozinho)* Ben! Ben, onde eu. . . ? *(Procurando)* Ben, como é que eu . . . ?

LINDA: *(chamando)* Willy, você não vai subir?

WILLY: *(num murmúrio de temor e como que para acalmá-la)* Sh! *(Vira-se como que para achar o seu caminho; ruídos, vozes e rostos parecem estar girando sobre ele e ele parece espancá-los, gritando)* Sh ! Sh ! *(É interrompido pela chegada da música, que cresce em intensidade, até quase se transformar num grito. Ele se movimenta para cima e para baixo na ponta dos pés, e sai correndo em volta da casa.)* Shhh !

LINDA: Willy?

(Não há resposta. Linda espera. Biff se levanta da cama. Está ainda vestido. Happy também se levanta e senta na cama. Biff, de pé, presta atenção.)

LINDA: *(com visível medo)* Willy, responda! Willy!

(Ouve-se o som de um carro dando partida e correndo a toda a velocidade.)

LINDA: Não!

BIFF: *(correndo pela escada abaixo)* Papai!

(À medida que a velocidade do carro aumenta, a música se transforma num frenesi de sons, e depois muda para o suave pulsar de uma simples corda de celo. Biff lentamente volta para seu quarto. Ele e Happy, gravemente, põem os paletós. Linda sai lentamente de seu quarto. A música se transformou numa marcha fúnebre. As folhas do dia aparecem sobre todo o espaço. Charley e Bernard, sobriamente vestidos, aparecem e batem na porta da cozinha, Biff e Happy lentamente descem para a cozinha, enquanto Charley e Bernard entram. Todos param quando Linda, vestida de luto e com um pequeno buquê de rosas, vem da porta da sala para a cozinha. Ela vai a Charley e toma-lhe o braço. Agora todos caminham na direção do público, através da "parede"da cozinha. No limite do palco. Linda deixa as flores no chão, ajoelha-se e senta-se sobre os calcanhares. Todos contem piam a tumba.)

RÉQUIEM

CHARLEY: Já está escurecendo, Linda.

(Ela não reage. Olha para a tumba.)

BIFF: Vamos, mamãe? Você precisa descansar. Eles já vão fechar o cemitério.

(Ela não se mexe. Pausa.)

HAPPY: *(profundamente ressentido)* Ele não tinha o direito de fazer isso. Não havia necessidade. Nós o teríamos ajudado.

CHARLEY: *(murmurando)* Humm. . .

BIFF: Vamos, mamãe.

LINDA: Por que não veio ninguém?

CHARLEY: Foi um enterro muito digno.

LINDA: Mas onde estão todos aqueles que ele conheceu? Quem sabe eles o culparam?

CHARLEY: Não. É um mundo cruel, Linda. Ninguém o culpou.

LINDA: Não compreendo. Principalmente agora. Pela primeira vez em trinta e cinco anos, estava tudo pago. Ele só precisava de um pequeno salário. Até o dentista estava pago.

CHARLEY: Homem algum precisa apenas de um pequeno salário.

LINDA: Não compreendo.

BIFF: Houve muitos dias felizes. Quando ele voltava de uma viagem; ou aos domingos, quando ele construía a varanda; terminando o porão, fazendo o novo alpendre; quando construiu o outro banheiro ou quando fez a garage.

Sabe de uma coisa, Charley, existe mais de meu pai ali naquela varanda do que em todas as vendas que ele fez.

CHARLEY: É. Ele era um homem feliz com uma pá cheia de cimento.

LINDA: Era tão maravilhoso com suas mãos.

BIFF: Teve os sonhos errados. Todos errados.

HAPPY: *(quase pronto a brigar com Biff)* Não diga isso!

BIFF: Ele nunca soube quem ele era.

CHARLEY: *(detendo o movimento e a resposta de Happy; a Biff)* Que ninguém acuse este homem. Você não compreende. Willy era um caixeiro-viajante. E para um caixeiro-viajante, não há terra firme na vida. Ele não coloca uma rosca num parafuso. Não diz qual é a lei nem receita um remédio. É um homem solto no espaço, cavalgando num sorriso e num sapato brilhante. E se eles não devolvem o sorriso. . . é um terremoto.
E quando surgem algumas manchas no chapéu, está liquidado.
Que ninguém acuse este homem. Um caixeiro-viajante precisa sonhar, rapaz. Faz parte de sua vida.

BIFF: Charley, o homem não sabia quem era.

HAPPY: *(furioso)* Não diga isso!

BIFF: Por que você não vem comigo, Happy?

HAPPY: Eu não sou destruído assim tão facilmente. Vou ficar nesta cidade e vou vencer essa canalha! *(Olha para Biff, decidido.)* Os Irmãos Loman!

BIFF: Eu sei quem sou, rapaz.

HAPPY: Muito bem. Eu vou mostrar a você e a todos que Willy Loman não morreu em vão. Ele teve um sonho digno. O único sonho que vale a pena ter. . . ser o número um. Ele lutou por isso aqui, e é aqui que eu vou triunfar em nome dele.

BIFF: *(com um olhar desesperançado a Happy, dirige-se a sua mãe)* Vamos, mamãe.

LINDA: Eu vou daqui a um minuto. Vá indo, Charley. *(Ele hesita.)* Só quero um minuto. Eu nunca pude dizer adeus a ele.

(Charley se distancia, seguido de Happy. Biff se afasta um pouco e fica parado, à esquerda de Linda. Ela fica sentada, concentrando-se. A flauta começa a tocar e continua durante a fala de Linda.)

LINDA: Perdoe-me, meu querido, eu não consigo chorar. Não sei por que, mas não consigo chorar. Não entendo. Por que é que você fez isso? Ajude-me, Willy, eu não consigo chorar. Parece que você só foi fazer mais uma viagem. E eu fico esperando você. Willy, meu querido. Não consigo chorar. Por que é que você fez isso? Eu procuro a resposta e não consigo encontrar, Willy. Hoje eu fiz o último pagamento da casa. Hoje, querido. E não haverá ninguém nela. *(Um soluço sobe a sua garganta.)* Não estamos devendo nada a ninguém. Estamos livres de obrigações. *(Soluçando mais aliviada.)* Estamos livres. . . *(Biff vem lentamente para ela.)* Estamos livres. . . livres. . .

Biff a ajuda a levantar-se e caminha para a direita, abraçado a ela. Linda soluça silenciosa mente. Bernard e Charley vêm a eles e os acompanham, seguidos de Happy, apenas a música da flauta permanece no palco que se vai escurecendo, à medida que se iluminam os ásperos perfis dos prédios de apartamentos, enquanto

CAI O PANO

Arthur Miller

A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE

1949

****

Ebook original composto por duas peças, Um Bonde Chamado Desejo e A Morte do Caxeiro Viajante.

Revisado, e contido neste ebook, somente a peça A Morte do Caxeiro Viajante.

Capa Feita

Epub Feito: Outubro/2019